



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO**

**A PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE BARACK
OBAMA NO JORNALISMO DAS REVISTAS VEJA E
ÉPOCA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – JORNALISMO

Daniela Andrade Torres de Bem

Porto Alegre, RS, Brasil

2011

A PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE BARACK OBAMA NO JORNALISMO DAS REVISTAS VEJA E ÉPOCA

Daniela Andrade Torres de Bem

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social – habilitação Jornalismo, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, como requisito parcial para obtenção do grau de **Bacharel em Comunicação Social – habilitação Jornalismo.**

Orientadora: Ms. Daiane Bertasso Ribeiro

Co-orientadora: Dra. Marcia Benetti Machado

Porto Alegre, RS, Brasil

2011

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo**

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova o Trabalho de Conclusão de Curso**

**A PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE BARACK OBAMA NO
JORNALISMO DAS REVISTAS VEJA E ÉPOCA**

elaborado por
Daniela Andrade Torres de Bem

como requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo

COMISSÃO EXAMINADORA:

Daiane Bertasso Ribeiro, Ms. (UFRGS)
(Presidente/Orientadora)

Marcia Benetti Machado, Dra. (UFRGS)
(Co-Orientadora)

Sean Hagen, Dr. (UFRGS)

Sabrina Franzoni, Ms. (UFRGS)

Porto Alegre, 04 de julho de 2011.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, acima de tudo, a Deus. Aos meus pais e irmãos por sempre acreditarem em minha capacidade. Ao meu namorado, pela compreensão e pelo apoio. A minha orientadora, Daiane Bertasso, pela dedicação, pela vontade de ensinar e pela paciência. E a minha professora e co-orientadora, Marcia Benetti, pela prontidão em ajudar e em partilhar seus conhecimentos.

RESUMO

Partindo das teorias construcionistas do jornalismo, propomos neste trabalho analisar a produção de sentidos sobre Barack Obama nas revistas *Veja* e *Época* durante o ano de 2008 – ano eleitoral nos Estados Unidos. O objetivo é compreender quais sentidos esses dois veículos de comunicação produzem sobre Obama. Com esse propósito, buscamos identificar quais as características e atributos que as revistas usam ao se referir ao político, mapeando-os através de marcas discursivas. Além disso, buscamos verificar se as publicações apresentaram em seus textos estratégias discursivas que nos remetem a narrativa mítica da jornada do herói. A seleção do corpus da pesquisa levou em conta as edições que, nesse período, trouxeram o assunto como matéria principal ou chamada secundária nas capas. Ao todo, foram selecionados seis exemplares – três edições da revista *Veja* e três da revista *Época*. A metodologia que utilizamos foi a Análise do Discurso de linha francesa. Foram mapeadas, na revista *Veja*, 101 sequências discursivas que nos levou a identificar nove formações discursivas (FDs) – núcleos de sentidos através dos quais Obama é representado: FD 1 – Inovação e esperança frente à política tradicional; FD 2 – A estrela; FD 3 – O conciliador; FD 4 – A resposta das lutas do movimento dos direitos civis; FD 5 – Vencedor de obstáculos; FD 6 – O novo Kennedy?; FD 7 – Ph.D em diversidade; FD 8 – O candidato do mundo; e FD 9 – Obama não é Lula. Na revista *Época*, foram 112 sequências discursivas agrupadas em sete FDs: FD 1 – Uma vida de superação; FD 2 – Um marco histórico; FD 3 – Apesar das inseguranças do futuro, a melhor alternativa; FD 4 – A celebridade; FD 5 – Um fenômeno, muito mais que um político; FD 6 – O novo Kennedy; FD 7 – Obama é Lula?. A análise nos permitiu perceber que as duas revistas produziram sentidos que retratam Obama de maneira positiva. O discurso das publicações possui marcas discursivas que nos levam a compreender Obama como a personificação da esperança e da mudança. *Veja* e *Época* produzem, ainda, sentido de que Obama é um herói, ao relatarem os obstáculos e desafios que precisou vencer para chegar a ser presidente dos Estados Unidos.

Palavras-chave: Jornalismo; Produção de sentidos; *Veja*; *Época*; Barack Obama.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – VEJA, 16/01/2008, capa.....	59
Figura 2 - VEJA, 11/06/2008, capa.....	59
Figura 3 - VEJA, 12/11/2008, capa.....	60
Figura 4 - ÉPOCA, 18/02/2008, capa.....	60
Figura 5 - ÉPOCA, 3/11/2008, capa.....	61
Figura 6 - ÉPOCA, 10/11/2008, capa.....	61
Figura 7 - VEJA, 16/01/2008, capa.....	64
Figura 8 - VEJA, 16/01/2008, p. 56-57.....	64
Figura 9 - VEJA, 11/06/2008, p. 96-97.....	70
Figura 10 - VEJA, 12/11/08, p.76-77.....	71
Figura 11 – VEJA, 11/06/08, p.100-101.....	74
Figura 12 - ÉPOCA, 18/02/08, p.78-79.....	79
Figura 13 - ÉPOCA, 10/11/08, p.102-103.....	81
Figura 14 - ÉPOCA, 03/11/08, p.84-85.....	81
Figura 15 - ÉPOCA, 10/11/08, capa.....	82
Figura 16 - ÉPOCA, 18/02/08, p.76-77.....	86
Figura 17 - ÉPOCA, 10/11/08, p.106.....	86
Figura 18 - ÉPOCA, 10/11/08, p.110-111.....	87
Figura 19 - ÉPOCA, 18/02/08, capa.....	88

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	V
1. INTRODUÇÃO.....	8
1.1. Justificativa.....	9
1.2. Objetivos.....	9
1.3. Metodologia.....	10
2. A VIDA DE BARACK HUSSEIN OBAMA II.....	12
2.1. A trajetória político-partidária de Barack Obama.....	25
3. JORNALISMO E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS.....	37
3.1. Jornalismo de revista.....	47
3.2. Jornalismo como narrativa: a jornada do herói.....	52
4. ANÁLISE.....	58
4.1. A produção de sentidos sobre Obama na revista Veja.....	62
4.1.1. Inovação e esperança frente à política tradicional (FD1).....	63
4.1.2. A estrela (FD2).....	66
4.1.3. O conciliador (FD 3).....	67
4.1.4. A resposta das lutas do movimento dos direitos civis (FD 4).....	69

4.1.5. O vencedor de obstáculos (FD 5).....	71
4.1.6. O novo Kennedy? (FD 6).....	72
4.1.7. Ph.D em diversidade (FD 7).....	74
4.1.8. O candidato do mundo (FD 8).....	76
4.1.9. Obama não é Lula (FD 9).....	76
4.2. A produção de sentidos sobre Obama na revista Época.....	77
4.2.1. Uma vida de superação (FD1).....	78
4.2.2 Um marco histórico (FD 2).....	81
4.2.3 Apesar das inseguranças do futuro, a melhor alternativa (FD 3).....	83
4.2.4. Celebridade (FD 4).....	85
4.2.5. Um fenômeno, muito mais que um político (FD 5).....	88
4.2.6. O novo Kennedy (FD 6).....	91
4.2.7. Obama é Lula? (FD 7).....	92
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS.....	98
APÊNDICES.....	101

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, pretendemos analisar a produção de sentidos sobre Barack Obama no jornalismo das revistas semanais brasileiras *Veja* e *Época* durante o ano de 2008. Barack Hussein Obama II foi eleito, em novembro de 2008, à presidência dos Estados Unidos. Durante esse ano, em que aconteceram as eleições prévias e a eleição final ao cargo, o candidato tornou-se um expoente na política mundial.

Em um país com forte segregação racial, a chegada de um político negro com chances reais de se eleger presidente foi um importante acontecimento histórico. Além disso, o segundo mandato do republicano George W. Bush¹ estava sendo um fracasso: um governo impopular, guerras que geravam gastos exorbitantes à nação e uma crise financeira que deixou milhões de desempregados. A política de intervencionismo causava a impopularidade não só na esfera nacional dos Estados Unidos, mas também na esfera internacional.

Nesse contexto, a figura de Barack Obama ascendeu. A sua imagem passou a ser conhecida nos Estados Unidos em 2004, depois de vencer as eleições para o senado federal pelo estado de Illinois. Em 2007, após decidir sobre a candidatura à presidência e lançar a campanha para a disputa pela indicação do partido democrata com Hillary Clinton², Obama começou a ter visibilidade mundial.

Veja e *Época* também deram visibilidade ao assunto. O tema dessa pesquisa surgiu pela observação inicial das capas dessas revistas, que parecem associar a imagem do

¹ George W. Bush foi o 43º presidente dos Estados Unidos. Governou o país por dois mandatos: 2001-2004; 2005-2008. O republicano Bush, antes da presidência, foi governador do estado do Texas por seis anos. (THE WHITE HOUSE, 2011)

² Hillary Clinton é advogada e atual secretária de Estado dos Estados Unidos. Esposa do ex-presidente Bill Clinton, Hillary atuou como primeira-dama de 1993 a 2001. Foi eleita senadora pelo estado de Nova York em novembro de 2000. Concorreu e perdeu a disputa para candidatura democrata para a presidência com o atual presidente Barack Obama. (THE WHITE HOUSE, 2011)

candidato, principalmente, à ideia de mudança e a de que ele seria a esperança política global. As reportagens retratam a trajetória pessoal e política do candidato, enfatizando questões como raça e origem multicultural. Para entender melhor quais são os sentidos produzidos sobre Obama nesses veículos, foram escolhidos para análise exemplares que trouxeram matéria ou chamada na capa sobre o assunto durante o ano de 2008 – período no qual os eleitores foram às urnas.

1.1. Justificativa

O jornalismo de revista foi o selecionado para a pesquisa do tema, por trazer uma abordagem diferente da cotidiana. Nas revistas semanais, em relação ao jornalismo diário, os fatos são discutidos através de reportagens mais amplas, com profundidade maior. Nesse caso, além de trazer detalhes factuais sobre a corrida eleitoral, as revistas trabalham a imagem do candidato, trazendo informações sobre a sua vida e sobre o contexto histórico e social no qual a candidatura está inserida. Adotam o estilo de uma narrativa, destoando das notícias curtas e mais objetivas, que costumam apenas relatar uma série de fatos.

Veja e Época foram escolhidas dentre as outras revistas semanais brasileiras de jornalismo por serem as de maior circulação nacional. Juntas elas alcançam quase um milhão e meio de leitores³. Além disso, são direcionadas a um público com poder aquisitivo maior, das classes A e B. Esses leitores possuem um nível de instrução acima da média nacional e são considerados formadores de opinião. Por isso, as duas publicações são importantes como objeto empírico, pois tem a capacidade de influir na percepção da realidade dos leitores, muitos dos quais fazem parte da parcela que comanda o Brasil. Ademais, os rumos da política estadunidense influenciam diretamente o cenário global, visto que o país continua sendo a grande potência mundial, apesar do crescimento de emergentes como China, Índia e Brasil.

Diante da visibilidade internacional dada a Barack Obama durante o ano de 2008 e o clima de esperança que se formou em torno da candidatura do político e, pela importância das revistas Veja e Época como formadoras de opinião no contexto brasileiro, essa pesquisa se propõe a responder a seguinte questão: Quais sentidos sobre Barack Obama são produzidos pelo discurso das revistas Veja e Época durante o ano eleitoral de 2008?

1.2. Objetivos

³ Veja teve uma média semanal de circulação de 1.083.742 exemplares, de janeiro a junho de 2010. Época, nesse mesmo período, teve circulação média semanal de 409.028 exemplares (ANER, 2011).

Nosso objetivo geral é compreender quais sentidos o discurso das revistas *Veja* e *Época* produzem sobre Barack Obama durante o ano eleitoral de 2008. Para tanto, nossos objetivos específicos são:

- Identificar quais as características e atributos que as revistas utilizam para se referir ao político e a sua capacidade de ascender ou não ao poder, tanto na capa quanto nas reportagens;
- Analisar, através das marcas discursivas, quais os sentidos produzidos sobre Obama nas revistas e a partir de que pressupostos eles são construídos;
- Verificar se as revistas apresentam em seus textos estratégias discursivas que nos remetem a narrativa mítica da jornada do herói.

1.3. Metodologia

Para investigar quais os sentidos produzidos pelas revistas *Veja* e *Época* sobre Obama, utilizamos o método da análise de discurso de linha francesa. Consideramos que essa é a metodologia mais eficaz, visto que compreendemos o jornalismo a partir das teorias construcionistas e o entendemos como uma prática discursiva que produz sentidos sobre o mundo.

A proposta de organização metodológica que seguimos neste trabalho é a apresentada por Benetti (2007). A autora propõe uma análise, primeiramente, textual. São feitos os mapeamentos de formações discursivas (FD) – sentidos nucleares construídos por pequenos significados, ligados ao contexto de produção do discurso. Em torno desses sentidos, são agrupadas sequências discursivas (SD) – palavras ou frases – que reiterem esses sentidos nucleares.

O corpus da pesquisa levou em conta as edições que, nesse período, trouxeram o assunto como matéria principal ou chamada secundária nas capas. Ao todo, foram selecionados seis exemplares – três edições da revista *Veja* e três da revista *Época*. As edições analisadas da revista *Veja* foram: 2043, de 16 de janeiro de 2008; 2064, de 11 de junho de 2008; e 2086, de 12 de novembro de 2008. Da revista *Época*, foram estudadas as edições 509, de 18 de fevereiro de 2008; 546, de 3 de novembro de 2008; e a 547, de 10 de novembro de 2008.

Foram mapeadas, na revista *Veja*, 101 sequências discursivas que nos levou a identificar nove formações discursivas (FDs): FD 1 – Inovação e esperança frente à política

tradicional; FD 2 – A estrela; FD 3 – O conciliador; FD 4 – A resposta das lutas do movimento dos direitos civis; FD 5 – Vencedor de obstáculos; FD 6 – O novo Kennedy?; FD 7 – Ph.D em diversidade; FD 8 – O candidato do mundo; e FD 9 – Obama não é Lula. Na revista *Época*, foram 112 sequências discursivas agrupadas em sete FDs: FD 1 – Uma vida de superação; FD 2 – Um marco histórico; FD 3 – Apesar das inseguranças do futuro, a melhor alternativa; FD 4 – A celebridade; FD 5 – Um fenômeno, muito mais que um político; FD 6 – O novo Kennedy; FD 7 – Obama é Lula?.

Nosso trabalho está organizado em cinco capítulos, partindo desta introdução. No segundo capítulo, fizemos uma contextualização história sobre a vida de Barack Obama e sobre a sua trajetória na política. No terceiro, apresentamos o jornalismo sob a perspectiva das teorias construcionistas. Discorremos sobre o jornalismo e a produção de sentidos, através de uma reflexão de como são produzidas as notícias e de um entendimento do jornalismo como uma prática discursiva. Apresentamos o jornalismo como uma forma de narrativa e aproximamos o modo de narrar das revistas estudadas à proposta da narrativa mítica da jornada do herói. Ainda neste terceiro capítulo, tratamos sobre o jornalismo de revista e suas especificidades, bem como da importância de *Veja* e *Época* no cenário brasileiro. No quarto capítulo, mostramos os resultados da análise de discurso, a fim de compreender a produção de sentidos realizada por cada uma das revistas em estudo. No quinto e último capítulo fazemos as considerações finais do nosso trabalho, que nos permitiu perceber que as duas revistas produziram sentidos que retratam Obama de maneira positiva. O discurso das publicações, através das diversas marcas discursivas, leva-nos a entender Obama como a personificação da esperança e da mudança. Ao mesmo tempo, *Veja* e *Época* produzem sentido de que Obama é um herói quando contam as dificuldades e as barreiras que o político venceu durante a caminhada rumo à Casa Branca.

2. A VIDA DE BARACK HUSSEIN OBAMA II

A fim de analisarmos quais os sentidos produzidos sobre Obama nas revistas *Veja* e *Época* durante o ano eleitoral de 2008 nos Estados Unidos - é necessário, primeiramente, entendermos quem é Obama e o que representa a sua ascensão.

Os livros que utilizamos para traçar o perfil de Obama, bem como trazer referências históricas dos Estados Unidos, são a autobiografia “A origem dos meus sonhos” (1995)⁴ e a biografia “A ponte: Vida e ascensão de Barack Obama” (2010), do jornalista David Remnick⁵. A primeira foi escrita por Obama antes de sua ascensão política e é uma busca do autor pelo sentido de identidade e de raça. Já a outra, uma biografia escrita pelo jornalista da revista “*The New Yorker*”⁶, traz à tona a história pessoal de Obama até a eleição presidencial. Retoma ainda a história do movimento pelos direitos civis e outros pontos importantes para o país, que se misturam à realidade do político.

Barack Hussein Obama II é filho de uma norte-americana com um africano nascido no Quênia. A diversidade étnica herdada foi a marca registrada da campanha. No entanto, a realidade durante grande parte da sua vida não foi essa. Obama foi criado somente pela mãe e conheceu o Quênia e a família africana depois de adulto, quando já tinha 26 anos (OBAMA, 2008; REMNICK 2010).

A família do lado materno de Obama era originária do Kansas, um estado considerado conservador – branco, protestante e anglo-saxão. Os pais da avó Madelyn Lee Payne, que Obama chama carinhosamente de Toot, eram de descendência escocesa e inglesa. Uma família típica norte-americana, republicana de classe média. Já o avô de Barack Obama,

⁴ A edição brasileira que estamos utilizando como referência é de 2008.

⁵ David Remnick é editor da revista norte-americana *The New Yorker* desde 1998. Escritor de diversas obras, entre elas *Lenin's Tomb*, pela qual recebeu o prêmio Pulitzer. O último livro lançado foi a biografia de Barack Obama (NEWYORKER, 2011).

⁶ Revista de informação semanal norte-americana publicada desde 1925. (NEWYORKER, 2011)

Stanley, vinha de um lar desestruturado. Ele e o irmão eram criados pelos avós, pois o pai os abandonou e a mãe se suicidou quando tinha apenas oito anos. (OBAMA, 2008; REMNICK, 2010).

Em seu livro, Obama (2008) descreve o avô como um aventureiro, um tanto irresponsável. Contudo, ele o vê, também, como um livre pensador, alguém que falava e defendia a liberdade. Apesar de não ser ligada a nenhuma ideologia específica, a família da mãe de Obama poderia ser definida como liberal. Era uma minoria para época, pois aprovava a visão de democratas. O estilo aventureiro do avô não deixava que a família criasse raízes. O avô, a avó e a mãe de Obama mudavam-se de cidade com bastante frequência. Em junho de 1960, os três vão morar no Havaí (OBAMA, 2008).

Segundo Remnick (2010), o Havaí, anexado ao território americano em 1900, tornou-se um estado em 1959. Uma região que diferia das demais, conhecida por aceitar diversas raças e culturas em um país que ainda sofria com a segregação. Em “A origem dos meus sonhos”, Obama fala sobre a áurea que pairava sobre o novo estado:

A terrível conquista dos nativos, feita à custa da quebra de tratados e de doenças trazidas pelos missionários; a devastação do rico solo vulcânico por companhias norte-americanas para plantar cana-de-açúcar e abacaxi; os contratos que mantiveram imigrantes japoneses, chineses e filipinos submissos do nascer ao pôr do sol nessas mesmas plantações; o confinamento de nipo-americanos durante a guerra – tudo isso era história recente. Mesmo assim, quando minha família chegou, ela havia de alguma maneira desaparecido da memória coletiva, como a névoa da manhã que o sol afugentou. Havia muitas raças, com poderes de influência muito fragmentados, para impor o sistema racial rígido que imperava no continente norte-americano; e existiam tão poucos negros que o segregacionista mais ardente poderia desfrutar de férias seguras na certeza de que a mistura de raças no Havaí tinha pouco a ver com a ordem estabelecida em casa. Assim se criou a lenda do Havaí como uma verdadeira fusão de raças, uma experiência de harmonia racial (OBAMA, 2008, p.43).

No Livro “Ponte: Vida e ascensão de Barack Obama”, o autor reforça a ideia sobre o Havaí afirmando que em 1961 “enquanto no território continental americano ocorria uma revolução não violenta contra as leis raciais Jim Crow no sul, o Havaí exibia um multiculturalismo pacato voltado para o futuro, popularizado como o espírito aloha” (REMINCK, 2010, p.64). Foi na Universidade do Havaí que Stanley Ann Dunhan conheceu o africano Barack Obama, que seria pai de seu filho. Em muitos estados, principalmente, nos sulistas, ainda vigoravam leis segregacionistas. Em 1960, quando Ann e Obama (pai)⁷ se casaram, a miscigenação era um crime grave em metade dos estados da União. As leis Jim

⁷ Toda vez que citamos o nome Obama, seguido da palavra pai entre parênteses, estamos nos referindo ao pai de Barack Hussein Obama II. Esse último será chamado ao longo do texto de Barack Obama ou apenas de Obama.

Crow, em vigor entre 1876 e 1965 no sul do país, instauravam a separação racial em todos os locais públicos (OBAMA, 2008; REMNICK, 2010).

No Kansas, ao norte, a legislação racista também havia existido, mas de forma mais branda. Ela atingiu a vida dos avós de Barack Obama sutilmente. Segundo Obama (2008), eles passaram grande parte dos anos sem perceber a existência dos negros. Somente ao chegar ao Texas, a família passou a reconhecer mais explicitamente o preconceito racial.

Os mesmos códigos ocultos que governavam a vida entre brancos reduziam o contato entre as raças ao mínimo indispensável; quando as pessoas negras apareciam no Kansas das recordações de meus avós, as imagens eram efêmeras: homens negros que, de vez em quando, chegavam aos campos de petróleo procurando trabalho remunerado; mulheres negras que lavavam a roupa ou limpavam a casa dos brancos. Os negros estavam lá, mas era como se não estivessem. [...] Presenças apagadas, silenciosas, que não provocavam nem paixão nem medo (OBAMA, 2008, p.38).

Conforme Remnick (2010), Barack Obama (pai), um queniano da tribo luo, foi morar nos Estados Unidos para cursar economia. A família em que nasceu era considerada de classe média. Uma das curiosidades é de onde veio o sobrenome Hussein, motivo de diversas acusações a Obama durante a campanha presidencial. Antes de Obama (pai) nascer, o pai dele, Onyango Obama, havia se convertido ao islamismo – raro entre os luos, já que mais de 90% eram cristãos. Após a conversão, ele modificou o nome para Hussein Onyango Obama e, mais tarde, repassou ao filho quando nasceu.

O Quênia da infância e início da juventude de Barack Obama (pai) foi marcado por atrocidades cometidas pelos colonizadores britânicos. Onyango foi preso pelos ingleses durante seis meses. Esses o torturavam e o espancavam na prisão até prometer que nunca mais iria participar de grupos de oposição ao governo branco. Mesmo tendo trabalhado e cultivado muitos hábitos dos ingleses, Onyango foi tido como rebelde. Após sair da prisão, passou a considerar os colonizadores como inimigos. Obama (pai) foi contaminado por esses sentimentos e desejava lutar pela liberdade do país (REMNICK, 2010).

Por volta dos anos 1950, houve a ascensão do movimento de independência no Quênia. Com isso, começou a se pensar na importância de incentivar jovens africanos a cursarem o ensino superior para comandar o país. Sem ajuda do governo britânico, foi criado um programa privado de ponte aérea para que os africanos estudassem em universidades europeias e estadunidenses. Obama (pai) decidiu participar do programa e foi aceito na Universidade do Havaí. Em setembro de 1959, quando se preparava para ir, era casado, tinha um filho e a mulher estava grávida de uma menina. Obama (pai) saiu de casa para cursar economia, com a promessa de voltar para aplicar os conhecimentos e ser útil ao Quênia. Foi

no primeiro ano de estadia nos Estados Unidos que conheceu Ann, no curso de russo da Universidade do Havaí (REMNICK, 2010).

Na época, ele estava com 25 anos e ela, com 17. Obama (pai) não contou à nova namorada que já era casado no Quênia e tinha dois filhos, mentiu que era divorciado. A poligamia era um costume da tribo luo, uma forma de o homem demonstrar a sua masculinidade. O relacionamento entre Ann e Obama (pai) evoluiu rapidamente e, em dezembro de 1960, ela ficou grávida. No início de fevereiro, os dois fizeram uma viagem e casaram às escondidas. A união foi encarada, por parte das duas famílias, com desaprovação (REMINCK, 2010).

Barack Obama nasceu em quatro de agosto de 1961, em Honolulu. De acordo com Remnick (2010), no ano seguinte, em junho, o pai terminou a graduação na Universidade local e tinha duas opções para dar seguimento aos estudos: ir para Nova York, onde ganharia uma bolsa e poderia sustentar a família, ou estudar em Harvard. Obama (pai) decidiu ir para Harvard e foi estudar econometria em Cambridge, Massachusetts. Apesar da possibilidade de ir para um local onde pudesse levar a esposa e o filho, optou pela melhor formação. Obama (pai) foi embora no final de junho de 1962.

Após a mudança de Obama (pai), o casal foi se distanciando completamente. Mais tarde, Ann se matriculou em mestrado de antropologia na Universidade do Havaí. Obama (pai) não dava mais notícia e já havia arranjado uma nova namorada. Em 1964, Ann pediu o divórcio. Quando Obama (pai) voltou ao Quênia, levou a terceira mulher, uma professora norte-americana (REMNICK, 2010).

Algum tempo depois da separação, Ann conheceu um geólogo indonésio que fazia mestrado na Universidade do Havaí, Lolo Soetero. Os dois se casaram em 1965. Em seguida, o governo indonésio começou a fazer apelo para que os estudantes que estavam no exterior voltassem para ajudar a reconstruir o país⁸. Primeiramente, Lolo voltou a sua terra, conseguiu um emprego como geólogo do exército e uma casa. Depois, levou Ann e Obama para morar com ele. A mudança foi mais uma vivência de Barack Obama com a diversidade cultural e étnica, tão enfatizada nos discursos durante a corrida eleitoral. Mãe e filho foram morar em Jacarta em 1967. Quando chegaram, ainda era possível perceber as marcas de um país

⁸ A Indonésia é um país localizado entre o sudeste asiático e a Austrália, formado por 17.500 ilhas, 300 idiomas e com uma cultura influenciada pelo islã, pelo budismo, pelo hinduísmo, pelos holandeses e pelos britânicos. Soetero viveu lá no período da revolução contra os holandeses, colonizadores que queriam recuperar o poderio no país. O pai e o irmão mais velho foram mortos no final dos anos 1940. A cidade de Bandung, onde havia crescido, era um lugar cheio de violência marcado pela colonização holandesa e a ocupação japonesa (REMNICK, 2010).

devastado pelas guerras. Ann e Obama - que tinha agora seis anos – depararam-se com uma nação muito diferente dos Estados Unidos: o calor forte, a pobreza extrema contrastando com as riquezas naturais, a fome e a mendicância nas ruas (OBAMA, 2008; REMNICK, 2010).

Barack Obama foi se adaptando a vida em Jacarta. Conviveu com diversas realidades, fazendo amizades tanto com filhos de agricultores quanto com os de burocratas do governo. No bairro onde morava, era a única criança estrangeira. Os outros, em sua maioria, eram provenientes de tribos de Jacarta ou mulçumanos tradicionais. Em 1970, com o nascimento de Maya, a meia-irmã, a família resolveu ir morar em um bairro melhor. Mudaram-se para um local próximo de onde vivia a antiga elite holandesa. Lolo agora trabalhava como um representante da Union Oil no governo (OBAMA, 2008; REMNICK, 2010).

Por causa do nome Hussein e por ter morado em um país majoritariamente muçulmano, durante a campanha, Obama foi apontado como um praticante do Islã. Para os Estados Unidos, país protestante e conservador, a imagem de um presidente muçulmano – ainda mais após o ataque de 11 de setembro de 2001 – não era bem-vinda. Porém, a desconfiança e os ataques feitos durante a corrida eleitoral falavam inverdades. Lolo se dizia muçulmano apenas para se sentir vinculado à comunidade, declarou a filha Maya em entrevista ao jornalista David Remnick (2010). Ele não participava das reuniões e nem das orações. Além disso, Ann sempre foi cética e nunca considerou que ela ou o filho fossem seguidores do Islamismo.

Ann se preocupava com os estudos de Obama, mas não tinha condições de pagar uma escola internacional. Por esse motivo, todas as manhãs, ela o ensinava Inglês, história e outras matérias. Queria que estivesse pronto na hora de voltar ao país de origem. A mãe de Obama era antropóloga e se esforçou ao máximo para aprender os costumes e língua da nova nação. Enquanto se aproximava dos nativos, Lolo se aproximava mais de petroleiros e adquiria hábitos da elite norte-americana. A diferença na visão de mundo acabou distanciando os dois (OBAMA, 2008; REMNICK, 2010).

Obama tinha pouco contato com o pai. Às vezes, recebia cartas do Quênia, mas o pai nunca falava sobre a vida pessoal. Agora, Obama (pai) tinha seis filhos além dele: quatro com a primeira mulher e dois com a terceira. Ele não desenvolveu um relacionamento amoroso e saudável com nenhum dos filhos, bebia exageradamente e até mesmo batia nas esposas. (REMNICK, 2010).

Segundo Reminck (2010), o casamento de Ann com o segundo marido já havia praticamente acabado. O interesse pelo povo indonésio e pela antropologia social e econômica aumentava. Ela, agora com 29 anos, concentrava-se em estudar e tentar ajudar a mudar a

realidade socioeconômica a sua volta. Lolo foi ganhando mais dinheiro e melhorando a vida da família. No entanto, o emprego na relação de governo com uma companhia petroleira norte-americana o fez aceitar muitos desvios. Ele e Ann brigavam, principalmente, quando ela não queria participar dos eventos com empresários norte-americanos que contavam os subornos feitos para obter nova licença de perfuração. Em seu livro, Obama (2008) conta que a mãe e Lolo sempre tiveram uma relação amistosa. A última vez que viu o padastro foi dez anos depois do divórcio, quando a mãe o ajudou a viajar a Los Angeles para fazer tratamento de uma doença no fígado. Lolo acabou morrendo, aos 51 anos.

Conforme Remnick (2010), quando Obama estava cursando a quarta série, Ann decidiu mandá-lo de volta ao Havaí. Ao chegar a Honolulu, foi matriculado na melhor escola particular, a Punahou, e conseguiu uma bolsa parcial. Alguns meses depois, Ann e Maya foram ficar com Obama e a mãe decidiu se matricular em cursos de antropologia na Universidade do Havaí. Na nova escola de Obama, havia apenas três ou quatro negros em um total de 3500 alunos. Na biografia, Remnick (2010) afirma que, em 2004, em um dos discursos de Obama, ele confessou ter tido dificuldades de se encaixar no novo ambiente. Primeiramente, por chegar a um lugar onde as crianças se conheciam desde o jardim de infância e, em segundo, por ser negro.

De acordo com a autobiografia de Obama (2008), ele se incomodava com as brincadeiras dos colegas, que o chamavam de macaco e diziam que o pai era canibal. Por esse motivo, fantasiava histórias a respeito do pai. Contava aos estudantes que o pai era um príncipe africano, filho de um chefe tribal. Em 1971, Obama (pai) veio ao Havaí visitar o filho. Barack Obama relata na autobiografia as histórias infantis que contava sobre a figura paterna e o que sentiu durante os dias em que conviveu com o pai:

À medida que as palavras saíam da minha boca, eu sentia os garotos concentrados em mim, mais curiosos e próximos enquanto seguíamos em fila de volta à sala de aula, uma parte minha começou a acreditar nessa história. Contudo, outra parte sabia que o que eu estava contando era apenas uma mentira, algo que eu havia construído dos fragmentos de informação que recolhi de minha mãe. Após uma semana com a presença de meu pai em carne e osso, cheguei à conclusão de que eu preferia a imagem mais distante dele, uma imagem que eu poderia alterar ao meu capricho ou ignorar quando fosse conveniente. Se meu pai não havia propriamente me desapontado, ele permanecia um tanto desconhecido, um tanto volátil e vagamente ameaçador (OBAMA, 2008, p.81).

Nesse tempo, Obama teve a oportunidade de conhecer um pouco da sua história. Ele relata como ficou impressionado com a maneira do pai de se expressar, de contar as histórias do Quênia, de conversar sobre a política do país africano e sobre a identidade racial. Obama

(pai) contava as lutas desbravadas pelos responsáveis pela independência do Quênia e também histórias sobre Martin Luther King⁹ e o movimento dos direitos civis. Mas a visita logo se tornou massante. O pai queria exercer a autoridade e impor suas vontades mesmo depois de ter ficado tantos anos ausente e isso gerava conflito com a mãe e os avós de Obama. Pai e filho conviveram durante um mês. E essa foi a última vez que os dois se viram (OBAMA, 2008).

Segundo Obama (2008) e Remnick (2010), depois de cursar três anos do mestrado em antropologia, Ann decidiu voltar à Indonésia com a filha Maya. O trabalho de campo do doutorado seria feito lá. Barack Obama seguiu morando no Havaí com os avós. Durante a adolescência, sem o pai e com a mãe a maior parte do tempo longe, sofreu muitos conflitos. Essa fase da vida foi marcada por uma luta constante para definir a própria identidade, tentando lidar com as questões de raça e de racismo. Em suas memórias, Obama conta as dificuldades que teve na escola Punahou. Ele resume o tratamento que muitos dispensavam aos negros:

É assim que os brancos vão tratar você. Não era somente a crueldade; eu estava aprendendo que as pessoas negras poderiam ser inferiores. Era uma marca particular de arrogância, uma obtusidade nas pessoas consideradas sãs que provocavam um riso amargo. Era como se os brancos não soubessem que eram cruéis em primeiro lugar. Ou, pelo menos, pareciam realmente acreditar que você merecia o desprezo deles (OBAMA, 2008, p.97).

A origem birracial o confundia, pois ao mesmo tempo em que junto aos brancos se sentia negro, com esses, não se considerava autêntico:

O termo branco era extremamente incômodo na minha boca, no princípio; eu me sentia um estrangeiro que tropeça em uma frase difícil. Às vezes, eu me flagrava falando sobre os brancos isso ou os brancos aquilo, e me lembrava, de repente, do sorriso de minha mãe, e as palavras que pronunciava pareciam estranhas e falsas (OBAMA, 2008, p.97).

O adolescente Obama passou a buscar sozinho conhecimento sobre a sua origem afro-americana. Começou a praticar basquetebol, a usar gírias e a ler muitos livros sobre o movimento dos direitos civis, aprendendo a história de líderes como Malcon X¹⁰ e Martin

⁹ Pastor negro Batista, Martin Luther King Jr., foi líder do movimento pacifista pelos direitos civis que pregava a integração racial nos Estados Unidos nos anos de 1960. Em 1964, King foi ganhador do prêmio Nobel da Paz pela sua luta em busca de igualdade racial. Em 1968, com 39 anos, o pastor foi assassinado com um tiro no pescoço na sacada do hotel onde estava hospedado em Memphis, no Tennessee (VEJA, 2011).

¹⁰ Malcon Little, que ficou conhecido por Malcon X, era órfão e durante a adolescência se envolveu com o crime. Preso em 1946, de assaltante e vendedor de drogas, converteu-se ao Islamismo na prisão. Após a liberdade, em 1952, tornou-se um dos mais importantes líderes negros dos EUA. Ao contrário de King, a Nação

Luther King. Na escola, fez amizade com dois estudantes afro-americanos mais velhos. O trio fazia reuniões para discutir sobre raça, filosofia. As reuniões eram chamadas de “Cantinho Étnico” (OBAMA, 2008; REMNICK 2010).

De acordo com Remnick (2010), adulto, Obama afirmou em seus discursos que a experiência de ter crescido no Havaí tinha sido positiva. “Fui criado como uma criança indonésia e havaiana, como criança negra e branca. E o benefício que obtive com isso foi uma multiplicidade de culturas que me nutriram, todas elas” (OBAMA, 2010, p.98). No entanto, durante o período que viveu na escola Punahou, a experiência foi difícil. Obama usou drogas e bebeu muito. Segundo ele, os problemas normais da adolescência foram potencializados pela falta da referência paterna. “Por isso, acabei reforçando os estereótipos do comportamento masculino negro – não dar prioridade aos estudos, buscar respeitabilidade e praticar muito esporte.” (OBAMA, 2010, p.98).

Quando terminou a escola, Obama foi aceito em diversas universidades. Ele decidiu sair do Havaí e, em 1979, foi morar em Los Angeles, na Califórnia, para cursar a Occidental. A universidade era pequena, tinha 600 alunos – desses, apenas 75 eram negros e somente dois professores eram afros. A Occidental ficava localizada em um bairro hispânico de classe operária, mas os alunos eram oriundos das classes média e alta californiana e mal saíam do campus (REMNICK, 2010).

Ainda conforme Remnick (2010), um ano antes de Obama entrar, a universidade tinha sofrido influência do movimento multicultural introduzindo leituras da África, Ásia, América Latina e Oriente Médio. Como aluno, escolheu história, política e literatura. Dedicou-se a estudar teoria e análise política. Nessa época, estudava mais do que na escola, porém continuou a usar drogas, inclusive cocaína, e a beber nas festas.

A época do ingresso de Obama na Occidental era marcada pela discussão das questões raciais. Havia ainda o debate político sobre a Guerra Fria e a invasão soviética no Afeganistão, passeatas contra armas nucleares e contra a tentativa de Jimmy Carter¹¹ de trazer de volta a obrigatoriedade do serviço militar. A maioria dos professores tinha vivido nos anos 1960 e 1970 e trazia para sala de aula as discussões sobre o movimento dos direitos civis, as

do Islã pregava a separação total entre as raças, independência econômica e a construção de um estado autônomo para os negros. Anos depois, Malcon X adotou um discurso de conciliação, o que causou o seu isolamento, principalmente, da comunidade mulçumana. Em 1965, foi assassinado com 13 tiros enquanto discursava ao lado da mulher e de quatro filhos. As idéias de Malcon X influenciaram os Panteras Negras e os Black Power, movimentos da década de 1970 (UOL EDUCAÇÃO, 2011).

¹¹ James Earl Carter – Jimmy Carter – foi o 39º presidente norte-americano. Ele se elegeu pelo partido democrata nas eleições de 1976, quando venceu o republicano Gerald Ford, que tentava a reeleição. Governou o país de 1977 a 1981 (THE WHITE HOUSE, 2011).

manifestações contra guerra do Vietnã e a favor da liberação feminista. Obama sentia vontade de se envolver, mas ainda não sabia como se engajar politicamente (REMNICK, 2010).

Remnick (2010) afirma que Obama, depois de dois anos como estudante da Occidental, queria um ambiente mais cosmopolita, onde pudesse conviver com questões urbanas e com pessoas negras das metrópoles. A vontade de pertencer a uma comunidade negra foi também o que o levou a pedir transferência para outra instituição. No livro de David Remnick (2010), Obama fez declarações sobre a mudança de comportamento que experimentou após ter ingressado na universidade de Columbia em Nova York. Passou a estudar e a se dedicar mais. Além disso, considera que essa tenha sido a época em que, realmente, sentiu impulso de fazer algo de concreto para mudar o mundo. Foi aí que decidiu ser organizador comunitário em Chicago, estado de Illinois.

Em novembro de 1982, durante o segundo ano na universidade de Columbia, Obama recebeu a notícia da morte do pai através do telefonema de uma tia. O pai havia morrido em um acidente de carro, depois de sair dirigindo bêbado, perder o controle do veículo e bater em uma árvore. Obama não foi ao funeral. Ao se aproximar do final da faculdade, diferente da maioria dos colegas que buscavam pós-graduações e cursos de direito, Obama continuava querendo ser organizador comunitário. Em 1983 formou-se em ciência política com ênfase em relações internacionais. As cartas que enviara a procura de emprego na área desejada não foram respondidas. Sem dinheiro, tentou uma vaga em um grupo de pesquisa que obtinha informações para multinacionais (OBAMA, 2008; REMNICK, 2010).

Na Business Internacional Corporation, Barack Obama sentia como se estivesse deixando para trás os objetivos.

Às vezes, depois de uma entrevista com investidores japoneses ou comerciantes alemães de títulos de crédito, eu flagrava o meu reflexo nas portas do elevador – via-me de terno e gravata, uma pasta na mão – e, por um segundo, imaginava-me como um líder de indústria, vociferando ordens, fechando negócios, antes de lembrar quem eu disse a mim mesmo que queria ser e me sentia culpado por minha falta de determinação (OBAMA, 2008, p. 154).

Depois de um ano e meio, pediu demissão. Em 1985, conseguiu emprego no Grupo de pesquisas de Interesse público de Nova York. Era uma entidade sem fins lucrativos fundada na década de 1970 para promover reformas no direito do consumidor, no meio-ambiente e no governo. A função de Barack Obama era estimular estudantes a se manifestar sobre questões políticas que afetavam diretamente a vida deles. Essa foi a sua primeira experiência como organizador comunitário. (REMNICK, 2010)

Conforme Remnick (2010), mais tarde, Obama foi convidado por um organizador comunitário para trabalhar como trainee em Chicago. A tarefa era reunir brancos e negros suburbanos em projeto para salvar empregos na região metropolitana da cidade. Era desenvolvido com a ajuda das igrejas, que se tornaram a base institucional do movimento. Obama tinha 24 anos quando aceitou, em junho de 1985. Ele não acreditava que a mudança viria da política tradicional, mas sim da mobilização das comunidades. E queria ajudar a comunidade negra.

Na época, Chicago, a cidade mais segregada da América, vivia um momento histórico importante. Em 1983, a eleição do primeiro prefeito negro – Harold Washington - havia quebrado o domínio da máquina política branca tradicional. Apesar disso, ainda era um lugar polarizado, onde se tornava difícil mobilizar as pessoas. A função primeira de Obama era fazer lista de padres, pastores, líderes comunitários e marcar entrevistas. Ele deveria ouvir essas lideranças e buscar alternativas para que eles constituíssem com a comunidade um grupo capaz de confrontar administradores eleitos e burocratas municipais. Obama estudou a fundo a história da cidade, o movimento de migração e o desenvolvimento político e social da zona sul (REMNICK, 2010).

A grande quantidade de negros começou a chegar a Chicago na década de 1910 e só terminou em 1970¹². Os negros formaram um bairro grande denominado Bronzeville na cidade. Foram criadas instituições paralelas: igrejas, escolas, teatros casas noturnas. Os bairros brancos começaram a se contrapor ao crescimento da população negra. Eles não queriam que afro-americanos se mudassem para o “seu lado da cidade”, pois contaminariam e desvalorizariam os imóveis. Isso fazia crescer o racismo contra os brancos e os afros passaram a adotar uma postura militante. Vários conflitos como ataques com bombas e assassinatos de negros ocorreram nessa época. Nos anos 1940, brancos criavam associações para impedir que os negros entrassem em alguns estabelecimentos públicos.

Mesmo quando políticos traziam algum tipo de melhoria para comunidade negra, não lutavam contra a segregação, não falavam em direitos civis ou reformas. No final dos anos 1950, o prefeito Richard Daley aplicou políticas segregacionistas, construindo conjuntos habitacionais para negros e os separando dos bairros brancos por vias expressas. Na década de 1960, com o crescimento do movimento dos direitos civis nos estados sulistas do país, Martin

¹²A população afrodescendente passou de 2% para 33%. O movimento foi, em grande parte, impulsionado pela mecanização das fazendas de algodão no sul do país. Ademais, o trabalho em usinas e fábricas no norte industrial havia crescido, sobretudo, pelo fechamento das fronteiras com a Europa em 1924 por causa da lei de imigração e da primeira guerra (REMNICK, 2010).

Luther King decidiu expandir a campanha para norte e escolheu Chicago – com uma população de mais de 800 mil negros – para elaborar plano contra a miséria e o preconceito. Mas King não foi bem recebido, nem pelos políticos negros. O líder do movimento de não violência, que havia conquistado importantes vitórias no resto do país, via que os seus métodos não funcionavam em Chicago (REMNICK, 2010).

De acordo com Remnick (2010), o prefeito Daley tentou, de todas as maneiras, sufocar King e os reformistas. Ele ficou no poder 21 anos, até a sua morte em 1976. Porém, as transformações que passavam pelos Estados Unidos não poderiam ser barradas. Em 1983, uma eleição histórica escolheu Harold Washington como prefeito, o primeiro negro a exercer o cargo mais importante da cidade. Apesar de Obama ser jovem demais para lembrar-se de King, ele viveu a época e a transformação causada por Harold, que inspirou a sua trajetória.

Após três anos como organizador, Barack decide ir estudar direito em Harvard. Ele já havia adquirido princípios organizacionais, políticos e públicos liberais, além de elementos de liderança carismática. O curso de Direito em Harvard seria um passo rumo à política eleitoral. O objetivo, segundo ele, era aprender a complexidade do poder para usá-lo em benefício da sociedade. Mesmo depois de sair de Chicago, não abandonou completamente o trabalho comunitário. Nas férias, visitava a namorada Michelle Robinson, participava de alguns trabalhos, fazia discursos e palestras na cidade (REMNICK, 2010).

Conforme Remnick (2010), na faculdade, Obama teve contato com professores defensores dos direitos civis, de ações afirmativas e críticos das leis, que viam a constituição como sistema de perpetuação de privilégios. Esses estudos e conceitos o influenciaram. Mesmo tendo opiniões bem claras, ele não era intransigente na defesa delas. Pelo contrário, em Harvard era conhecido pela capacidade de mediador.

Um dos professores de Obama, Roberto Unger, é natural do Brasil e trabalhou no governo Lula. O brasileiro fez uma análise crítica da figura de Obama ao jornalista Remnick (2010). Ele afirma que a maneira dele de lidar com as pessoas – de forma carismática, mas distante – é o estilo de sociabilidade mais valorizado entre a elite norte-americana:

Juntamente com as conquistas educacionais meritocráticas, o domínio do estilo social consagrado tornou Obama o que ele é, no sentido real, o primeiro americano de elite – o primeiro que age e fala como membro de uma elite – desde John Kennedy. A raça miscigenada de Obama, sua evidente e assumida negritude, sua origem de classe externa à elite e a falta de herança financeira, a experiência no terceiro mundo na infância - tudo isso cria distância para alguém externo, enquanto o caráter de elite faz a distância parecer menos ameaçadora (UNGER, 2010, p. 215).

Por causa de políticas de ação afirmativa, de 10% a 12% dos estudantes em Harvard eram afro-americanos. O ambiente racial, entretanto, era de ressentimento. Era difícil ver os alunos negros e brancos juntos. Apesar de atuar na Associação dos Estudantes Negros na universidade, Obama não adotava a mesma postura da maioria. Por não ter vivido na América Continental e não ter sofrido de perto a forte segregação existente, conseguia se comunicar facilmente com os brancos e isso o tornava bem quisto entre todos os grupos. Ao mesmo tempo em que era negro, foi criado por avós e mãe branca e passou grande parte da vida sem sofrer a opressão e o tormento de ser negro nos Estados Unidos (REMNICK 2010).

Para Remnick (2010), essa característica foi essencial, pois possibilitou que Obama se tornasse o primeiro presidente negro da Harvard Law Review, a publicação mais importante de universidade, conhecida pelo elitismo e o preconceito racial. A Law Review publicava edições mensais durante o ano acadêmico e tinha mais de duas mil páginas no total. A circulação era de quatro mil exemplares. Reunia de trinta a quarenta alunos de uma turma de 500 pessoas do curso de direito. Era aonde firmas de direito corporativo, bancos de investimento e juízes buscavam auxiliares. Obama fez a inscrição para participar e foi admitido. A redação do veículo era marcada por intensos debates políticos, onde havia liberais, radicais e conservadores. Os alunos do segundo ano faziam parte da editoria. Obama decidiu, após conversar com vários amigos, candidatar-se ao cargo de presidente. A escolha era feita através de discussões e de uma análise criteriosa dos trabalhos e das amostras de textos dos candidatos.

Ser eleito primeiro presidente negro da publicação rendeu a Obama certa visibilidade. Na ocasião, falou várias vezes para imprensa. Os artigos publicados já incluíam elementos que, mais tarde, incorporaria a suas falas: história de vida, elogios à capacidade de reflexão e afirmações de amigos que acreditavam que um dia seria presidente. Para um dos jornais, o The Boston Globe, Obama falou uma frase que repetiria ao longo da carreira política: “Em certa medida. Sou representante simbólico das muitas mudanças que foram alcançadas” (MATCHAN¹³, 1990 apud REMNICK, 2010, p. 239).

Obama ficou conhecido em Harvard pela defesa de ideias progressistas nas discussões sobre política e raça no campus e por seu papel de conciliação. Durante o verão, fazia estágio em uma firma de advocacia em Chicago. Foi nesse local que conheceu Michele Robinson, a futura esposa. Ela era natural de Chicago e fazia parte da comunidade negra da zona sul. Foi estudante em Princeton e Harvard e, assim como Obama, também estudava

¹³ MATCHAN, Linda, The Boston Globe, 1990.

direito. Quando saiu de Cambridge, em 1992, Obama voltou para Chicago, a comunidade que escolheu para pertencer e que considerava um bom local para início da vida política. Já era noivo de Michele e foram morar juntos. Ele conseguiu emprego em uma firma de direitos civis. Lá desenvolvia um trabalho que, de certa forma, era uma extensão do que havia feito como organizador comunitário (REMKNICK, 2010).

Segundo Remnick (2010), Obama também seria professor adjunto sem titularidade, por meio período, na Universidade de Chicago. Ao mesmo tempo, escrevia um livro sobre questões raciais. Na época, Barack Obama ainda se envolveu em um projeto para registrar eleitores nas comunidades afrodescendentes e hispânicas. O objetivo do Projeto Voto era registrar eleitores democratas de Illinois para impulsionarem a vitória de Bill Clinton¹⁴ na Casa Branca e a de uma senadora negra, Carol Moseley Braun. O partido republicano estava no poder há onze anos, com dois mandatos de Ronald Reagan¹⁵ e um de George Bush, que terminou em 1993.

Devido à experiência que tinha com a comunidade, foi convidado para gerenciar o projeto. A participação foi importante para que Obama fizesse contato com as pessoas que formavam a cultura política de Chicago e do estado – vereadores, legisladores estaduais, advogados, cléricos. Ao final, a equipe formada por onze mil pessoas havia registrado mais de 150 mil eleitores, a primeira vez que havia mais eleitores em distritos negros do que nos brancos em Chicago. O sucesso chamou atenção de operadores políticos do partido democrata. Carol Braun se elegeu senadora por Illinois e Bill Clinton também venceu no estado. Através do projeto, Obama conheceu algumas pessoas que mais tarde formariam a base financeira para as suas campanhas políticas (REMKNICK, 2010).

Conforme Remnick (2010), em outubro de 1993, Obama casou-se com Michelle. A cerimônia foi na Igreja Trindade Unida de Cristo, a qual os dois faziam parte. Após a lua-de-mel, ficou sozinho durante um mês para terminar o livro e cumprir o contrato feito há três anos com uma agente literária de Nova York quando ainda estava em Harvard. O livro “A origem dos meus sonhos” foi lançado pela editora Times Book em 1995.

¹⁴ Bill Clinton comandou os EUA de 1993 a 2001 e foi o primeiro democrata a conseguir reeleição desde Franklin Roosevelt – presidente de 1933 a 1945. Clinton teve um governo caracterizado pelo forte apoio popular e por estabilidade econômica – diminuição do desemprego, da inflação e da criminalidade. Além disso, ficou conhecido por lutar contra a discriminação racial. Seu segundo mandato foi marcado por um escândalo sexual envolvendo uma jovem estagiária da Casa Branca. (THE WHITE HOUSE, 2011)

¹⁵ Ronald Reagan, ator hollywoodiano, foi presidente republicano nos Estados Unidos de 1981 a 1990. O vice-presidente da chapa era George Bush – pai de Bush Jr. – que seria o próximo a comandar o país. Na primeira eleição, Reagan teve uma vitória esmagadora sobre Carter, conquistando 489 votos no colégio eleitoral contra 49 do oponente. No início do primeiro mandato, ele sofreu uma tentativa de assassinato. (THE WHITE HOUSE, 2011).

“A origem dos meus sonhos” traz elementos comuns a outras autobiografias de negros: a busca pelo pai ausente, pela identidade racial, por uma missão e uma comunidade. “Obama, entretanto, é mais privilegiado do que seus antecessores em muitos aspectos. Pertence à classe média. Foi beneficiado pela passagem do tempo e por muitas leis. Consegue acesso a instituições privilegiadas inacessíveis a seus percursores.” (REMNICK, 2010, p.268). A obra é feita antes de Obama se tornar um político nacional, escrito quando era jovem e descompromissado, tornando-se uma espécie de confissão.

Remnick (2010) ressalta que mais tarde, a autobiografia de Obama, que não tinha a intenção de ser política, passa a ser uma ferramenta na campanha. Isso porque Barack Obama transformou o pessoal em político. Ele situou a própria história e a origem como centro de suas candidaturas ao senado e à presidência. A busca pela raça, a origem étnica, a herança multicultural foram enfatizadas.

Depois de Harvard, ao voltar para Chicago, Obama trabalhou doze anos como professor universitário e advogado. A experiência lhe garantiria, mais tarde, a sensibilidade política e o ajudaria a aprofundar seus conhecimentos e aumentar a rede contatos. Em sua vivência como professor na Universidade de Chicago, Obama se relacionou com um corpo docente diversificado. A instituição era bem menor que Harvard, mas o número de professores conservadores e de estudantes ativos em associações de direita era muito grande. Isso refletia em uma resistência a políticas de ação afirmativas (REMNICK, 2010).

Obama esperava o momento certo para se candidatar a um cargo eletivo. O cenário político estava sem perspectivas. A prefeitura havia se tornado uma dinastia, com o filho do ex-prefeito Richard Daley no poder. O congressista do distrito de Obama – Bob Rush – sempre ganhava sem fazer muito esforço. A vereadora era uma ex-professora de história afro-americana muito popular e a senadora estadual, Alice Palmer, era conhecida por apoiar leis progressistas e por ser contra o apartheid da África do Sul, ganhando grande apoio entre os defensores dos direitos civis. (REMNICK, 2010).

2.1. A trajetória político-partidária de Barack Obama

Em 1995, o momento de entrar para a política chegou. Nos Estados Unidos, há o congresso estadual, composto pela câmara dos representantes e pelo senado. O senado estadual em Illinois tem representantes dos 59 distritos senatoriais. Há ainda 118 distritos representativos, que elegem os membros da câmara. O representante do segundo distrito na Câmara, Mel Reynolds, foi condenado em 12 acusações de agressão sexual, obstrução da

justiça e solicitação de pornografia infantil. Em outubro, renunciou ao cargo. Alice Palmer, senadora estadual pelo distrito de Obama, lançou campanha para concorrer à vaga deixada por Reynolds na Câmara dos representantes. Haveria uma eleição em 28 de novembro. Com a vaga deixada por Alice, Obama viu a possibilidade de se candidatar (REMNICK, 2010).

Remnick (2010) conta que Obama não tinha dinheiro para concorrer e procurou apoio do diretor da organização democrata local. Contou sobre a intenção de concorrer à vaga aberta e recebeu ajuda para encontrar apoio financeiro para campanha. Em seguida, procurou Carol Harwell, que havia sido coordenadora do projeto voto, para coordenar a campanha. No final de julho, foi aberto um comitê de fundo para receber as primeiras contribuições. A candidatura foi lançada em setembro. Durante a campanha, a mãe de Obama, Stanley Ann, morreu de câncer uterino aos 52 anos.

Algo não esperado foi a tentativa da ex-senadora Alice de voltar ao cargo, depois de ter perdido a disputa pelo congresso nas primárias do partido Democrata. Alguns políticos tentaram convencer Obama a desistir, pois achavam que não teria chance na disputa com os Republicanos. Para entrar na corrida, era preciso uma lista com, no mínimo, 757 assinaturas de eleitores. Obama já havia conseguido três mil, mas Palmer entrou no meio da disputa. A lista dela foi contestada por Obama. Uma análise minuciosa comprovou que 2/3 das assinaturas que Alice Palmer apresentara eram inválidas. Com isso, Obama desbancou a adversária mais potente e venceu as primárias. Depois, ganhou do candidato republicano com 82% dos votos (REMNICK, 2010).

A posse foi em janeiro de 1997. As duas câmaras estaduais eram em Springfield, na capital de Illinois. O cargo de senador do estado não tinha status e nem visibilidade. O local era dominado pela máquina política republicana e era muito difícil aprovar projetos. Ademais, Obama sofreu pressões de apoiadores ressentidos por ter tirado Alice Palmer do senado. No cargo, ele se esforçou para se relacionar com os Republicanos, buscando brechas para aprovar projetos. (REMNICK, 2010)

Por causa da virtude de Obama em se relacionar com os opositores, foi escolhido pelo líder democrata no senado, Emil Jones¹⁶, para trabalhar na elaboração de uma lei de ética para a política. Em 1998, foi aprovada uma legislação que proibia a mistura de fundos de campanha com recursos particulares. Com isso, Obama ficou conhecido como reformador e negociador. No mesmo ano, disputou novamente o cargo, agora contra o republicano Yesse Yehudah e ganhou com 89% dos votos. Mas:

¹⁶ Emil Jones foi senador democrata em Illinois, de 1983 a 2009. De 2003 até 2009, foi presidente do senado de Illinois Político negro, faz parte da velha guarda da política estadunidense. (REMNICK, 2010).

[...] fazer parte minoria no senado estadual, enfrentar para sempre ressentimentos infantis, lutas internas rancorosas e um ambiente insalubre não estava nos planos de Obama [...]. E também vivia entendiado – com detalhes de uma carga enorme de trabalho que pelo jeito não provocava grande impacto na vida dos residentes em seu distrito (REMICK, 2010, p.346).

Remnick (2010) relata que em 1999, o congressista Bob Rush decidiu ser candidato à prefeitura e perdeu. Rush disputaria novamente uma vaga no congresso em 2000, mas parecia vulnerável. Obama achou que essa poderia ser a sua chance de ir para Washington. Rush era candidato dos afro-americanos e, em 1968, foi um dos fundadores do partido dos Panteras Negras no estado de Illinois. Panteras era um grupo que se opôs a não violência de King. Surgiram em 1966 por se revoltarem contra abusos policiais e faziam a segurança armada nos bairros negros. O partido dos Panteras Negras se baseava em leituras de Marx, Lênin e Malcon X, redigia manifestos políticos reivindicando pleno emprego, direitos civis, reparação pela escravidão. (REMICK, 2010).

Bob Rush era reconhecido por sua luta na comunidade negra e Obama precisaria vencê-lo para disputar uma cadeira no congresso nacional. A tática foi tentar convencer os eleitores que Rush era a herança de uma superada política racial de Chicago. Obama entrou na disputa pela indicação democrata em julho de 1999. As primárias iriam acontecer em março de 2000. O primeiro desafio de Obama era conhecer melhor o distrito. Em pesquisa inicial, 90% dos eleitores reconheciam Bob Rush, mas apenas 9%, Obama. Uma revelação também apontava que o currículo elitista de Barack Obama o tornava aceitável para os brancos, mas não afetava a maioria negra que estimava Rush. Obama não era considerado negro o suficiente (REMICK, 2010).

Além disso, a campanha de Obama era entediante, ele não sabia discursar, tinha um tom professoral e cansativo. A arrecadação de fundos também não deu certo. O filho e o pai de Rush morreram durante a disputa, o que trouxe mais força para o opositor, que ainda contou com o apoio de Bill Clinton. Obama passou a ser visto como um forasteiro, que ganhava o voto de brancos ricos, porque seria um negro obediente. Rush ganhou com 61%, contra 30% de Obama. Depois, em novembro, Rush venceu o candidato republicano com 70% (REMICK, 2010).

De acordo com Remnick (2010), a postura política de Obama no senado estadual gerava polêmica. Ele era conhecido por não se posicionar em votações. Ao invés de decidir entre o sim e o não, em algumas leis, preferia pronunciar o presente, que era uma forma de abstenção. Esse recurso foi usado 129 vezes. Emil Jones queria ajudar Obama a ser um

político mais conhecido. Agora, a maioria das casas legislativas era democrata – o que não acontecia há 26 anos - e Jones se tornou presidente do senado. Com a ajuda dele, Obama passou a encaminhar projetos enterrados há anos (26 obtiveram aprovação em um ano). Foram conquistadas mudanças, como na lei que instituía a pena de morte e a expansão de serviços de saúde.

Obama passou a especular chances de concorrer ao senado federal. Ele acreditava que Carol Moseley Braun, candidata negra democrata de Illinois, tentaria a reeleição em 2002. Ela era uma candidata forte e conhecida, tinha bases eleitorais semelhantes às de Obama. Para a sua surpresa, Carol Braun, em fevereiro de 2003, anunciou que iria concorrer à presidência dos Estados Unidos. A vaga para o senado federal estava aberta. (REMICK, 2010)

Depois de quase três anos da derrota de Barack Obama para Bob Rush, ele estava mais preparado para uma nova disputa. Tornou-se menos tímido politicamente e passou a colecionar inúmeros discursos feitos em coquetéis, igrejas negras, encontros com empresários.

Obama começava a desenvolver seu apelo único, o uso de detalhes de sua vida pessoal como reflexo de um tipo ideal multicultural, um conceito tão sentimental quanto eficaz. Ele não lutava mais para ser quem não era. Em vez disso, situava-se entre os políticos que forjavam a identidade para a próxima geração de líderes negros, homens e mulheres sem ligação com o movimento dos direitos civis, a não ser na ajuda do movimento para que tivessem mais acesso a melhores universidades, a escolas de direito e a outros campos de oportunidade americanos [...]. Conseguia cadenciar a fala de um jeito nas igrejas negras, de outro nos encontros de associações de pais e professores no sul, e de outro ainda numa reunião na sala de alguém no Hyde Park ou no norte mais próximo (REMICK, 2010, p.406).

Um fator importante em sua trajetória política foi o reconhecimento que recebeu dos brancos. Devido à personalidade de conciliador e o percurso em escolas da elite, Obama era tido como confiável. O discurso era diferente daqueles proferidos na época do movimento pelos direitos civis, não tão ressentido e radical, mais reconfortante e palatável para os brancos. (REMICK, 2010).

De acordo com Remnick (2010), mesmo sem a concorrente Carol Braun, Obama teria que vencer candidatos sérios nas primárias democratas para o senado federal de 2004. Entre os sete candidatos, Blair Hull era o que tinha maiores chances de vencê-lo. Hull era um matemático, administrador e cientista de computação. Milionário, ele decidiu investir recursos financeiros na campanha e se apresentou como uma alternativa à velha política: um não político que não estava contaminado pelo sistema.

Os candidatos não eram conhecidos entre o eleitorado. Por isso, o jeito era tentar apoio em organizações da política tradicional. Obama conseguiu apoio de três importantes sindicatos, principalmente, pela posição de centro-esquerda. Também, os subúrbios liberais passaram a apoiá-lo por ser contrário à guerra no Iraque. O “sim, nós podemos!”, marca dos seus discursos, apareceu nessa época como estratégia dos elaboradores da campanha. Esse slogan havia sido usado em 1972 pelos Trabalhadores Rurais Unidos. Obama, no início, achava a frase fraca e cínica, mas depois a incorporou (REMNICK, 2010).

Escândalos envolvendo a candidatura de Hull beneficiaram a vitória de Obama nas primárias, que seriam em 16 de março. O opositor realizava a melhor campanha que o dinheiro podia comprar, mas passou a ser atacado por sua vida pessoal. Oponentes queriam que divulgasse o processo de divórcio que corria em segredo de justiça. Obama começou a conquistar uma pequena margem de vitória nas pesquisas de fevereiro. No dia 27, Hull decide tornar o processo público. Os documentos mostravam que ele havia agredido e ameaçado a mulher de morte. Era o fim das chances de Hull. (REMNICK, 2010).

Na reta final, a aparição de Obama na TV foi mais intensa. Nas três últimas semanas, passou de 16% para 53% de intenção de votos. A campanha durou 16 meses. Após a conquista, Obama percorreu o estado de Illinois de avião para agradecer os votos dos eleitores. As declarações aos repórteres se tornariam a tônica de sua carreira política. Ele dizia não se preocupar com raça na campanha que podia torná-lo único afro-americano no senado. “Tenho um nome inusitado, uma origem exótica, mas meus valores são essencialmente americanos. Tenho raízes na comunidade afro-americana, mas não me sinto limitado por ela” (OBAMA, 2010, p.430).

Na mesma época da disputa pelo senado federal, George W. Bush tentava a reeleição à presidência da república pelo partido republicano. O candidato democrata era John Kerry, senador júnior por Massachusets. A convenção desse partido, usada para apresentar o nome que iria concorrer ao cargo de presidente, é uma das melhores oportunidades de visibilidade política. Através da ajuda de alguns amigos, Obama conseguiu ser incluído na lista de oradores do evento. Dedicou-se na elaboração do pronunciamento que faria na convenção em julho de 2004, transmitido nacionalmente em redes de TV. Após a fala, as redes nacionais reprisavam as imagens do discurso, elogiavam Obama. Políticos passaram a tornar público o apoio a ele. Os jornais o entrevistaram, pessoas pediam autógrafos. Nascia, assim, um fenômeno político nacional (REMNICK, 2010).

O concorrente republicano de Obama ao senado federal era Jack Ryan, mas por envolvimento em escândalo foi afastado. O substituto - Alan Keyes - só foi escolhido em

agosto. Keyes era um afro-americano, católico que havia trabalhado no governo Reagan. Entrou no meio da disputa e não teve forças para vencer o adversário. Em outubro, Obama contava com 45% das intenções de voto. A confiança na política norte-americana e no partido republicano estava em baixa. Bush havia perdido o apoio de grande parte da população. Nesse contexto, Obama representava a mudança e o idealismo. A disputa ao senado federal foi vencida com 70% dos votos totais e 91% do voto negro (REMKNICK, 2010).

A ascensão de Obama ao senado federal quebrava paradigmas. Após a guerra de secessão, os negros nascidos livres ou escravos lutaram e conquistaram o direito de acesso ao legislativo. Segundo Remnick (2010), essa participação, porém, teve um período muito curto – entre a abolição da escravidão até as Leis Jim Crow, em 1870. Em 1900, as leis de proteção aos negros contra a violência branca foram suspensas e os estados sulistas os proibiram de votar. O último candidato negro a ganhar nessa época foi George White em 1901, representante da Carolina do Norte. Só mais de vinte anos depois, em 1929, outro negro conseguiu chegar ao congresso - Oscar De Priest, por Chicago. No sul do país, isso só aconteceu em 1973, com a vitória de negros para ocuparem cadeiras na Câmara dos Representantes do Texas e da Geórgia. Os primeiros senadores afros da era moderna foram um republicano de Massachusetts, em 1996, e Carol Braum, democrata de Illinois, em 1992.

A posse de Obama foi em janeiro de 2005 e ele logo montou uma equipe que pudesse ajudá-lo a entender o funcionamento do senado em Washington. Em seu primeiro ano, viajou seguido para Illinois, dando atenção ao seu eleitorado. E tentava cortar a excitação que existia por parte dos repórteres em relação o seu nome a uma possível candidatura à presidência. Queria se dedicar ao trabalho no senado.

Remnick (2010) afirma que nos primeiros oito meses no senado federal, Obama ficou distante do debate nacional, mas reapareceu na época do furacão Katrina - em agosto de 2005. O furacão atingiu Nova Orleans, o litoral do estado do Mississippi, na costa do Golfo. A comunidade negra pobre foi afetada e a demora no atendimento e na ajuda fez com que os líderes democratas acusassem as autoridades de racismo. O governo foi tido como culpado pelo desastre, por falta de atuação, desorganização e negligência. Obama estava na Rússia no momento da catástrofe, mas uma semana depois foi à Costa do Golfo com Clinton e Bush. Ele declarou na ocasião, sem atacar diretamente Bush, que:

[...] o responsável pelo planejamento, seja quem for, estava tão afastado da realidade da vida nos bairros pobres em uma cidade como Nova Orleans que não conseguiu sequer conceber a ideia de que pessoas não tinham como encher o porta-malas dos seus veículos esportivos, encher o tanque com cem dólares de gasolina, botar água

no radiador, partir para um hotel e se hospedar com cartão de crédito (OBAMA, 2010, p.485).

Obama se frustrava com o funcionamento do senado federal. Ele era novato, em um partido minoritário e não gostava muito das propostas de lei, interessava-se mais pelas estratégias políticas. Parte do tempo que sobrava, dedicava na elaboração do segundo livro, “A Audácia da esperança”. Conforme Remnick (2010), foi no ano de 2006 que Obama começou a pensar seriamente na possibilidade de se eleger a presidência. Consultou políticos, amigos e assessores para decidir sobre a candidatura. Alguns o advertiam a continuar no senado, esperar mais um pouco, porém Obama fez o anúncio oficial da candidatura em fevereiro de 2007. Hillary Clinton havia feito o mesmo em novembro de 2006.

Segundo matéria especial sobre o funcionamento da eleição norte-americana no Portal Uol (2011) e no Portal G1 (2011), os Estados Unidos possuem uma lógica bem diferente da brasileira. Inicialmente, ocorrem as prévias – janeiro até julho do ano eleitoral – quando serão escolhidos os candidatos de cada partido. Dependendo da legislação eleitoral do estado, a escolha é feita pelo caucus ou pelas primárias. Em alguns locais, somente os filiados ao partido podem votar. O caucus é uma assembléia que acontece nos distritos eleitorais, onde as pessoas discutem sobre os candidatos depois votam. As primárias são eleições internas em cada partido

Os resultados dos caucases e das primárias são convertidos em números de delegados. Quem obtiver mais votos em um Estado, tem direito de ter mais delegados. Os representantes dos 50 Estados se reúnem na convenção nacional do partido. A dos Democratas ocorre entre os dias 25 e 28 de agosto e a dos Republicanos, entre primeiro e quatro de setembro. Lá, são escolhidos os candidatos finais. No dia quatro de novembro, os eleitores votam para presidente. Do resultado das urnas em cada estado, sai um vencedor. Quando o candidato ganha em um território, ele recebe o direito de levar os delegados daquele Estado para o colégio eleitoral. O presidente será aquele que obter maior número de delegados que vão votar a seu favor. Cada Estado, entretanto, tem um peso no colégio eleitoral que é proporcional a sua população. A proclamação dos resultados do colégio eleitoral acontece em dezembro. Esse colégio tem ao todo 538 representantes. Para o candidato se tornar presidente, precisa garantir 270 votos (G1, 2011; UOL, 2011).

A disputa de 2008 seria boa para os democratas. Segundo especial da edição eletrônica da revista Veja (2011), os americanos estavam cheios do governo de George w. Bush. O primeiro mandato, em 2000, iniciou com a polêmica sobre a legitimidade da vitória, já que Al

Gore¹⁷ havia obtido mais votos populares e a votação do colégio eleitoral da Flórida foi decidida judicialmente. Após os ataques terroristas de onze de setembro, o governo garantiu apoio da sociedade em nome da luta contra o terror. O governo declarou guerra à rede Al Qaeda e invadiu o Afeganistão. Em 2003, invadiu o Iraque¹⁸, que acusava de ter armas químicas. A economia entrou em recessão e mais de 2,6 milhões de americanos perderam o emprego entre 2001 e 2003.

No segundo mandato de Bush, o desastre do furacão Katrina desgastou ainda mais a imagem do presidente. As duas guerras intermináveis mataram, até 2006, aproximadamente, 72 mil pessoas. Houve ainda a descoberta das torturas feitas por soldados americanos aos presos iraquianos na cadeia de Abu Ghaib e a prisão na base de Guantánamo em Cuba, manchando a imagem do presidente dentro e fora do país. Em 2007, uma grave crise financeira atacou o país, que tinha um déficit público enorme causado pelos gastos militares. O poder de consumo caiu, e a taxa de desemprego seria a mais alta em cinco anos, em 2008. Quando o governo Bush chegava ao fim, tinha um dos piores índices de aprovação, 22% (VEJA, 2011).

Havia um cenário de desgaste e de necessidade de mudança. Os americanos não confiavam mais na política republicana e nem nos tradicionais políticos. Apesar de Hillary ser parecida ideologicamente com Obama, ela carregava o ranso da velha política e ele anunciava mudança. Obama acreditava que poderia vencer, principalmente, devido às mudanças no país. Ele havia conquistado voto de brancos para ingressar no senado federal e a grande maioria dos eleitores declarava que votaria em um negro para presidência. (REMNICK, 2010).

Apesar desses avanços, o retrospecto mostrava como eram difíceis as campanhas presidenciais de negros. As mais expressivas foram as de Jesse Jackson¹⁹ em 1984 e 88. No dia do lançamento da campanha, Obama convidou o reverendo Jeremiah Wrigth da Igreja

¹⁷ Vice-presidente democrata nos dois mandatos do ex- presidente Bill Clinton – 1993 a 2001. Antes disso, Al Gore foi senador pelo estado do Tennessee. Em 1988, tentou sem sucesso a candidatura democrata à presidência, retirando-se no meio das primárias. Em 2000, apesar de ter conquistado mais votos populares que o republicano George Bush, perdeu uma conturbada disputa presidencial decidida pelo Supremo Tribunal. Conhecido pela sua luta a favor do meio-ambiente é diretor do documentário Uma Verdade Inconveniente, que ganhou o Oscar de melhor documentário em 2007 – mesmo ano em que Al Gore foi premiado com o Nobel da Paz. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2011)

¹⁸ Em seguida, a invasão ao Iraque se tornava questionável por não ter relação com os ataques. As baixas militares rapidamente superaram as quase três mil mortes do 11/09. A ONU e a comunidade internacional foram contra a invasão e a imagem do país no exterior foi abalada. A popularidade logo foi caindo e nas eleições de 2004, Bush venceu com apenas 50% dos votos (VEJA, 2011, documento não paginado).

¹⁹ Apesar de não ganhar, seus discursos de união multicultural e de importância do voto negro, retomando os ideais de Martin Luther King e Malcon X, mudaram a percepção política. Jackson deixou transparecer que era possível chegar lá, mesmo sem obter a vitória e abriu espaço para os negros na Casa Branca. Antes de Obama, ele havia feito a melhor campanha de um negro (REMNICK, 2010).

Trindade Unida de Cristo para fazer a oração inicial antes do discurso. Dois dias antes do evento, o pastor foi descrito como um pregador profano, que fazia leituras afrocêntricas da bíblia. Um jornalista fez reportagem que seria publicada na Rolling Stones, onde ligava Jeremiah à figura de um radical. Queriam fazer com que os posicionamentos dele fossem visto pelos eleitores como reflexo das posições de Obama. Por isso, Wrigth não participou do evento. Problemas com a raça, questionamentos sobre se era realmente negro e até sobre o sobrenome Hussein povoaram a campanha de ataques e denúncias (REMKNICK, 2010).

De acordo com Remnick (2010), a ideia dos consultores e de Obama era fazer uma campanha que não tivesse a raça como questão central. Os Clintons também tinham ligação com os negros. Quando Bill foi presidente recebeu apoio de diversos líderes dos direitos civis. O casal se sentia à vontade frequentando igrejas e organizações cívicas da comunidade negra. Os assessores de Hillary calculavam que ela poderia conquistar metade dos votos negros nas primárias e quase totalidade deles na campanha. Os apoiadores do movimento dos direitos civis se dividiram entre Obama e Hillary.

O que preocupava Obama, entretanto, nas prévias do primeiro estado – Iowa – era ganhar votos dos brancos. Esses viriam, sobretudo, dos com maior instrução e que tinham uma classe social mais alta – preferencialmente, jovens universitários descontentes com a guerra do Iraque. Apesar da apreensão, Obama venceu e Hillary ficou em terceiro lugar. O discurso do vencedor naquele dia apontava para a possibilidade real de um negro chegar à presidência e enfatizava que a luta pela liberdade deles era a luta pela liberdade dos americanos. Os afrodescendentes ainda duvidosos passaram a acreditar que, realmente, era possível e migraram os votos na direção de Obama. Cinco dias depois, Hillary o derrotou em New Hampshire (REMKNICK, 2010).

Conforme Remnick (2010), a campanha de Obama foi marcada por um intenso uso das redes sociais. A internet foi uma das grandes ferramentas e um diferencial importante. Além disso, jovens de vários lugares decidiram ser voluntários em estados. Em alguns locais, os eleitores não sabiam quem era Obama, qual a sua plataforma política. Os voluntários da campanha visitavam a comunidade, igrejas, barbearias. Distribuía cartazes, fotos e broches do candidato. “Com o tempo, aumentou a confiança de Obama no voto negro, e também a questão da autenticidade.” (REMKNICK, 2010, p.571).

Na Carolina do Sul, Obama venceu com 55% dos votos contra 27% de Hillary. Na disputa entre os três candidatos democratas, ele conquistou 80% dos eleitores negros e continuaria a alcançar essa meta nos outros estados. Entre os brancos, havia conquistado ¼ dos votos. Depois dessas primárias, Obama recebeu apoio público da família Kennedy.

Hillary e os seus assessores passaram a se ressentir do rumo da campanha. A equipe estava desorganizada, sem saber o que fazer e descontente com o apoio e o encantamento que Obama despertava na imprensa (REMICK, 2010).

Em março, após a derrota de Obama nos estados do Texas e de Ohio, um programa de televisão trouxe à tona mais uma vez o polêmico reverendo da igreja de Obama²⁰. Diante dessa situação, Obama decidiu fazer um discurso que falasse sobre a questão racial. Na ocasião, situou o reverendo como alguém que tinha a herança do passado de segregação e ressentimentos, mas que a visão deveria ser superada. Usou mais uma vez da sua origem birracial e multicultural, colocando-se como um avanço na história. Colocava-se como um político que aceitava as diferenças e todas as raças, seria a vanguarda, o futuro do país (REMICK, 2010).

Em junho de 2008, a disputa acirrada entre os dois pré-candidatos havia terminado. Na convenção democrata, em agosto, o tom foi de harmonia. Hillary e Bill Clinton discursaram apoiando Obama e agora a disputa seria travada com o republicano John McCain²¹. O discurso da vitória na convenção foi realizado para 80 mil pessoas e transmitido para um público televisivo de mais de 38 milhões de americanos (REMICK, 2010).

Mesmo antes da convenção, John McCain vinha atacando o provável candidato. O republicano insistia em questionar as credenciais de Obama para o cargo. Em outubro, durante um comício no Alabama, McCain chegou a acusar o adversário de aceitar fundos estrangeiros ilegais de palestinos para campanha, questionando quem era realmente Barack. Logo em seguida, porém, a acusação foi desmentida (REMICK, 2010).

A mídia de direita passou a atacar a imagem de Obama. O jornalista Jerome Corsi lançou um livro pela New York Times que virou best-seller de não ficção. “The Obama nation” era uma obra de extrema direita que tinha o intuito claro de acabar com Obama. O jornalista o acusava de ser um radical, amigo de ex-comunistas. Além disso, dizia que não era americano, mas sim um estrangeiro mulçumano. Corsi não estava sozinho, recebeu incentivo da grande mídia. Aparecia frequentemente em canais de televisão e na internet. O canal Fox era um dos que tentavam derrubar Obama, tratando-o como uma figura perigosa. Eles até

²⁰ Jeremiah condenava os EUA da Ku Klux Kan, falava que o ataque de onze de setembro era reflexo dos tantos bombardeios que o país havia feito e do terrorismo que praticava contra os palestinos e negros. Falou até mesmo uma tese de que o vírus da AIDS tinha sido criado pelo governo norte-americano para matar os negros. Esses trechos de sermões antigos foram publicados em vídeos pela internet. O pastor, que fazia parte do comitê afro-americano de líderes religiosos, foi afastado da campanha no dia seguinte (REMICK, 2010).

²¹ Ex – combatente na Guerra do Vietnã, John McCain é senador do Arizona desde 1987. Em 2000, tentou a candidatura pelo partido republicano, mas perdeu as primárias para George W. Bush. Em 2008, venceu a disputa republicana e perdeu a eleição final à presidência para o democrata Barack Obama. (O GLOBO, 2011).

transmitiram uma série intitulada “Obama e amigos: uma história de radicalismo”. Ligaram o político a diversos nomes, inclusive, ao socialismo de Hugo Chavez. A campanha montou no site uma sessão permanente – “Combatendo as calúnias” – para tentar livrar Obama das acusações. Porém, o efeito dos ataques era impossível de ser totalmente controlado (REMNICK, 2010).

Remnick (2010) afirma que próximo às eleições, os Estados Unidos foram atingidos por uma crise financeira grave e muitos falavam em uma segunda depressão. O governo de Bush estava falido e McCain não conseguia se distanciar dessa imagem do partido. A vantagem de Obama começou a crescer. O desempenho medíocre de McCain nos debates só aumentava as chances do adversário. Além da vantagem interna, uma pesquisa de opinião feita pelo serviço mundial da BBC em 22 países mostrava que os entrevistados preferiam Obama em uma margem de quatro a um.

O clima que antecedia às eleições era de festa e alívio por parte dos apoiadores de Obama. As pesquisas apontavam para a vitória do primeiro presidente negro da história do país. O povo norte-americano foi em massa às urnas. A participação foi a maior desde 1968. Obama e o vice-presidente Joseph Robinette Biden Jr – senador por Delaware – venceram com 53% dos votos populares contra 46% de McCain e Sarah Palin, governadora do Alasca. No colégio eleitoral, conquistaram 365 dos 538 delegados. A participação dos estados negros aumentou em 2%. Somente no sul a vitória foi de McCain, em uma diferença de nove pontos. Obama conquistou 43% dos votos brancos em âmbito nacional (REMNICK, 2010).

Conforme Remnick (2010), as ruas foram tomadas por comemorações não só nos Estados Unidos, mas também nas capitais de diferentes países, como o Quênia. Quando a contagem dos votos do colégio eleitoral passou de 270, a família Obama subiu ao palanque do Grant Park, em Chicago. Uma multidão de 125 mil pessoas aguardava o discurso de Obama. Emocionado, o novo presidente enfatizou a mudança que havia chegado à América e finalizou com o famoso “Sim, nós podemos”.

Jerome Smith, veterano dos direitos civis, falou para o jornalista David Reminck que a vitória de Obama era um marco histórico, mas não significava tudo:

Obama foi agraciado com algo, mas ele não se levantou no senado, depois de eleito, para dizer que ali há uma ausência significativa, que ele era o único afro-americano da casa, e isso está errado. Ele não é um Martin Luther King, ele não é Fanie Lou Hamer (que ajudou a fundar o partido democrático da liberdade do Mississippi, em 1964). Ele é um homem que pode ser acomodado pelos Estados Unidos, mas não é meu herói, porque um político, por natureza, tem que se impor. Em relação aos problemas que afligem os afro-americanos, Obama precisa dar o máximo de si. (SMITH, 2010, p. 627-628).

Através dessa breve contextualização histórica, podemos conhecer fatos relevantes da vida e da trajetória política de Barack Obama. Esse conhecimento é essencial pra analisarmos quais os sentidos produzidos sobre esse político nas revistas Veja e Época. O próximo capítulo traz conceitos e teorias para que compreendamos como o discurso jornalístico é construído.

3. JORNALISMO E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Neste capítulo, discorreremos sobre a prática jornalística através do viés das teorias construcionistas. Abordamos os fatores envolvidos na produção jornalística e a sua relação com a construção da realidade. Além disso, tratamos as especificidades do jornalismo como um gênero discursivo e o contrato de comunicação que o define. Também falamos sobre as características do jornalismo de revista e sobre a importância de *Veja* e *Época* no cenário informativo brasileiro. Por fim, apresentamos o jornalismo como narrativa e aproximamos o modo de narração das reportagens analisadas à proposta da narrativa mítica da jornada do herói.

Estudamos o modo de produção do discurso jornalístico, ou seja, buscamos compreender a estrutura e o funcionamento da instituição jornalística e a dinâmica da produção das notícias, bem como atentar para o jornalismo como uma possibilidade de narrativa mítica, o que nos ajuda a perceber os sentidos produzidos sobre Barack Obama em *Veja* e *Época*, personagem, que no ano de 2008, tornou-se uma importante figura política no cenário internacional.

O mundo globalizado nos bombardeia constantemente com uma profusão intensa de informações sobre os mais diversos assuntos. As novas tecnologias de comunicação encurtaram as barreiras e nos conectaram com diferentes partes do globo. Nesse contexto, o jornalismo nos ajuda a entender a realidade complexa que nos cerca e a interpretar acontecimentos que, mesmo distantes, podem influenciar diretamente nossas vidas. Ao se constituir em modo de organizar e a dar sentido ao mundo, o jornalismo influencia também na maneira como as noções de realidade e as nossas crenças são construídas.

[...] as notícias produzidas nas empresas de comunicação são relevantes para as audiências porque contribuem para entender o cotidiano cada vez mais complexo e

de difícil acesso, bem como supõe efeitos concretos em relação com a percepção que elas estabelecem entre os temas da agenda e a construção do espaço público. A informação jornalística funciona então como uma ferramenta para a inserção na socialização cotidiana (VIZEU, 2005, p. 4).

Pela influência que exerce na nossa visão de mundo e por ser a principal arena pública de debates na sociedade atual, é necessário que se entenda como o jornalismo funciona e produz informação. Primeiramente, devemos compreender que os fatos retratados pelos meios de comunicação não são isentos de escolhas e de ideologias. O conteúdo jornalístico veiculado não dá voz a todos: “[...] se por um lado deriva da fala de indivíduos inseridos historicamente em seu tempo, sendo efeito dos sentidos dominantes nesses contextos, por outro tem o poder de nomear, consagrando ou ocultando sujeitos, políticas, instituições, práticas e ideologias” (BENETTI, 2007, p.37).

O jornalismo se desenvolveu ao longo da trajetória da democracia e consolidou valores profissionais como o interesse público e a relevância social. Nessa perspectiva, deveria cumprir outras funções secundárias nas sociedades democráticas, como vigiar o poder e auxiliar na construção da cidadania. No entanto, os interesses organizacionais, muitas vezes, utilizam-no como ferramenta para “forjar um consenso social a respeito de temas e modos de ver o mundo, construindo uma visão hegemônica que pouco pode ter a ver com os interesses do cidadão ou com a complexidade social” (BENETTI, 2008, p. 22).

Conforme Traquina (2005), ao mesmo tempo em que a ideologia profissional define o jornalismo como um serviço público que informa a sociedade e a defende contra abusos de poder, essa profissão é um negócio que obedece às regras do mercado. Desde antes do século XIX, as notícias passaram a ser mercadorias e o jornalismo, um negócio lucrativo de grandes empresas (TRAQUINA, 2005). No pano de fundo do conflito entre a ideologia profissional e o interesse econômico, estão “jogadores” que interagem com os jornalistas e tentam promover “as suas necessidades de acontecimentos”. Esses são, por exemplo, os donos das empresas de comunicação, com seus interesses políticos e econômicos. Também, os próprios jornalistas, que possuem necessidades de acontecimento e que decidem, em última instância, o que será notícia. Desse modo, as notícias são:

Uma construção social, o resultado de inúmeras interações entre diversos agentes sociais que pretendem mobilizar as notícias como um recurso social em prol de suas estratégias de comunicação, e os profissionais do campo, que reivindicam o monopólio de um saber, precisamente o que é notícia (TRAQUINA, 2005, p. 28).

Entendemos, portanto, que o jornalismo não reflete a realidade tal como ela é, mas que as notícias são uma construção. Essa concepção vai de encontro à ideia do jornalismo como

espelho²² e adota o enfoque da teoria construcionista – interacionista, que entende a notícia como:

[...] o resultado de um processo de produção, definido como a percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias). Os acontecimentos constituem um imenso universo de matéria-prima; a estratificação deste recurso consiste na seleção do que irá ser tratado, ou seja, na escolha do que se julga ser matéria-prima digna de adquirir a existência pública de notícia, numa palavra – ter noticiabilidade (TRAQUINA, 2005, p. 180).

Os fatos só se converterão em acontecimento jornalístico se alguém fornecer uma notícia sobre eles. A seleção é um processo complexo e um dos aspectos que a influenciam diretamente é a estrutura organizacional dos veículos de comunicação. O jornalista não trabalha com liberdade total, ele sofre pressões e coerções e precisa se submeter aos interesses da instituição da qual é funcionário (TRAQUINA, 1993).

Soloski (1993) afirma que o profissionalismo da categoria jornalística influencia no modo como são selecionadas as notícias. Mais do que isso, as normas profissionais servem como uma ferramenta das organizações para garantir a produção de conteúdos que estejam em coerência com seus interesses. A organização jornalística lida com um ambiente instável e imprevisível, lida com notícias. Por esse motivo, o jornalista precisa de certa autonomia para selecionar e processar as notícias. Devido à natureza do jornalismo e ao imperativo do tempo, ao invés da formulação de regras burocráticas, as organizações controlam seus repórteres através do profissionalismo, que estabelece padrões e normas de comportamento transorganizacionais (SOLOSKI, 1993).

A objetividade é apresentada como a norma profissional mais importante. Soloski (1993) afirma que essa prática reside no comportamento dos jornalistas. Esses têm a obrigação de procurar relatar os fatos da maneira mais equilibrada e imparcial possível. Ao perseguirem essa norma, mais registram do que avaliam o mundo e fazem das notícias uma série de fatos. Assim, os acontecimentos são narrados como se não necessitassem de uma explicação de seus significados políticos. Tanto a empresa quanto o profissional conseguem se eximir das imprecisões, que ficam sob responsabilidade das fontes consultadas para descrever os fatos relativos ao acontecimento. Outra vantagem é que, ao não se posicionarem de maneira abertamente política ou ideológica, as empresas aumentam o seu público e mantêm controle sobre o mercado.

²² A teoria do espelho afirma que o jornalismo reflete a realidade e o jornalista é considerado mero mediador dos acontecimentos. Essa concepção é oriunda da segunda década do século XX, quando surge o conceito de objetividade nos Estados Unidos, influenciado pelo positivismo (TRAQUINA, 2005).

Embora os jornalistas não relatem as notícias de modo a manter o sistema político-econômico vigente, as suas normas profissionais acabam por produzir <<estórias>> que defendem implicitamente a ordem vigente. Além disso, as normas profissionais legitimam a ordem vigente ao fazê-lo parecer um estado de coisas que ocorre naturalmente. Os princípios do profissionalismo jornalístico têm como resultado uma cobertura noticiosa que não ameaça nem a posição econômica da organização jornalística individual nem o sistema político-econômico global no qual a organização opera (SOLOSKI, 1993, p.97).

Mas como as regras do profissionalismo não dependem das organizações, elas dão ao jornalista um poder que pode ser usado contra a direção. Por isso, essas empresas estabelecem políticas editoriais para evitar conflitos (SOLOSKI, 1993). Traquina (1993) alerta que essa política gera constrangimentos profissionais e organizacionais que interferem na produção. O jornalismo contemporâneo deve ser visto menos como produto individual de um profissional e mais como instituição, um fazer coletivo, onde o jornalista está atrelado à organização. E a visão da instituição é apreendida pelo profissional da imprensa quase automaticamente. Devido às rotinas de trabalho, ele aprende o que pode e o que não pode ser dito, através de punições e recompensas (BREED, 1993).

De acordo com Breed (1993), as redações funcionam sob a orientação da política editorial dos proprietários dos veículos de comunicação e dos editores.

A << política >> pode ser definida como a orientação mais ou menos consistente evidenciada por um jornal, não só no seu editorial como também nas suas crônicas e manchetes, relativas a questões e acontecimentos selecionados. A <<parcialidade>> não significa necessariamente prevaricação. Pelo contrário, envolve a omissão, a seleção diferencial, ou a colocação preferencial, tal como <<destacar>> um item favorável à orientação política do jornal, <<enterrar>> um item desfavorável numa página interior [...] (BREED, 1993, p.153).

Essa parcialidade, no entanto, não é explicitada para os repórteres. A política editorial é disfarçada, pois, em diversos casos, não respeita as normas éticas do jornalismo, que dizem respeito às obrigações para com o público – responsabilidade, imparcialidade, exatidão e objetividade. Contudo, apesar de não ser explícita e de, em alguns casos, ir de encontro à visão defendida pelo repórter, a orientação política é mantida (BREED, 1993).

O repórter apreende a orientação política do jornal no dia-a-dia, internalizando seus direitos e deveres. São citados seis elementos causadores da conformidade dos repórteres em relação às políticas da empresa: 1) Autoridade institucional e sanções – o medo da punição leva o jornalista a se submeter aos ditames dos superiores; 2) O sentimento de obrigação e estima para com os superiores; 3) A aspiração de mobilidade – lutar contra a política da empresa pode ser um obstáculo para alcançar postos mais elevados; 4) Ausência de grupos de lealdade em conflito, 5) O prazer da atividade – por trabalhar em regime de cooperação com

os editores na redação e desenvolver tarefas que julga interessante, o jornalista acaba se submetendo às regras; e 6) A notícia torna-se um valor – “em vez de mobilizar os seus esforços para estabelecer a objetividade sobre a política editorial, como critério para a execução, as suas energias são canalizadas para obtenção de mais notícias. [...] Não são pagos para analisar a estrutura social, mas sim para arranjar notícias” (BREED, 1993, p.155-156). Esses seis fatores promovem o conformismo frente à política editorial adotada pela organização. Breed (1993) irá introduzir ainda o conceito de grupo de referência pra melhor explicar como a política é mantida.

O staffer (repórter)²³, em especial o novato, identifica-se a si próprio, através da existência desses seis fatores, com os executivos e com os staffers veteranos. Se bem que ainda não seja um deles, ele partilha as normas deles, e assim a sua atuação vem a parecer-se com a dos outros. Ele conforma-se mais com as normas da política editorial do que com quaisquer crenças pessoais que ele tivesse trazido consigo, ou com ideais éticos. Todos esses seis fatores funcionam para encorajar a formação do grupo de referência. Quando a fidelidade é diretamente dirigida à autoridade legítima, essa autoridade só tem de manter o equilíbrio dentro de determinados limites através da distribuição prudente das recompensas e das punições (BREED, 1993, p.160).

A estrutura organizacional é também um fator que direciona a escolha dos temas que se tornam notícia. Os meios de comunicação precisam estar constantemente produzindo material noticioso e, para isso, sistematizam a rotina das redações em áreas. Assim, há uma predisposição para alguns temas em detrimento de outros:

Os jornalistas ficam pré-direcionados para outros tipos de acontecimento e tópico em termos da organização da sua própria força de trabalho (por exemplo, correspondentes e departamentos especializados, o fomento de contatos institucionais, etc.) e a estrutura dos próprios jornais (por exemplo, notícias nacionais, internacionais, políticas, desporto, etc.) (HALL et. al., 1993, p. 224).

Segundo Stuart Hall et. al. (1993), há ainda um processo de escolha dentro de cada área. Para isso, o jornalista lança mão de uma ideologia profissional que compartilha valores de noticiabilidade.²⁴ Quanto mais desses valores um fato possuir, mais potencial noticioso terá. Eles servem como critério para que os profissionais da área decidam rotineiramente o que merece destaque e o que vai passar despercebido.

O momento de construção da própria notícia, para Hall et. al. (1993), é também outra parte onde há seleção. O jornalista não consegue apreender o todo, então, faz um recorte da

²³ Tradução nossa.

²⁴ Fabiane Moreira (2006) propõe uma classificação dos principais valores-notícia. São eles: Interesse público e do público, atualidade/ineditismo, importância, emoção/dramaticidade, suspense, entretenimento, excepcionalidade, conflito/controvérsia, negativa – infração, anormalidade, violência – e proximidade.

realidade caótica que se apresenta, retira o acontecimento que identifica como notícia desse contexto real e o reconstrói. O fato é inserido em outro contexto, ordenado e colocado em um quadro de significações familiares. Para fazer sentido ao público, o acontecimento é colocado em forma de notícia e inserido em um âmbito de identificações sociais e culturais denominadas pelo autor de “mapas culturais” (HALL et. al., 1993). Esse processo de identificação e contextualização do acontecimento é o que permite ao leitor o entendimento do mundo retratado pelos veículos de comunicação.

A matéria-prima da notícia está por toda a parte. Não é possível controlar o surgimento de acontecimentos. A todo instante, milhões de fatos ocorrem em todos os lugares imprevisivelmente. Para conseguir cumprir a tarefa diária da elaboração de notícias, pressionados pela tirania do tempo imposta pela hora do fechamento, as empresas de comunicação lançam mão de mecanismos que auxiliam a ordenar o tempo e o espaço (TRAQUINA, 1993).

Traquina (1993), seguindo as idéias Gaye Tuchman (1973, 1978), afirma que as empresas constroem uma rede para capturar acontecimentos. Costumam utilizar três estratégias para cobrir o espaço. A primeira delas é a territorialidade geográfica, que divide o mundo em áreas de responsabilidade territorial. Há também a especialização organizacional, em que uma atenção especial é dada às organizações que normalmente produzem acontecimentos noticiáveis. Por último, a especialização em temas, dividindo-se o jornal em seções. Esses mecanismos provocam uma concentração de notícias em alguns locais em detrimento de outros, pois só serão noticiáveis os fatos que estiverem nessa rede. Com relação ao tempo, existe uma tentativa de agendar notícias, de elaborar uma lista de acontecimentos previstos para organizar o trabalho com certa antecedência. As instituições esperam ainda que os acontecimentos com valores-notícia ocorram durante o horário de trabalho, momento em que há um bom efetivo de repórteres.

Além disso, o imediatismo, característico do jornalismo, faz com que as notícias não abordem a complexidade e as problemáticas de um acontecimento. O objetivo principal é informar o mais recente, perseguir o conceito de atualidade. Para alcançar essa finalidade, os jornalistas focam o texto nos dados factuais, no relato concreto e objetivo, respondendo as perguntas do lead (O que? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê?) (TRAQUINA, 1993).

[...] E nas respostas aos seis servidores habituais do lead noticiosos, os dois como e por que, que mais carecem de explicação é precisamente os que o leitor quer da notícia e menos encontra. Exigir isso é talvez pedir demais a esses profissionais inundados pela cheia de acontecimentos e assediados pela hora do fechamento. (TRAQUINA, 1993, p. 176).

Outro importante elemento no processo de elaboração do material jornalístico é a fonte. Segundo Hall et. al. (1993), o jornalismo está orientado para questões como imparcialidade, objetividade e equilíbrio. Esses valores, de acordo com o autor, levam o profissional a querer assegurar que as fontes ouvidas sejam fidedignas. Por isso, o jornalista recorre aos representantes de instituições sociais reconhecidas, as fontes oficiais. Nessa relação, esses entrevistados se tornam o que Hall et. al. denomina de definidores primários.

Apesar de o jornalismo dar lugar a ideias conflitantes, as fontes institucionais estabelecem a definição ou interpretação primária do tópico debatido. E a interpretação dos definidores primários se torna a referência para os debates ou coberturas posteriores sobre o tópico. Até os argumentos contrários serão obrigados a se inserirem no enquadramento inicial, pois essa será a forma de tratar a questão.

A definição primária *estabelece o limite* de todas as discussões subsequentes através do seu *enquadramento do problema*. Este enquadramento inicial fornece então os critérios segundo os quais todas as contribuições subsequentes são rotuladas de relevantes ou irrelevantes – fora de questão (HALL et. al., 1993, p.230).

O acesso exagerado de porta-vozes institucionais aos *media* e as regras obedecidas para alcançar a imparcialidade e a maior neutralidade profissional acabam por orientar os meios de comunicação nas definições de realidade social que as fontes acreditadas oferecem. Assim, os *media* “tendem, fiel e imparcialmente, a reproduzir simbolicamente a estrutura de poder existente na ordem institucional da sociedade.” (HALL et. al., 1993, p. 229).

De acordo com Traquina (2005), as fontes que fornecem informações aos jornalistas são pessoas interessadas. Por isso, o profissional utiliza critérios para avaliá-las. São eles: autoridade, produtividade e credibilidade. As fontes costumam ser escolhidas pelo status da posição que ocupam. É comum a pessoa ser utilizada mais pela posição de autoridade do que pelo conhecimento que detém sobre determinado assunto. Esse tipo de avaliação beneficia as fontes oficiais, pois inspiram mais confiança e credibilidade por parte do público.

Além disso, devido ao imperativo do tempo e a necessidade de economizar recursos, o jornalista precisa limitar o número de pessoas a serem consultadas. Com base na produtividade, seleciona a fonte que possa fornecer uma quantidade de informações suficientes para elaborar uma notícia. E, por último, para evitar um trabalho apurado na checagem de informações, as fontes que uma vez fornecem material credível têm chances de se tornarem regulares. Assim, as fontes institucionais passam a ser as vozes dominantes na

mídia. “As fontes oficiais acabam por assumir uma credibilidade adquirida com o tempo e com a rotina. Se a credibilidade da “estória” não pode ser rapidamente confirmada, o jornalista procura basear-se na credibilidade da fonte, na sua honestidade.” (TRAQUINA, 2005, p.192-193).

Através do resgate teórico de diferentes autores observamos que as notícias não são um reflexo da realidade, mas construções. Na produção do texto jornalístico, existe a escolha de um acontecimento, a seleção de um viés, a determinação de quais fontes serão consultadas. Esse processo é influenciado pelas regras profissionais do jornalista, pela estrutura e pela política editorial da organização na qual está inserido. Além da própria subjetividade, esses elementos impedem que o profissional seja um simples mediador dos fatos tais como eles acontecem. Portanto, as notícias não narram o real e não são objetivas. Mais do que isso, elas produzem sentidos que nos auxiliam na percepção do mundo. E as especificidades do jornalismo, as singularidades que diferem a produção e a maneira de narrar da notícia, permitem que essa prática seja considerada um gênero discursivo particular.

De acordo com a corrente francesa da Análise de Discurso (AD), o discurso liga as significações de um texto ao contexto externo. Para além da língua, há condições sócio-históricas – extralinguísticas – que influenciam na sua construção. A linguagem enquanto discurso é um modo de produção social, articulada aos processos linguísticos. (BRANDÃO, 1997). Para Foucault (1995), o discurso é uma prática, ou seja, não existe “fora do sistema de relações materiais que o estruturam e o constituem” (LECOURT, 1971²⁵, p.51 apud BENETTI, 2008, p.16). Os gêneros discursivos articulam-se “sobre relações históricas e sociais que não ignoram as condições de fala, interpretação e constituição da memória” (BENETTI, 2008, p.15).

Maingueneau (1997) afirma que há um gênero na medida em que vários textos se submetem a um conjunto de coerções comuns. Ele existe quando é possível, de alguma maneira, definir uma unidade. Para cada gênero discursivo se presume um contrato específico. “Um discurso não é delimitado à maneira de um terreno, nem desmontado como uma máquina. Constitui-se em signo de alguma coisa, para alguém, em um contexto de signos e de experiências”. (MAINGUENEAU, 1997, p. 34).

Assim, existe um contrato de comunicação (CHARAUDEAU, 2007) que define o gênero de discurso jornalístico e o legitima a exercer a função de enunciar fenômenos sociais. “[...] o jornalismo ocupa um lugar de enunciação a partir do qual está autorizado a ‘tratar de

²⁵ LECOURT, Dominique. A arqueologia e o saber. In: ROUANET, Sergio Paulo (Org.). O homem e o discurso: a arqueologia de Michel Foucault. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971.

fatos do mundo’ e os sentidos que ele deseja construir só têm alguma chance de se concretizarem se o leitor reconhecer a legitimidade e a singularidade daquele lugar de enunciação” (BENETTI e HAGEN, 2009, p.2).

Para existir o discurso jornalístico, os interlocutores precisam conhecer quais são as restrições e as permissões da situação de comunicação em que estão envolvidos e isso é o que Patrick Charadeau (2007) denomina de contrato de comunicação.

Não somente todo locutor deve submeter-se às suas restrições, mas também deve supor que seu interlocutor, ou destinatário, tem a capacidade de reconhecer essas mesmas restrições. [...] O necessário reconhecimento recíproco das restrições da situação pelos parceiros da troca linguageira em que estão envolvidos nos leva a dizer que eles estão ligados por uma espécie de acordo prévio sobre os dados desse quadro de referência (CHARAUDEAU, 2007, p.67-68).

Esse contrato está modulado por dados externos e internos. Os dados externos definem a situação de troca entre os sujeitos e são agrupados em quatro categorias que correspondem a condições de enunciação da produção linguageira: condição de identidade – que quer conhecer quem troca com quem -, condição de finalidade, em que importa saber o objetivo – estamos aqui para dizer o quê?-, condição de propósito, que quer saber do que se trata a comunicação e a condição de dispositivo, que leva em conta em que ambiente ocorre a troca, quais as condições do discurso e que canal de transmissão utiliza (CHARAUDEAU, 2007). “Resumidamente, os dados externos do contrato levam em conta quem diz e pra quem, para quem se diz, o que se diz e em que condições se diz” (BENETTI, 2008, p.9).

Os dados internos são aqueles propriamente discursivos e dizem respeito ao como se diz. Dividem-se em três espaços: espaço de locução - o enunciador se impõe como falante a partir de legitimidade e autoridade, espaço de relação – o sujeito falante constrói a própria identidade e a do destinatário e estabelece relações com esse interlocutor, e o espaço de tematização – são tratados os domínios do saber, por meio de um modo de organização discursivo particular (CHARAUDEAU, 2007).

Com relação à condição de finalidade, o jornalismo é visto como uma prática que reconstrói os eventos que dizem respeito aos homens. A sociedade reconhece que a atividade jornalística possibilita o conhecimento das coisas que a humanidade produz, segundo critérios de interesse público e relevância social. A autoridade de narrar e a credibilidade do jornalismo foram construídas através de um percurso histórico, inscrito na trajetória da sociedade moderna. O lugar de enunciação do discurso jornalístico deve ser analisado do ponto de vista da instituição:

Como instituição social, o jornalismo cumpre um papel social específico, não executado por outras instituições. A instituição jornalística conquistou historicamente uma legitimidade social para produzir, para um público amplo, disperso e diferenciado, uma reconstrução discursiva do mundo com base em um sentido de fidelidade entre o relato jornalístico e as ocorrências cotidianas. (FRANCISCATO, 2005, p.167).

A condição de propósito – o que se diz – está relacionada às temáticas que o discurso aborda, aos valores de noticiabilidade usados pelo jornalista para fazer suas escolhas. A condição de identidade é construída a partir do conhecimento do propósito e da finalidade. Assim, constroem-se as identidades dos sujeitos envolvidos na situação de comunicação. O jornalista imagina quem é o leitor e, a partir disso, guia parte das suas escolhas. Ele supõe um leitor que possa reconhecer as regras do gênero jornalístico, entender e considerar válida a informação contida no texto. Além do leitor virtual, outros sujeitos estão envolvidos na produção do discurso: a voz institucional, o editor, os colegas de profissão e as fontes, entre outros interlocutores possíveis. Ao ter contato com o texto, o leitor real se confronta com a imagem de si mesmo e se pergunta “quem ele imagina que eu sou para que me fale assim?”. Esse leitor real precisa ter conhecimento sobre o que deva ser o jornalismo e sobre o que supõe ser a competência de um jornalista para conferir a esse profissional a legitimidade e a autoridade de enunciar. A condição de dispositivo diz respeito ao modo como o discurso se constrói. O jornalista sofre os constrangimentos profissionais da rotina de trabalho: pressões econômicas, políticas, hierárquicas. Questões técnicas como o suporte do discurso e o acesso às fontes fazem parte da constituição do gênero (BENETTI e HAGEN, 2009).

O último elemento, o “como se diz”, refere-se às estratégias discursivas utilizadas para dar efeito de verdade e, por consequência, garantir a credibilidade de quem narra. O profissional usa procedimentos quase científicos, técnicas de apuração, cruzamento de fontes, pluralidade de versões e o recurso da objetividade como ritual estratégico que constitui o saber de narração, operacional para o jornalista e reconhecido pelo leitor como parte do gênero. O efeito de verdade se baseia em um acreditar ser verdadeiro. Busca-se convencer o interlocutor que a narrativa corresponde à verdade:

Esses procedimentos de construção dos efeitos de verdade só podem ser usados, na moldura do jornalismo como gênero, de forma subordinada às condições do contrato de comunicação, destacando-se uma consciência ética, que incide sobre todas as condições. Assim, a verdade e a credibilidade tanto estruturam o gênero jornalístico quanto são instituídas por ele, em uma relação orgânica. Os procedimentos que asseguram os efeitos de verdade são legítimos para o jornalismo porque estão baseados em estratégias que buscam a confiabilidade, sob pena de ruptura do contrato de comunicação. Nenhum discurso está livre da verdade como efeito, e o jornalismo não seria diferente: a verdade como construção, como crença e como convicção (BENETTI e HAGEN, 2009, 25).

Portanto, o jornalismo conquista o seu espaço e a sua credibilidade através de um acordo tácito que estabelece como devem se portar os sujeitos envolvidos no discurso. Assim, o público espera, por exemplo, que o discurso jornalístico não seja ficcional, que tenha compromisso com a verdade, que trate daquilo que é de interesse público. O jornalista, por sua vez, irá trabalhar com as suas técnicas de narração e de efeito de verdade para não romper esse contrato, que pode por em risco a legitimidade da função.

De acordo com Franciscato (2005), a legitimidade dada pela sociedade à instituição jornalística para que essa faça relatos sobre acontecimentos do cotidiano é essencial para a prática da profissão. Podemos afirmar que há uma “interação comunicativa entre a instituição jornalística e seu público, em que ambos os interlocutores têm expectativas, necessidades e interesses sobre o conteúdo jornalístico e suas ações são formas de expressar se há uma correspondência entre essas expectativas” (FRANCISCATO, 2005, p.172). Essas expectativas do leitor fazem parte do contrato de comunicação e mudam dependendo das características do veículo pelo qual a informação jornalística é transmitida.

3.1. Jornalismo de revista

Interessante observarmos que existem especificidades dentro do gênero jornalístico de acordo com o suporte pelo qual a informação será veiculada. O público tem expectativas diferentes quando acessa a internet para saber as notícias do dia e quando compra uma revista semanal de informação. Um veículo jornalístico semanal, como as revistas, diferencia-se de um diário por se propor a relatar os acontecimentos já noticiados de forma mais aprofundada e analítica. Para analisarmos os sentidos produzidos por *Veja* e por *Época* sobre Obama, é necessário, portanto, que entendamos quais são as características do jornalismo de revista.

Conforme Marília Scalzo (2004) o jornalismo de revista no Brasil surgiu no século XIX, inicialmente, com publicações efêmeras. “*As variedades e Ensaio de literatura*”, lançada em 1812, ficou conhecida como a primeira revista nacional. Ela chegou ao Brasil um pouco depois da corte portuguesa e se confunde com a história econômica e industrial do país. A revista se propunha a publicar discursos sobre costumes e virtudes morais e sociais, algumas novelas, extratos de história antiga e moderna, nacional ou estrangeira, resumos de viagens, trechos de obras de autores clássicos portugueses. As características dessa primeira revista a assemelha a um livro (SCALZO, 2004).

“As variedades e Ensaios de literatura” teve apenas duas edições e, assim como outras publicações do século XIX, não se dedicava a reportar notícias. As revistas da época eram, em sua maioria, veículos institucionais e eruditos e tinham pouca semelhança com o que hoje denominados assim. No século XX, mudanças sofridas nos jornais – separação entre a literatura e a informação – transformam as revistas em reduto de escritores, dando origem a uma fase essencialmente literária desses periódicos (NASCIMENTO, 2002).

Conforme Nascimento (2002), em 1928, surgiu a primeira revista brasileira com ênfase no trabalho de reportagem: *Cruzeiro*. Criada pelo jornalista e empresário Assis Chateaubriand, dos *Diários Associados*, dedicava atenção especial ao fotojornalismo. A publicação durou até 1975 e foi um dos maiores fenômenos editoriais brasileiros. Outras revistas, como *Diretrizes* (1938-44), *Manchete* (1952 – década de 90), começaram a nascer e valorizar o gênero.

Uma das mais marcantes para o jornalismo brasileiro foi a *Realidade*, lançada em 1966. Editada pelo Grupo Abril, a publicação existiu até 1975 e chegou a vender 500 mil exemplares. Ficou famosa pelo caráter investigativo das matérias jornalísticas, dedicando espaço para a grande reportagem. Os textos eram elaborados e bem aprofundados e, além disso, trazia ensaios fotográficos. Em 1968, a Editora Abril lançou a *Veja*. Importantes revistas com o mesmo caráter informativo semanal surgem depois: *IstoÉ*, em 1976, *Época*, em 1998 (NASCIMENTO, 2002). A revista *Carta Capital* foi fundada como veículo mensal em 1994 e tornou-se semanal em 2001 (CARTA CAPITAL, 2011).

O jornalismo de revista se caracteriza, principalmente, por analisar mais profundamente, sem o caráter imediatista, temas abordados todos os dias por outros meios de comunicação. O trabalho de análise e de investigação é mais valorizado do que no outros meios, como jornais diários, sites, rádio e televisão. A revista é:

Publicação periódica de formato e temática variados que difere do jornal pelo tratamento visual (melhor qualidade de papel e de impressão, além de maior liberdade na diagramação e utilização de cores) e pelo tratamento textual (sem o imediatismo imposto aos jornais diários, as revistas lidariam com os fatos já publicados pelos jornais diários ou já veiculados pela televisão de maneira mais analítica, fornecendo um maior número de informações sobre determinado assunto). (NASCIMENTO, 2002, p.18).

Scalzo (2004, p.14) afirma que a “revista une e funde entretenimento, educação, serviço e interpretação dos acontecimentos. Possui menos informação no sentido clássico (as notícias quentes) e mais informação pessoal (aquela que vai ajudar o leitor em seu cotidiano, em sua vida prática)”. Nesse meio, “é sempre necessário explorar novos ângulos, buscar

notícias exclusivas, ajustar o foco para aquilo que se deseja saber e entender o leitor de cada publicação” (SCALZO, 2004, p.41).

A segmentação é uma característica presente nesses veículos. Diferentes publicações se dirigem a públicos distintos: revistas de moda e decoração para mulheres, de carros para homens. Cada título segmentado para um perfil de leitor. “Entre as revistas, a segmentação por assunto e tipo de público faz parte da essência do veículo” (SCALZO, 2004, p.14). Segundo Nascimento (2002), há no Brasil pelo menos vinte gêneros de classificação das principais revistas em circulação. São eles: interesse geral/informação/ atualidades, interesse geral/ ciência, interesse geral/ leitura, interesse geral/negócios, interesse geral/turismo, feminina/comportamento/beleza, feminina/jovem, feminina/moda/trabalhos manuais, feminina/puericultura, feminina/culinária, feminina/saúde, masculina, esporte/automobilismo, arquitetura; decoração, astrologia, cinema/música/ TV, construção, infante-juvenil/ games, informática.

No país, existem 65 editoras, segundo a Associação Nacional de Editores de Revista (ANER, 2011). Dentre as revistas semanais de informação geral, Veja e Época – escolhidas como corpus para a pesquisa – são as de maior circulação nacional. Segundo tabela do Instituto Verificador de circulação (ANER, 2011), Veja está em primeiro lugar com uma média semanal de 1.083.742 exemplares – circulação média de janeiro a junho de 2010. Logo em seguida, encontra-se Época, com 409.028. A tabela abaixo mostra que as duas publicações juntas representam, dentre os 23 títulos pesquisados, quase 40% do mercado.

RK	Título	Editora	Circulação Média Jan a Jun/ 10	Título	Editora	Circulação Média Jan a Jun/ 09	
1	Veja	Abril	1.083.742	Veja	Abril	1.097.481	
2	Época	Globo	409.028	Época	Globo	418.414	
3	Istoé	Três	341.929	Istoé	Três	338.549	
4	Caras	Caras	338.337	Caras	Caras	312.056	
5	Viva Mais	Abril	244.747	Ana Maria	Abril	218.537	
6	Ana Maria	Abril	232.039	Viva Mais	Abril	213.618	
7	Tititi	Abril	173.413	Contigo	Abril	147.476	
8	Contigo	Abril	153.030	Têti	Abril	139.394	
9	Malu	Alto Astral	137.621	Recreio	Abril	124.076	
10	Minha Novela	Abril	133.397	Malu	Alto Astral	120.762	
11	Quem	Globo	109.847	Minha Novela	Abril	114.705	
12	Recreio	Abril	102.324	Quem	Globo	90.277	
13	TV Novelas	Escala	84.711	TV Novelas	Escala	69.116	
14	Sou + Eu	Abril	83.760	Istoé Dinheiro	Três	64.696	
15	Istoé Gente	Três	68.270	Sou + Eu	Abril	58.972	
16	Istoé Dinheiro	Três	67.648	Istoé Gente	Três	57.669	
17	TV Brasil	Escala	62.669	TV Brasil	Escala	52.106	
18	Guia da TV	Alto Astral	46.966	Guia da TV	Alto Astral	45.592	
19	Sete Dias com Você	Escala	38.155	Revista da Semana	Abril	41.883	
20	Conta Mais	Escala	33.894	Sete Dias com Você	Escala	36.246	
21	CartaCapital	Confiança	30.207	CartaCapital	Confiança	33.010	
22	SuperNovelas	IBC	23.147	Conta Mais	Escala	31.683	
23	Meio & Mensagem	Meio & Mensagem	5.863	Gênios	Alto Astral	6.865	
24				Meio & Mensagem	Meio & Mensagem	6.812	
25				Chiques e Famosos	Símbolo Sucesso	4.103	
Total			4.004.742	Total			3.844.096

Fonte : IVC - Instituto Verificador de Circulação - Revistas Pagas- Total da Circulação

A revista *Veja* faz parte da Editora Abril e foi fundada em 1968 pelos jornalistas Vitor Civita e Mino Carta. O grupo Abril possui 60 publicações, canais de televisão, editoras de livro, rede de ensino, gráfica, empresas de distribuição e logística e de evento. Segundo a ANER (2011), em 2008, no mercado de revista, o grupo foi líder em 22 dos 25 segmentos nos quais opera, detendo mais de 50% do mercado. Ao todo, no mesmo ano, as publicações do Grupo Abril alcançaram 28 milhões de leitores e quatro milhões de assinaturas.

Veja é também a quarta revista semanal de informação de maior circulação no mundo. Estima-se que o público leitor do veículo seja constituído por oito milhões 669 mil pessoas. As edições, em geral, trazem notícias de cultura, política nacional e internacional, entretenimento, comportamento. Dos mais de um milhão de exemplares que circulam pelo país semanalmente, cerca de 920 mil são de venda por assinatura. (ANER,2011; VEJA, 2011)

A classe B é onde está concentrada a maior parte dos leitores de *Veja*, 46%. Depois, a classe A com 28% e a C, com 23%. A revista tem uma quantidade de leitores inexpressiva nas camadas mais populares – classes D e E. A maioria das pessoas que compram a *Veja* tem entre 25 e 34 anos ou mais de 50 – 44% do total. Depois, estima-se que 21% dos leitores estejam na faixa dos 35 aos 44, 12% dos 20 aos 24, 10% dos 15 aos 19 e os 3% restante entre 10 e 14 anos. No site oficial da revista (VEJA, 2011), há uma sucinta descrição do leitor. São pessoas com famílias que têm crianças até 14 anos em casa. O nível de instrução é alto, sendo que o índice dos que tem ensino superior e pós- graduação é 240% maior do que a média da população brasileira. A renda familiar e individual também é bem maior. O índice dos leitores que ganham mais de R\$ 4.500,00 individualmente é 356% mais alto. Já o índice dos que recebem renda familiar de mais de R\$ 9.000,00 é 369% maior que a média nacional. (VEJA, 2011)

Quanto ao gênero, a revista atinge os dois sexos sem expressiva diferença: 47% do público é masculino e 53%, feminino. A maior parte das vendas está concentrada na região sudeste, com 58% dos leitores, depois na sul com 15%, na nordeste com 14%, na centro-oeste com 9% e na norte com 4%. De acordo com Roberto Civita (2011), presidente do Grupo Abril, a missão da *Veja* é:

Ser a maior e mais respeitada revista do Brasil. Ser a principal publicação brasileira em todos os sentidos. Não apenas em circulação, faturamento publicitário, assinantes, qualidade, competência jornalística, mas também em sua insistência na necessidade de consertar, reformular, repensar e reformar o Brasil. Essa é a missão da revista. Ela existe para que os leitores entendam melhor o mundo em que vivemos.

A outra revista que estamos analisando nessa pesquisa, a *Época*, foi lançada em 1998 pela Editora Globo. A publicação pertence às Organizações Globo, o maior conglomerado de mídia da América Latina, de propriedade da família Marinho. O maior canal de televisão brasileiro - a Rede Globo – possui 121 emissoras de TVs entre afiliadas e geradoras. O grupo controla ainda canais na televisão fechada, jornais, revistas, agência de notícias, portal de jornalismo na internet, emissoras de rádio, além de empresas que prestam outros serviços, como editoras, gravadoras, produtora e distribuidora de filmes e a NET - operadora e distribuidora de TV a cabo (JUNIOR, 2007).

No site da revista *Época*, há poucas informações a respeito do veículo e do público ao qual se destina. Com relação ao gênero dos leitores, há uma divisão quase igualitária, 49% são homens e 51% são mulheres. A revista se dirige a um público que, assim como a *Veja*, está concentrado nas classes A e B – 67%. Outros 25 % dos leitores são da classe C e 8% das classes D e E. As regiões onde há maior concentração de vendas da publicação são a sudeste, com 68%, a sul com 12%, a nordeste com 13%, a centro-oeste com 8% e a norte com 3% (BENETTI e HAGEN, 2009).

Época (2011) descreve no seu site qual a missão, a visão e as crenças que a norteiam. A missão é “fazer um jornalismo que capte o espírito do nosso tempo e ajude a construir o amanhã, converta informação em conhecimento, transforme a confusão em clareza.” Posiciona-se, portanto, como veículo que tem condições de ajudar a construir a nação brasileira. A visão é compartilhada pela comunidade, na busca de um futuro melhor. Por último, enumera diversas crenças, dentre elas, a defesa de um jornalismo apartidário e independente, a crença no empreendedorismo como algo essencial para o desenvolvimento do Brasil e na postura crítica e propositiva, capaz de formular soluções para problemas da atualidade.

Podemos perceber que as duas revistas semanais têm uma posição de destaque no mercado brasileiro. Constituídas por dois fortes grupos de comunicação do país, posicionam-se através do discurso institucional como participantes da construção da realidade, como ferramentas que ajudam na busca de uma sociedade melhor. Além disso, *Veja* e *Época* são direcionadas a um público com poder aquisitivo alto, a elite e a classe média. Esses leitores possuem um nível de instrução acima da média nacional e são considerados formadores de opinião. As duas publicações têm a capacidade de influir na percepção da realidade desses leitores, muitos dos quais fazem parte da parcela que governa o Brasil.

Após essa explanação sobre o jornalismo de revista, vamos abordar o jornalismo como narrativa. Com isso, pretendemos demonstrar que as reportagens escolhidas como corpus da nossa pesquisa possuem, em alguns momentos, elementos de uma narrativa mítica, tratando Barack Obama como o protagonista, o herói de uma jornada.

3.2. Jornalismo como narrativa: a jornada do herói

As narrativas são ferramentas para constituição e instituição do mundo. Conforme Motta (2009), o ato de narrar faz parte da humanidade. Contamos histórias pela necessidade de organizar a experiência e fazê-la pública. A partir dessas histórias, conseguimos compreender e dar sentido ao mundo.

A narrativa é a forma instituinte da realidade, que dá sentido e organiza o mundo. O ato de contar histórias consiste numa arte e numa atividade prática básica, comum a todos, operando a naturalização do mundo. A narrativa é pedagógica porque oferece contextos naturalizados a fenômenos complexos e difíceis de compreender: a naturalidade do mundo é estabelecida pelo contar de uma história (MOTTA, 2009, p.7).

Motta (2009) afirma que as narrativas não são uma representação, mas uma apresentação da realidade. “São bases originais para ação na medida em que elas próprias constituem o que é mundo para alguém, num dado momento. [...] As narrativas não são espelhos de nada. Elas próprias produzem a realidade, a organizam tendo em vista a ação” (MOTTA, 2009, p.7). A narrativa organiza o caos e estabelece uma visão mais integrada do mundo ao unir incidentes dispersos. É uma forma de experimentação. “Emaranhado de mantos que constitui a textura social e recobre a vida de sentidos, modelos éticos e estéticos, enredos, personagens com os quais nos identificamos ou rechaçamos” (MOTTA, 2009, p.9).

Conforme Motta (2009), o texto jornalístico possui um caráter narrativo, ainda que pela pretensão de verdade e de objetividade isso seja, muitas vezes, negado. Ao apreender os acontecimentos caóticos e desconexos e colocá-los em enredos coerentes, experimenta a realidade. A narrativa jornalística é dinâmica e instável, é colocada à prova, refeita, uma vez que se ocupa do atual. Permite que compreendamos quem somos e onde estamos em um dado momento. “A narrativa jornalística se constrói simultaneamente às ações que narra. Sua singularidade é configurar-se no tempo presente” (MOTTA, 2009, p.12).

A narratividade surge inevitavelmente quando jornalismo se dispõe a organizar intrigas, cuja apresentação remete a personagens e ações rumo a um desenlace. A

conexão do heterogêneo pela trama narrativa precede e rege a composição do acontecimento. Ela gera demanda, solicita novos eventos para completar a história. O final da história, como realça Ricouer, é o pólo magnético que rege a composição da intriga, escolhe, prioriza, hierarquiza ações e personagens em razão de sua coerência (MOTTA, 2009, p.12).

Bird e Dardenne (1993) afirmam que os relatos noticiosos não são imparciais e objetivos, são narrativas culturalmente construídas. Os valores-notícia não são intrínsecos aos acontecimentos, mas, ao contrário, são códigos culturais específicos de se contar história. Através das técnicas profissionais, formou-se um modo particular, uma fórmula de construção narrativa.

As notícias enquanto abordagem narrativa não negam que as notícias informam; claro que os leitores aprendem com as notícias. No entanto, muito do que aprendem pode ter pouco a ver com os fatos, nomes e números que os jornalistas tentam apresentar com tanta exatidão. Estes pormenores- significantes e insignificantes – contribuem todos para o bem mais amplo sistema simbólico que as notícias constituem. Os fatos, nomes e detalhes modificam-se quase diariamente, mas a estrutura na qual se enquadram – o sistema simbólico – é mais duradoura. E poder-se-ia argumentar que a totalidade das notícias como sistema simbólico duradouro ensina os públicos mais do que qualquer das suas partes componentes, mesmo se essas partes tivessem como finalidade informar, irritar ou entreter (BIRD e DARDENNE, 1993,p.265).

As narrativas jornalísticas podem ser consideradas como mito. Aqui, primeiramente, é essencial explicarmos que nesse contexto o mito não é visto como uma história fantasiosa.

Há mais de meio século, os especialistas ocidentais situaram o estudo do mito numa perspectiva que contrastava sensivelmente com a do século XIX. Em vez de, como os seus antecessores, tratarem o mito na acepção usual do termo, ou seja, enquanto fábula, invenção, ficção, aceitaram-no tal como ele era entendido nas sociedades arcaicas, nas quais, ao contrário, o mito designa uma história verdadeira e, sobretudo, altamente preciosa, porque sagrada, exemplar e significativa. [...] (ELIADE, 1989²⁶, p.9 apud MARTINEZ, 2008, p.15).

“O mito tranquiliza ao oferecer-nos os contos que explicam fenômenos desnorteantes ou aterrorizantes e que ao mesmo tempo fornecem respostas aceitáveis; o mito não reflete necessariamente uma realidade objetiva, mas antes constrói o seu próprio mundo” (BIRD e DARDENNE, 1993, p.266). Assim como o mito, a notícia é ritualística e comunal. Como o primeiro, ela também dá ordem ao caos. A qualidade mítica do relato noticioso é a de narrar um acontecimento complexo utilizando os conhecimentos e as experiências familiares

²⁶ ELIADE, Mircea. Aspectos do mito. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.

compartilhadas pela sociedade. A notícia oferece, desse modo, mais do que fatos, a tranquilidade de respostas credíveis e explicações prontas a fenômenos complexos.

Outro ponto que liga o mito à narrativa jornalística é a forma como os dois fornecem os parâmetros de comportamento social.

Tais notícias são uma fonte importante de informação sobre os contornos normativos de uma sociedade. Informam-nos do que está certo e errado, dos parâmetros para além dos quais não nos devemos aventurar e das formas que o demônio pode assumir. Uma galeria de tipos populares – heróis e santos, e também bobos, vilões e demônios – é publicitada não só na tradição oral e no contato cara-a-cara, mas a públicos muito mais vastos e com recursos dramáticos muito maiores (COHEN e YOUNG, 1981²⁷, p.431 apud BIRD e DARDENNE, 1993, p.267).

Nem sempre as notícias são histórias, elas podem se apresentar apenas como registro – texto conciso, rotinizado, série de fatos de um acontecimento. Dentro da profissão, de acordo com Bird e Dardenne (1993), desenvolveu-se uma crença de que os registros eram a maneira mais eficaz de relato jornalístico e a história era apenas diversão. No entanto, falta narratividade para que os registros sejam compreensíveis e se pareçam mais com o real. “Enquanto contados como histórias, os relatos são ornamentados com adornos retóricos, canções e um toque pessoal – e é através das histórias que as pessoas realmente compreendem os acontecimentos humanos” (BIRD e DARDENNE, 1993, p.270).

Nas revistas *Veja* e *Época*, analisadas nesse trabalho, as notícias não aparecem em forma de registro. A narração é mais elaborada do que os relatos sucintos do jornalismo diário. As reportagens são maiores, mais analíticas, e, em alguns momentos, podemos perceber as marcas pessoais do jornalista, que narra como um contador de história. E nessa forma de narrar, podemos encontrar ainda a aproximação com a narrativa mítica da jornada do herói, trabalhada por Mônica Martinez (2008).

A metodologia da jornada do herói associa a narrativa do jornalismo ao mito para somar à objetividade e ao pensamento lógico, atributos subjetivos e, assim, dar origem a relatos mais integrais. A história humana é sagrada, produz significados e serve como exemplo. A narrativa focada na jornada da vida nos conduz a função pedagógica do mito. Ao entrar em contato com uma história de vida, o leitor a relaciona com a própria trajetória, apreendendo ensinamentos. As narrativas carregam conhecimentos e a proposta da jornada do herói é a de que o jornalista transcenda a técnica e compreenda a trajetória humana como uma série de crises que conduzem a maturidade (MARTINEZ, 2008).

²⁷COHEN, Stanley; e YOUNG, Jock (eds.). *The Manufacture of News*. Beverly Hills, CA: Sage, 1981.

Essa narrativa mítica tem a função de humanizar, de dar vida aos textos burocráticos, criando dramas, transmitindo sentimentos. Na jornada do herói, esse último não é um ser inatingível, mas alguém comum, que por determinado motivo, é escolhido para ser o protagonista. Com o intuito de apreender a complexidade humana, a jornada do herói se dedica a entender a personagem central, principalmente, de três maneiras. Primeiro, como produto de seus pensamentos, valores e qualidades e não somente pela função que ocupa na sociedade. “[...] além de carreiras e atividades sociais, uma possível ênfase seria dada na busca da compreensão da esfera amorosa e familiar” (MARTINEZ, 2008, p. 46). A segunda corrente compreende o homem em um processo de individuação, no qual ele se torna consciente de sua personalidade e se vê como um ser único no mundo. Por último, esse protagonista é visto como pertencente à natureza e interdependente de conexões globais e do cosmo (MARTINEZ, 2008).

As narrativas míticas são uniformes e possuem uma forma estrutural que nos ajuda a compreender a nossa espécie e o universo que nos cerca. A jornada do herói propõe um padrão narrativo antigo, encontrado em mitos e contos de fadas de todo o mundo. O caminho da aventura mitológica do herói reproduz rituais de passagem, obedecendo ao padrão separação-iniciação-retorno.

[...] o iniciado é isolado da vida cotidiana e passa por atividades ritualizadas antes de retornar ao seu universo conhecido. Neste período, o herói está simbolicamente morto para o seu mundo. É, portanto, um intervalo pleno de potencial criador que permite a gestação de novas qualidades e a liberação de padrões obsoletos, o que faz com que ele regresse ao seu dia-a-dia renascido (MARTINEZ, 2008, p.53).

A estrutura narrativa jornalística da jornada do herói proposta por Martinez (2008) é baseada na aventura do herói de Joseph Campbell (1992)²⁸. Martinez (2008) propõe uma estrutura, não para ser seguida de modo fechado, mas para guiar as narrativas que se pretendem mais humanas. São doze etapas que compreendem essa jornada do herói apresentada pela autora, separadas no padrão básico separação ou partida, iniciação e retorno. Na partida, há três etapas: cotidiano, chamado à aventura, recusa e travessia do primeiro limiar. Na iniciação: teste, aliados e inimigos, caverna profunda, provação suprema, encontro com a deusa, recompensa. Ao final, na fase do retorno, há o caminho de volta, a ressurreição e o retorno com elixir.

²⁸ CAMPBELL, Joseph. O herói de mil faces. São Paulo: Pensamentos, 1992.

Ainda que não obedecem rigorosamente ao padrão, as reportagens de *Veja* e *Época* analisadas por essa pesquisa possuem algumas características da estrutura mítica da jornada do herói. A personagem central do relato noticioso é, no caso presente, Barack Obama. Esse protagonista é representado nas narrativas a partir não só do aspecto histórico e político, mas a partir de suas habilidades e características pessoais. Há, também, a apresentação de suas origens e de sua família. Assim como na jornada do herói, as reportagens descrevem o político como um ser que toma consciência de sua finalidade no mundo, de sua personalidade – por exemplo, quando relata a vitória de Obama sobre as dificuldades tidas na adolescência devido à falta de definição da raça e da própria identidade.

Sem a intenção de esgotar todas as semelhanças que podem ser encontradas entre a narrativa da jornada do herói e as reportagens apresentadas pelos exemplares de *Veja* e *Época*, iremos citar alguns dos pontos de aproximação. O passo da jornada do herói denominado cotidiano – onde há a explicação da biografia, da personalidade, das crenças e do contexto que o protagonista está inserido – é facilmente detectado nas reportagens de *Veja* e *Época*.

Ao se candidatar, surgem os medos, as dificuldades da campanha que precisam ser ultrapassadas. Essa pode ser comparada à fase da travessia do limiar quando o herói está “no limite entre o mundo conhecido e o desconhecido, só resta à pessoa ter coragem e a profunda convicção de que à medida que está tomando no momento é a melhor possível para o seu desenvolvimento” (MARTINEZ, 2008, p. 82). O desafio do herói Obama é conquistar êxito nas eleições presidenciais dos Estados Unidos. As revistas *Veja* e *Época*, em suas páginas, relatam a odisseia desse herói até a vitória. E pelo caminho, há testes, provas e adversários. Há, ainda, os aliados que ajudam no percurso. As personagens que vão aparecendo ao longo da caminhada são os co-autores que ajudam a dar vida à narrativa.

Outra etapa que pode, visivelmente, ser encontrada nas narrativas jornalísticas estudadas é a da recompensa. “Após ter sobrevivido às provas finais, o aprendiz atingiu o pico da montanha de seu desafio e agora pode ostentar com orgulho o título de herói” (MARTINEZ, 2008, p.98). Apesar dos medos que envolviam sua candidatura, do preconceito da sociedade norte-americana com os negros, das dificuldades em não ser um político conhecido, Obama conquista o eleitorado e vence a eleição.

Podemos perceber, então, que *Veja* e *Época* se utilizam de estratégias discursivas que remetem a uma narrativa mítica, simbólica, para retratar Obama durante o ano eleitoral de 2008. Em suas reportagens, é possível ver tentativas de humanizar o político. Vale ressaltar, no entanto, que as narrativas jornalísticas não categorizam as personagens de maneira aleatória. Ao construir a narrativa, produzem-se sentidos.

[...] quem é o herói e quem é o vilão não é uma questão de seleção aleatória para enquadrar as fórmulas existentes. [...] O poder dos media não está só (nem principalmente) no seu poder de declarar as coisas como sendo verdadeiras, mas no seu poder de fornecer as formas nas quais as declarações aparecem. (BIRD e DARDENNE, 1993, p.275).

Além disso, ao estruturar uma narrativa, o jornalista se utiliza da gramática da cultura, de mapas de significado culturais, e assim, constrói a realidade de acordo com esses mapas compartilhados. O profissional faz atribuições, classifica grupos e pessoas. Devido ao imperativo do tempo, acaba por recorrer inevitavelmente a enquadramentos já existentes e reflete, dessa maneira, o *status quo*. E os mapas de significados que prevalecem são apreendidos como naturais (BIRD e DARDENNE, 1993).

Nesse capítulo, analisamos a forma como o discurso jornalístico é produzido e o contrato de comunicação pelo qual ele ganha legitimidade e credibilidade perante o público. Além disso, podemos compreender as especificidades do jornalismo de revista e a forma como, em alguns momentos, ele utiliza estratégias discursivas que remetem a estrutura narrativa mítica. A partir de agora, iremos apresentar a análise de discurso, que nos levou aos sentidos produzidos sobre Obama nas revistas *Veja* e *Época*.

4. ANÁLISE

Para identificar os sentidos manifestados pelas revistas *Veja* e *Época* sobre Obama, utilizamos a Análise de Discurso de linha francesa. Acreditamos que essa seja a metodologia mais indicada para alcançarmos esse objetivo, já que pensamos o jornalismo a partir das teorias construcionistas e o entendemos como uma prática discursiva que produz sentidos acerca da realidade.

Baseamos nossa pesquisa, para a realização da análise, na proposta de organização metodológica apresentada por Benetti (2007). A autora propõe uma análise realizada, inicialmente, a partir do próprio texto, com o intuito de fazer o mapeamento de formações discursivas (FDs). Essas formações são sentidos nucleares construídos por pequenos significados, ligados ao contexto de produção do discurso. Dentro desses núcleos de sentido, serão localizadas, ao longo dos textos, sequências discursivas (SD) que os reiterem.

O corpus da pesquisa é composto por três edições da revista *Veja* e três da *Época* do ano de 2008. Este ano foi escolhido por ser o período no qual ocorreram as primárias das eleições presidenciais nos Estados Unidos da América (EUA) – de janeiro a junho – e a eleição final à Presidência – em novembro. Os exemplares selecionados foram àqueles que deram destaque a figura de Barack Obama nas capas, tanto em manchete principal quanto em chamadas secundárias. Da revista *Veja*, estudamos as edições 2043, de 16 de janeiro de 2008 (Figura 1); 2064, de 11 de junho de 2008 (Figura 2); e 2086, de 12 de novembro de 2008 (Figura 3). Da revista *Época*, as edições 509, de 18 de fevereiro de 2008 (Figura 4); 546, de 3 de novembro de 2008 (Figura 5); e a 547, de 10 de novembro de 2008 (Figura 6).



Figura 1 – VEJA, 16/01/2008, capa.



Figura 2 - VEJA, 11/06/2008, capa.

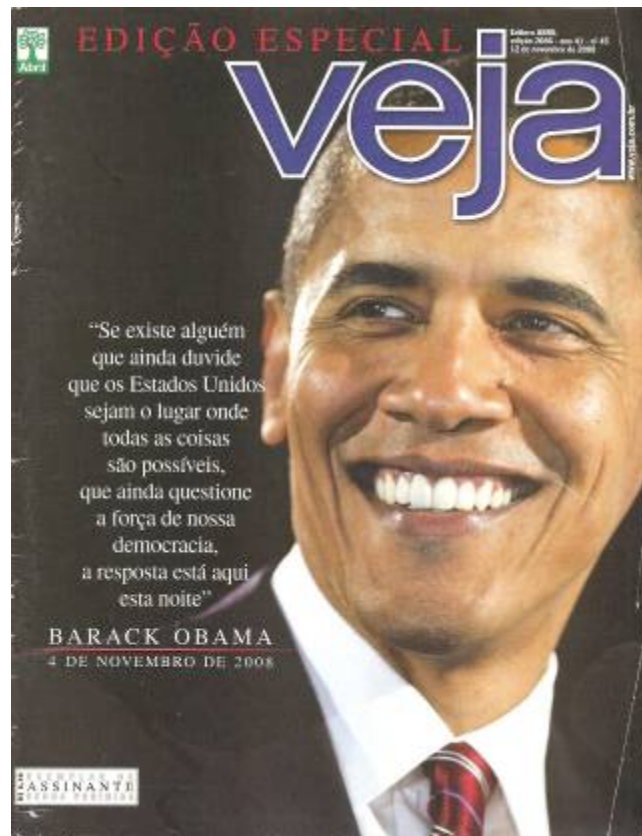


Figura 3 - VEJA, 12/11/2008, capa.



Figura 4 - ÉPOCA, 18/02/2008, capa.



Figura 5 - ÉPOCA, 3/11/2008, capa.



Figura 6 - ÉPOCA, 10/11/2008, capa.

Analisamos somente as matérias anunciadas na capa, excluindo artigos e outras reportagens secundárias sobre o assunto trazidas em algumas dessas edições. Além dos textos das reportagens, a análise levou em conta capas, títulos, fotos, legendas, por serem elementos que complementam as informações e ajudam a compreender os sentidos construídos pelos veículos. Para facilitar a organização das sequências discursivas consideramos as capas e suas respectivas reportagens (que foram manchete e/ou chamada na capa) como um texto único, assim as três edições de cada revista correspondem a três textos de cada uma delas.

Apresentamos, a seguir, as formações discursivas encontradas em cada uma das revistas com exemplos de sequências discursivas (SDs) que as compõe. As SDs não serão citadas de maneira exaustiva, mas, sim, representativa. As demais estão listadas em tabelas, conforme o Apêndice A (revista Veja) e o Apêndice B (revista Época), no final deste trabalho.

4.1. A produção de sentidos sobre Obama na revista Veja

Ao longo da pesquisa, foram identificadas nove formações discursivas (FDs) presentes nas três reportagens da revista Veja. São elas:

FD 1 – (Obama:) Inovação e esperança frente à política tradicional. 33 SDs;

FD 2 – A estrela: 18 SDs;

FD 3 – O conciliador: 17 SDs;

FD 4 - A resposta das lutas do movimento dos direitos civis: 16 SDs;

FD 5 – Vencedor de obstáculos: 10 SDs;

FD 6 – O novo Kennedy?: 09 SDs;

FD 7 – Ph.D em diversidade: 05 SDs;

FD 8 – O candidato do mundo: 04 SDs;

FD 9 – Obama não é Lula: 03 SDs.

As formações discursivas foram numeradas, em ordem decrescente, de acordo com a quantidade de SDs que abarcam. Optamos por mostrar todos os núcleos de sentidos localizados durante a análise, ainda que não tenham grande ocorrência. Ao todo, identificamos 101 sequências discursivas, no entanto, elas podem pertencer a mais de uma formação discursiva. No texto, as SDs serão dispostas dentro do núcleo de sentido mais evidente. Na tabela do Apêndice A, indicamos as FDs e suas SDs pertencentes, destacando com um asterisco (*) as que pertencem a mais de uma FD. As marcas indicativas dos sentidos trabalhados, em forma de palavras ou trechos, estão destacadas em negrito.

4.1.1. Inovação e esperança frente à política tradicional (FD1)

A revista Veja elege Obama como a melhor alternativa para os Estados Unidos e para o mundo. Uma das marcas discursivas encontradas em suas reportagens faz alusão ao candidato como alguém que apresenta um discurso inovador, com propostas capazes de melhorar a visão negativa do país causada pelos oito anos de mandatos de George W. Bush.

Seja quem for, apenas por não ser Bush, o próximo presidente já será visto com mais simpatia. **Se for o jovem senador Obama o escolhido**, os Estados Unidos terão **uma janela ainda mais ampla para arejar o ambiente intoxicado deixado por Bush e seus senhores de guerra**. (SD 6, VEJA, 16/01/2008, p.57).

Os exemplares analisados foram lançados no início das primárias – em janeiro, uma semana após a escolha de Obama como candidato à Presidência pelo Partido Democrata – em junho, e, finalmente, na semana seguinte à escolha do senador como presidente – em novembro. Quando a revista Veja lança a reportagem de janeiro de 2008 sobre Obama, a sua condição era, então, de pré-candidato democrata. Nessa época, as primárias – que elegem os candidatos dos partidos – Democrata e Republicano – estavam indefinidas. A disputa entre os pré-candidatos Obama e Hillary Clinton ainda era uma incógnita, mas a cobertura jornalística do veículo é centrada na figura de Obama. O senador, tido como um fenômeno político é, constantemente, relacionado à mudança, novidade, esperança.

Se computadas apenas a quantidade de votos que cada candidato recebeu, a apuração das primárias das eleições presidenciais americanas resulta em empate técnico entre os principais pré-candidatos democratas. [...] O que emerge dessa disputa de perspectivas ainda nebulosas, que ainda precisa ser repetida em 48 estados, **é uma novidade como raras vezes se vê na política em qualquer país: a candidatura de Obama**. (SD5, VEJA, 16/01/2008, p.56.).

O que seu sucesso parcial revela é a existência de uma **nova realidade social separada por um abismo da política tradicional**. Talvez o toque de Obama resida na compreensão de que **as bases do eleitorado americano estão sendo sacudidas por um terremoto que os sismógrafos da política tradicional não registraram**. (SD 9, VEJA, 16/01/2008, p.58.).

Na capa da edição de janeiro, a chamada secundária para a matéria jornalística sobre Obama traz a marca discursiva do sentido analisado:

Barack Obama: Por que ele é **a grande esperança nas eleições** americanas (SD1, VEJA, 16/01/2008, capa).

Além disso, as cores das chamadas secundárias formam a bandeira dos Estados Unidos. A foto traz Obama com a cabeça levemente levantada como se estivesse olhando para o futuro (Figura 7).



Figura 7 - VEJA, 16/01/2008, capa.

Nessa mesma edição, uma grande foto no início da reportagem mostra eleitores juntos a Obama. O título e a legenda da imagem também constroem o sentido de mudança e transformação (Figura 8).



Figura 8 - VEJA, 16/01/2008, p. 56-57.

Obama: o senador de Illinois **personifica os desejos e as mudanças** dos americanos. (SD3, legenda da foto da reportagem VEJA, 16/01/2008, p.57).

A fim de reforçar a novidade que o discurso de Obama traz, Veja representa a oponente democrata nas primárias, Hillary Clinton, como sendo herdeira da velha máquina partidária, a política tradicional, que precisa ser superada. A oposição ao discurso – que classifica de sectário – é recorrente nas reportagens da revista. A publicação diferencia, claramente, Hillary e Obama – ideal para os novos tempos, invalidando, assim, um discurso em detrimento do outro. Ao tratar de forma pejorativa as posições de Hillary, Veja também se posiciona ideologicamente. Refuta e considera ultrapassados o feminismo e políticas em favor das minorias, defesas ligadas aos movimentos de esquerda das décadas de 1960.

“Quando se examina seu conteúdo, a verdade é que as mensagens da esquerda e as da direita são as mesmas, apenas com o sinal trocado”, escreveu Obama em seu livro *A Audácia da Esperança* [...]. **Nada mais 2008 do que esse discurso. Nada mais contrastante com o discurso 1968 de Hillary Clinton, ainda impregnado de incenso, feminismo, vitimização das minorias e fobia do mundo empresarial. Barack Obama superou as fronteiras raciais e as do confronto anos 70 homem-mulher.** (SD8, VEJA, 16/01/2008, p.57.).

Os eleitores **estão fartos da politicagem e do sectarismo de George W. Bush e Clinton (ambos, Hillary e seu marido, Bill)**. Não suportam mais que os Estados Unidos sejam odiados no exterior e estão convencidos de que, para onde se olhe, o país não está sendo conduzido no rumo correto. (SD 11, VEJA, 16/01/2008, p.58.).

Apesar de Obama não ter uma trajetória longa na vida política, estando apenas no seu primeiro mandato como senador federal em Washington, o discurso de Veja deixa claro que isso não é relevante, pois a experiência virá com o tempo.

Mesmo que perca a nomeação do Partido Democrata para competir com o indicado do Partido Republicano, **Barack terá reescrito os termos da campanha de 2008.** Ele é um **político raro**, daqueles que **o tempo só melhora, dando-lhe justamente o que agora lhe falta, a experiência e a gravidade.** (SD7, VEJA, 16/01/2008, p. 57.).

No entanto, nessa mesma matéria, a crítica da oposição é apresentada. Aqui, a revista afirma que Obama é atacado por ser inexperiente. Ao mesmo tempo em que dá espaço para essa opinião, Veja já havia deixado claro o seu posicionamento. O veículo já havia, sutilmente, derrubado o argumento da inexperiência.

É natural que Obama encarne a figura transformadora que os novos tempos exigem. Não apenas por suas ideias, mas por sua biografia. Senador em primeiro mandato, ele é um recém-chegado a Washington. Seus detratores dizem que **isso significa inexperiência.** Seus partidários dizem que é bom, pois **não teve tempo de incorporar os piores vícios da política.** (SD12, VEJA, 16/01/2008, p.59.).

Uma parte do discurso de Obama – proferido após ganhar as primárias – é usada para corroborar o sentido de mudança.

“Nesta noite, **marcamos o fim de uma jornada histórica com o começo de outra – uma jornada que trará dias melhores para o país**”, disse Obama na noite de terça-feira, quando se apresentou a uma empolgada massa de eleitores como candidato democrata. (SD28, VEJA, 11/06/2008, p.98.).

Mudança e esperança – eis o binômio de seu discurso para um eleitorado farto de Bush, da guerra, da crise econômica. [...] (SD30, VEJA, 11/06/2008, p.101.).

A mudança que Obama representa frente à política tradicional está, principalmente, representada pelo seu discurso de união, que tenta conciliar pessoas com posições ideológicas diferentes, raças e origens distintas, em um mesmo objetivo: reverter a situação de crise que o país se encontra e pensar alternativas para implementar as mudanças. Mas, também, a novidade está ligada à cor da pele e a sua herança multirracial. Por esses motivos, Veja, após a vitória de Obama afirma que o presidente eleito é filho do nosso tempo:

Sua biografia não chama atenção pelo que tem de ultrapassado ou deslocado, **mas pelo que tem de contemporâneo. Impensável** um Obama eleito presidente dos EUA há duas décadas – ou há uma. **Obama tem uma trajetória só possível agora**, no mundo globalizado e politicamente correto, que superou colonialismo, as guerras mundiais, a Guerra Fria e o Muro de Berlim. **É filho do nosso tempo**. (SD 32, VEJA,12/11/2008, p.78-79.).

4.1.2. A estrela (FD2)

A revista Veja não comenta sobre o trabalho político de Obama. Ao falar de sua carreira na vida pública, as reportagens apenas fazem menção a curta duração. O discurso de Veja silencia se, durante a época em que foi senador estadual ou durante o mandato no senado federal, Obama fez algum projeto importante, destacou-se por alguma posição.

No entanto, os textos dão destaque a características e habilidades pessoais do candidato. Muito mais do que suas posições ideológicas, seu partido ou a sua carreira na vida pública, é a própria personalidade de Obama que parece ter o transformado na esperança política da nação norte-americana.

Os dotes de orador com voz de barítono, **o jeito calmo** e a **habilidade de explicar temas enfadonhos com simplicidade** são a mais poderosa ferramenta de Obama para angariar votos. (SD3, VEJA, 16/01/2008, p.60.).

[...] Aos 46 anos, **ele transmite a imagem de juventude e dinamismo**. Sua principal oponente está com 60 anos. (SD2, VEJA, 16/01/2008, p.59.).

Com uma **retórica incandescente**, com sua **fala gingada como um sermão de pastor**, com uma linguagem que fala de hinos que cicatrizam a nação, ele **não fazia campanha. Fazia um movimento. Não era um candidato. Era um transformador. Obama não tinha proposta. Tinha sonhos**. Criou assim a **obamamania**. (SD10, VEJA, 11/06/2008, p.99.).

A boa voz, a dicção perfeita fazem dele uma deliciosa exceção agora que os ☺ ou ☺ e os “he he he” e “naum” começam a picotar a escrita e a fala até dos profissionais que vivem da comunicação oral, como é o caso dos políticos.[...] (SD16, VEJA, 12/11/2008, p.80.).

A sensação de que Obama parece ser uma estrela é reforçada quando a revista descreve seus hábitos pessoais, como é a sua família, onde mora. A reportagem ressalta aspectos particulares da vida de Obama. Nesses momentos, o modo de narrar assemelha-se ao de coberturas sobre celebridades. Não encontramos muitas informações sobre a sua trajetória política, contudo, ficamos informados, por exemplo, sobre o gosto literário de Obama.

Obama **lê dois jornais por dia, vive checando as notícias no seu BlackBerry** e, nos últimos dias da campanha, **estava lendo A História Secreta da Cia – Afeganistão e Bin Laden. Ele escreve bem**. São de próprio punho suas duas precoces autobiografias. (SD 15, VEJA, 12/11/2008, p.79-80.).

Obama **é mais nortuno do que matinal**. (SD17, VEJA, 12/11/2008, p.80.).

Casado com Michelle, mulher de pulso firme e humor ferino, **Obama tem duas filhas pequenas**, Malia e Sasha, e **sua casa fica em Chicago**. Esteve por lá muito pouco no ano passado, engolfado por uma campanha exaustiva. **Tem apetites moderados. Prefere uma xícara de chá orgânico a um copo de uísque. Troca um punhado de batatas fritas por um prato de frutas. Prefere salmão à carne vermelha**. Para transportar-se mentalmente para fora da campanha, **gosta de ler ficção – John Le Carré, de Philip Roth**. (SD 11, VEJA, 11/06/2008, p.100.).

(Michelle) Disse que **Obama ronca, cheira mal de manhã, não põe a manteiga na geladeira e deixa as meias sujas espalhadas pela casa**. Foi um rebu. Uns a acusaram de diminuir o marido. Outros a elogiaram por humanizá-lo, **num ponto da campanha em que Obama ainda estava a um passo da santificação**. (SD8, VEJA, 11/06/2008, p.97.).

4.1.3. O conciliador (FD 3)

A revista Veja traz marcas discursivas que associam o candidato e, mais tarde, presidente eleito dos EUA – Barack Obama – a um político com capacidade de conciliação, o que caracteriza algo positivo. Veja diz que Obama é capaz de unir pessoas de origens, de ideologias e de raças diferentes, como seus apoiadores até mesmo fora dos Estados Unidos.

[...] a escolha de um negro, e um negro que passou parte da infância num país muçulmano, soa como uma mensagem de tolerância. Tanto que foi **recebida com aplausos pela direita e pela esquerda na França. Com elogio dos verdes e dos conservadores cristãos na Alemanha**. [...] (SD 8, VEJA, 11/06/2008, p.97.).

Há forte tendência em enfatizar o discurso conciliador de Obama, colocando-o acima das questões raciais. A publicação afirma que o político não quer ser o candidato dos negros e identifica o seu discurso como pós-racial. Com relação à guerra, Veja retrata a figura de Obama como um político sensato, que não se alia a causas extremistas. Concilia, portanto, visões que poderiam ser conflitantes e que dividiriam Democratas e Republicanos.

Ele é um negro que **não concorre por ser negro. É um democrata que não teme ir à guerra**, “que pode ao mesmo tempo ser justa e ser um inferno.” Seu impacto pode ser medido nas urnas das duas primeiras disputas e pelo entusiasmo que **faz crescer seu contingente de partidários muito além das hostes do Partido Democrata**. (SD 2, VEJA, 16/01/2008, p.57-58.).

O candidato **nega-se a usar a cor da pele como imã para atrair eleitores**. Quando fala em desigualdade, **ênfatisa a necessidade de incluir referências** aos direitos das mulheres e dos trabalhadores. Ele **recusa o papel de candidato dos negros** e aquilo que chama de vitimização racial. (SD 5, VEJA, 16/01/2008, p.59.).

Tem algo no tom do seu discurso, na entonação sermonária, de um Luther King, **mas não quer ser um líder negro. Quer ser um líder americano**. (SD 10, VEJA, 11/06/2008, p.101.).

Esse enfoque é reforçado, ainda, através das fontes trazidas pela revista.

“Com a notória exceção da eleição de Bush, em 2004, os americanos historicamente **rejeitam os extremos ideológicos**, o que **é bom para Obama e seu discurso conciliador**”, disse a VEJA John Zogby, diretor da empresa de pesquisas de opinião Zogby International, em Utica, no Estado de Nova York. (SD 4, VEJA, 16/01/2008, p.59.).

Nos debates contra os adversários, Obama é descrito como um candidato que tem o poder de ouvir e de não ser agressivo. Veja reproduz, também, uma fala dita por Obama durante o seu pronunciamento após a vitória sobre o candidato republicano John McCain. Nela, o político se coloca como presidente daqueles que não o escolheram.

É um debatedor que **não nocauteia o oponente. Ganha por pontos, sem sangue**. (...) É **observador, ouve com atenção**. (SD14, VEJA, 12/11/2008, p.80.).

O eleito **reconheceu que a vitória foi do povo americano**: “Posso não ter conquistado o seu voto, mas eu **ouço a sua voz**, eu **preciso de sua ajuda**. **Eu serei seu presidente também**”, disse. (SD15, VEJA, 12/11/2008, p.80.).

Na matéria do mês de novembro, a legenda da foto de abertura também trabalha com esse sentido.

Estreia sóbria: Obama, em Chicago, diante de 250 000 pessoas, logo após o anúncio de sua vitória: **discurso sereno e elogios ao adversário**. (SD11, VEJA, 12/11/2008, p.77.).

O subtítulo enfatiza a ideia de conciliação ao definir o modo como Obama reagiu, durante a campanha, aos elogios e aos ataques.

Em 21 meses de campanha, o presidente eleito dos Estados Unidos, Barack Obama, **foi testado e provocado** por seus oponentes – e **também adulado e protegido** pela imprensa. **Aos ataques e à bajulação, reagiu com dignidade. Mostrou talento incomum e ideais nobres.** [...] (SD12, VEJA, 12/11/2008, p.77.).

4.1.4. A resposta das lutas do movimento dos direitos civis (FD 4)

A ascensão de Obama como primeiro negro a ter chances de se tornar presidente dos Estados Unidos e, posteriormente, a concretização desse feito é um marco histórico. Veja retoma o passado de escravidão e de segregação racial para enfatizar a importância de Obama. Em muitos momentos, Veja se refere à Obama como um político com uma nova proposta frente ao movimento dos anos de 1960, como alguém que superou o discurso ultrapassado dos que a publicação classifica de segregacionistas. Entretanto, mesmo com essas afirmações, o discurso de Veja traz Obama como a resposta, a concretização das lutas que haviam sido travadas nos anos de 1960 pelo movimento dos direitos civis, tornando a sua fala contraditória. É como se, no passado, políticos e líderes negros estivessem abrindo a porta para que Obama pudesse sentar na cadeira da Casa Branca.

[...] Gritos, aplausos, assovios, espocar de champanhe: Obama **acabava de sagra-se o primeiro negro a concorrer à Casa Branca com chance real de ser eleito.** Extraordinário? Sem dúvida. Mas, **diante da grandeza do feito, extraordinário é pouco.** (SD 4, VEJA, 11/06/2008, p.95.).

Até o começo do século passado, um negro jamais se sentara à mesa de jantar da Casa Branca. Em 1901, o presidente Theodore Roosevelt convidou para a ceia o ex-escravo e então professor Booker T. Washington. Provocou uma onda de protestos de racistas indignados. Agora, **o anfitrião pode vir a ser um negro** – na verdade, metade branco e metade negro, mas, para os padrões americanos, inteiramente negro. (SD 11, VEJA, 11/06/2008, p.98.).

Há 143 anos, ele seria propriedade de um senhor de escravos. Há 54 anos, suas filhas, Malia e Sasha, 10 e 7 anos, não poderiam se matricular em uma escola frequentava por brancos. Há 47 anos, **quando Obama nasceu, negros não podiam votar e nem ser votados.** Daqui a dois meses, no dia 20 de janeiro, **a família Obama vai se mudar para o centro de Washington, onde passará a morar na Avenida Pensilvânia, número 1600 – o endereço da Casa Branca.** (SD 15, VEJA, 12/11/2008, p.77-78.).

O sentido é reforçado quando Veja relata a reação de entrevistados após a vitória de Obama nas primárias.

No Harlem, o bairro negro de Nova York, sua escolha foi recebida com eletricidade nas ruas. Atlanta, cidade que serviu de berço ao movimento que ceifou as leis racistas nos anos 60, ficou entre empolgada e incrédula. **“Poucos acreditaram, mas enfim o dia chegou”**, espantou-se Christine King Farris, **única irmã viva do lendário líder negro Martin Luther King, assassinado em 1968**. (SD8, VEJA, 11/06/2008, p.96.).

“Nunca pensei que viveria para ver isso”, disse um farmacêutico aposentado, Arthur Dees, 80 anos. [...] É impressionante que um mesmo cidadão, como Arthur Dees, **possa viver a trajetória que vai da proibição de um negro sentar-se à mesa de um restaurante à – quem sabe- eleição de um negro para sentar-se à mesa do salão oval da Casa Branca**. E comandar o país que, apesar dos abalos atuais, é a maior potência da história. (SD10, VEJA, 11/06/2008, p.96-97.).

Em um conjunto de fotografias, Veja mostra “A Trajetória negra”. Obama está ao lado de Martin Luther King e abaixo dos demais retratados. A sua fotografia nos leva a uma sensação de igualdade entre Obama e o maior líder negro da história dos Estados Unidos. King e Obama, em épocas diferentes, estão representados do mesmo modo nas fotos (Figura 9).



Figura 9 - VEJA, 11/06/2008, p. 96-97.

A TRAJETÓRIA NEGRA: Acima, King em Chicago, em 1966, e Obama em West Virgínia, em maio passado; ao lado, Jesse Jackson, ativista que tentou ser o candidato democrata à Casa Branca em 1984 e 1988, mas nunca deu certo; e o ex-pastor de Obama, Jeremiah Wright, cujos sermões incendiários abriram um rombo no casco do democrata: **são imagens que vão do tempo da segregação racial ao discurso pós-racial**. (SD9, legenda das fotos centrais, VEJA, 11/06/2008, p.96-97).

No exemplar que noticia a vitória de Obama, Veja afirma diretamente, no título da matéria, que o político é a resposta (Figura 10).



Figura 10 - VEJA, 12/11/08, p.76-77.

4.1.5. O vencedor de obstáculos (FD 5)

Veja faz alusão a Obama como um obstinado, que lutou ao longo da campanha para vencer obstáculos que poderiam o impedir de chegar à Presidência dos Estados Unidos. Após a vitória sobre a pré-candidata Hillary Clinton, Obama já é tido como um vencedor. Entretanto, a publicação alerta para o principal adversário de Obama, que poderá barrar a sua eleição: o preconceito racial da sociedade estadunidense.

A primeira jornada foi vencer os Clinton, e a segunda não será vencer McCain, mas tentar superar a barreira da raça.[...] Durante as eleições primárias, em levantamentos que indagaram aos eleitores se raça era um dado a ser ponderado na hora de votar, as respostas afirmativas nunca passavam de 30%. O dado é um bálsamo para os obamistas. Mas é preciso considerar que as pesquisas sobre questões raciais são como pesquisas sobre sexo – muitos mentem. Na hora do voto, na solidão da cabine eleitoral, os preconceitos raciais podem aflorar. (SD3, VEJA, 11/06/2008, p.98-99.).

Obama até agora tem sido **exemplarmente vitorioso**. Ganhou a indicação democrata, mas ganhar as eleições é outra coisa. Nas pesquisas mais recentes, está à frente de McCain, mas nunca mais do que 6 pontos. **O eleitorado americano é mais branco e mais conservadores do que o eleitorado democrata. Por enquanto, Obama só tem a comemorar.** (SD4, VEJA, 11/06/2008, p.101.).

A significação é construída também por sequências discursivas que reforçam o quanto a conquista de Obama foi resultado de esforço e disciplina. As reportagens salientam como, inicialmente, um resultado positivo para um senador novato e negro, sem recursos, era improvável. E é isso que dá o tom de extraordinário à vitória.

Sua vitória, se agora parece natural, **foi um exercício de tenacidade**. Há 21 meses, Obama começou **sem dinheiro e sem apoio expressivo, e sua missão era derrotar**

as duas máquinas mais poderosas e eficientes da política americana – a dos Clinton, celebrizada no Partido Democrata por sua influência partidária e sua habilidade para levantar dinheiro, e a da direita mais conservadora do Partido Republicano, invejada pela sua descomunal capacidade de vencer. (SD5, VEJA, 12/11/2008, p.81.).

Há um ano, derrotar Hillary não era mais que uma quimera. Com inteligência afiada, ambição desmedida e mentirosa compulsiva, **Hillary tem experiência e jogo de cintura.** Senadora há oito anos, foi primeira-dama por outros oito. Junto com o marido, Bill, ela (ou era) dona da máquina de captar dinheiro mais invejada de Washington e tem (ou tinha) ascendência no Partido Democrata, atulhado de Clintonistas. (SD2, VEJA, 11/06/2008, p.98.).

O resultado improvável foi, entretanto, conquistado. E segundo o discurso de Veja, o político só conseguiu êxito devido a sua capacidade e competência. A revista destaca que Obama não só venceu, como bateu recordes e quebrou tabus.

Nem ele fazia ideia da dureza de uma disputa presidencial. [...] Obama **aprendeu rápido e venceu as duas máquinas a bordo de superlativos.** Sua campanha bateu o recorde em arrecadação – mais de 700 milhões de dólares -, mobilizou como raramente se viu a juventude americana e fez um uso efficientíssimo da internet. (SD7, VEJA, 12/11/2008, p.81.).

Em quase dois anos de campanha, **Obama mostrou-se um candidato disciplinado.** (SD8, VEJA, data, p.81.).

Após os obstáculos vencidos durante a corrida eleitoral, Veja faz previsões de como serão as próximas batalhas do futuro presidente. No texto, deixa transparecer que os desafios são grandes. Contudo, o sentido produzido por seu discurso é o de que Obama não está parado. E de que com a mesma postura frente aos desafios anteriores, o candidato eleito já trabalha dias após a vitória preparando-se para o que está por vir:

Terá pela frente **um desafio hercúleo:** um país com duas guerras, uma grave crise financeira e uma reputação internacional em frangalhos. [...] **Obama não perdeu tempo. Nos dias subsequentes à vitória, já começou a formar sua equipe** [...] o deputado Rahm Emanuel, 48 anos, já nomeado chefe de gabinete, cujo estilo agressivo foi definido certa vez por Paul Begala, estrategista democrata, como uma “mistura de hemorroida com dor de dente”. **É um indício de que Obama pretende pegar pesado.** (SD 10, VEJA, 12/11/2008, p.82.).

4.1.6. O novo Kennedy? (FD 6)

O ex-presidente norte-americano, o democrata John Kennedy, assassinado em 1963, tornou-se um mito para a política dos EUA. De acordo com Veja, a tendência é que, a cada eleição, um novo candidato seja comparado a ele. E Barack Obama não fugiu à regra.

Projetado nacionalmente, tem **sido comparado com John Kennedy por seu talento retórico e seu carisma poderoso**, além de estar muito ligado à família. (SD5, VEJA, 11/06/2008, p.100.).

As significações formadas em seu discurso nos levam a pensar que Veja prefere não trabalhar com essa aproximação. Para o veículo, Obama faz parte de uma nova era, e a sua trajetória na vida pública não tem ligação com o ex-presidente Kennedy. Veja reforça esse sentido ao afirmar que o país onde Obama ascendeu não é o mesmo dos anos de 1960.

Obama e o que ele significa exigem alguma metáfora para ser explicados. [...] A cada quatro anos, os democratas tentam transformar alguém em um novo Kennedy. Bill Clinton foi um deles. Talvez o fato mais notável nessas comparações esteja em outra dimensão, o tempo. Obama tinha 2 anos quando Kennedy foi assassinado, em 1963 [...]. **Isso faz dele o primeiro candidato presidencial cuja trajetória não foi diretamente ordenada pela morte do presidente.** (SD1, VEJA, 16/01/2008, p.58.).

O fato de ter saído muito bem nas primárias de Iowa e New Hampshire, estados com 2% de eleitores negros, mostra que, também nesse aspecto, **os Estados Unidos são um país que John Kennedy não reconheceria.** (SD4, VEJA, 16/01/2008, p.59.).

Veja reafirma a negação dessa comparação ao apresentar a postura do candidato Obama em relação a isso.

Barack Obama rejeita comparações com o presidente dos anos 60. Seu argumento é que é hora de ambos os partidos esquecerem os anos 60 e reconhecerem que um novo século exige um tipo diferente de debate. (SD3, VEJA, 16/01/2008, p.59.).

Porém, a revista se torna contraditória. Em determinado momento, afirma que Obama não quer ser comparado à Kennedy. Contudo, em outra reportagem, em um box ao final da matéria, critica a postura do candidato ao tentar angariar apoio se ligando à mística da família do ex-presidente morto. É seguro dizer que essa é a primeira vez em que detectamos uma crítica, ainda que sutil, ao candidato democrata no discurso de Veja.

Nos Estados Unidos, **a política parece estar sempre à procura de suprir o vácuo deixado por John Kennedy**, assassinado em 1963 aos 46 anos. [...] O senador Barack Hussein Obama tinha só 2 anos quando uma bala estourou a cabeça de JFK em Dallas. Hoje, **ele embarca celeremente em toda a canoa capaz de associá-lo à mística dos Kennedy**. Primeiro, **aproveitou o embalo das comparações com o presidente assassinado – pela semelhança de ambos na retórica, no carisma e na juventude**. Depois **faturou alto** em janeiro passado ao **receber o apoio do senador Ted Kennedy**, submetido dias atrás a uma cirurgia para duelar com um recém-descoberto câncer no cérebro. [...] (SD6, VEJA, 11/06/2008, p.100.).

Aproveitando-se das comparações feitas devido ao carisma e à mobilização de eleitores, Veja dá a impressão que Obama tem forçado essa ligação com fins eleitoreiros.

Em campanha, Obama **comporta-se como se carregasse o estandarte político dos Kennedy**. Já se disse também que a energia de sua campanha, **com a enorme mobilização que provocou entre jovens, evoca o clima de eleição de JFK em 1960**. Obama lembra sempre que nasceu em 1961, quando Kennedy cumpria o seu primeiro ano na Casa Branca, insinuando muito de leve que **a identidade de datas esconderia algum significado superior à mera coincidência cronológica**. (DS7, VEJA, 11/06/2008, p.100.).

Desde que recebeu o apoio de Ted Kennedy, **Obama se empenha em capturar a imagem de herdeiro político da família** – o que certamente dá voto. (SD8, VEJA, 11/06/2008, p.100.).

Uma foto mostra, ainda, o candidato junto à família Kennedy no palanque e um botton da campanha onde os rostos de John Kennedy e de Obama aparecem juntos com a inscrição “New Generation” (Figura 11).



Figura 11 – VEJA, 11/06/08, p.100-101.

COMO ESTANDARTE – Obama recebendo o apoio dos Kennedy em janeiro passado. **O candidato apresenta-se como herdeiro político da família**. (SD9, legenda da foto do lado direito, VEJA, 11/06/08, p.101.)

4.1.7. Ph.D em diversidade (FD 7)

As reportagens sobre Obama exploram a sua multirracialidade. Para Veja, o político é um cidadão global. A sua história de vida o permitiu conviver e conhecer as mais destoantes realidades e culturas. No discurso de Veja, esse conceito é trabalhado como uma qualidade,

um diferencial. A publicação reforça que, no momento em que o mundo está descontente com o cenário de guerra e de crise, originado dos dois mandatos de George W. Bush, Obama – com a sua origem – é capaz de melhorar a imagem da nação norte-americana.

Ele é um cidadão globalizado: filho de um africano, neto de muçulmanos, passou parte da infância na Indonésia, foi criado pela família de sua mãe, brancos do Meio-Oeste (isso significa, no folclore local, ser americano da gema). Tem uma irmã meio indonésia, parentes com ascendência chinesa e, por parte do pai, uma enorme parentela vivendo na África. **Só se pode imaginar o impacto positivo que um presidente com tal currículo teria sobre a imagem internacional dos Estados Unidos.** (SD1, VEJA, 16/01/2008, p.60.).

Na galeria dos presidentes americanos, há dois Adams, dois Franklins, três Georges, quatro Willians, cinco James e dezenas de outros sobrenomes anglo-saxões de quatro costados, como Jackson ou Grant. Com a eleição da última semana, **a lista passará a incluir um exotismo inimaginável até há pouco:** um sujeito com um nome africano (Barack), um sobrenome árabe (Hussein) e outro bastante popular em uma tribo queniana (Obama). Barack Hussein Obama tomará posse como 44º presidente dos Estados Unidos, **o primeiro negro a ocupar o cargo mais poderoso do mundo.** (SD3, VEJA, 12/11/2008, p.77.).

Antes das eleições, Veja ressalta que a origem multicultural de Obama é causadora de medo. Segundo ela, alguns eleitores não o consideram um cidadão americano por seu sobrenome árabe ou por sua ligação com a Indonésia – maior país muçulmano do mundo. No entanto, Veja reitera o valor da diversidade de Obama ao classificar a sua trajetória de extraordinária e a sua eleição como excepcional por causa do sangue que carrega:

Sua trajetória extraordinária é simultaneamente dividendo e prejuízo perante os americanos. **Fascina a uns, assusta a outros.** Obama morou na Indonésia por três anos durante a infância, o que lhe deu contato com a diversidade, mas também serviu de plataforma de lançamento para os boatos de que é muçulmano. É tratado como negro, mas é muito mais caudatário de sua mãe branca e de seus avós brancos do que de seu pai negro, a quem encontrou poucas vezes. **Isso tudo lhe dá uma experiência multirracial única, mas também leva parte da militância negra a achar que Obama não é um preto autêntico.** Nem sequer partilha do passado comum da escravidão. [...] **Tudo isso dá um frescor de novidade, mas também um arripio de estranhamento.** (SD2, VEJA, 11/06/2008, p.100.).

A vitória de Obama também **é excepcional pelo que ele é – pelo que carrega na memória, no sangue, na carne.** Obama descende da África, nasceu na América, morou na Ásia. Seu pai, que estudou economia nos EUA, era um negro da tribo dos luos, do Quênia, ferrenhos rivais dos quicuios. Sua mãe, antropóloga fascinada pelos camponeses da Ilha de Java, era uma branca do interior do Kansas. Sua meia-irmã, Maya Soetoro-Ng, nasceu em Jacarta, na Indonésia, casou-se com um chinês nascido no Canadá e mora no Havaí. **Obama é fruto desse caldeirão multicultural.** (SD4, VEJA, 12/11/2008, p.78.).

Ele recita de memória, sem sotaques, as primeiras linhas do *Corão* dos muçulmanos. Acha a prece dos islâmicos um dos sons mais belos que se podem ouvir ao cair da tarde. **Nasceu em Honolulu. Morou em Jacarta. Estudou em Harvard. É um “Ph.D. em diversidade”**, como diz o professor Hélio Santos no artigo da página 88. (SD5, 12/11/2008, p.78.).

4.1.8. O candidato do mundo (FD 8)

As eleições de 2008 nos Estados Unidos não tiveram repercussão somente dentro do país. Devido à influência cultural, econômica e militar que os EUA exercem em âmbito global, a população mundial também acompanhou e se interessou pela escolha do presidente estadunidense. Nas matérias jornalísticas de Veja, há marcas discursivas que constroem o sentido de que Obama era o preferido em todos os recantos do planeta para comandar a nação mais poderosa do mundo.

As sequências discursivas que remetem ao sentido trabalhado falam do entusiasmo e da vibração que Obama causou no mundo inteiro. Assim, elas ajudam a construir a significação de que a vitória do político era algo desejado nos mais diferentes lugares e pelas mais diversas pessoas.

A eleição de Obama, que ganhou 53% dos votos populares, contra 46% de seu adversário, John McCain, **é excepcional pela energia que deflagrou, pelo entusiasmo que despertou nos Estados Unidos**, de Nova York a Los Angeles, de Chicago a Miami, **pela vibração no mundo todo**. (SD3, VEJA, 12/11/2008, p.78.).

Obama tão múltiplo na sua origem e no seu destino, poderia receber, em tom de quase intimidade, cumprimentos de gente tão desigual quanto o presidente da Indonésia, Susilo Bambang Yudhoyono (que lembra a “especial afeição” dos indonésios pelo eleito), o presidente do Quênia, Mwai Kibaki (que decretou feriado nacional para comemorar), e o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (para quem Obama também provou que “a esperança é mais forte que o medo”). **De Jacarta a Brasília, de Washington a Nairóbi, todo mundo busca uma identidade com Obama**. (SD4, VEJA, 12/11/2008, p.79.).

A revista constrói esse sentido, também, através de fontes e exemplos que reiteram as afirmações feitas pelo veículo:

Sua candidatura, antes da vitória, **já produzira interesse pelos recantos do planeta**. “Quando estive nas montanhas do Equador, encontrei uma índia analfabeta que torcia por Obama”, disse a Veja o cientista político Rodolfo de La Garza, da Universidade de Colúmbia. “**Fiquei perplexo. Ela estava informada e se vinculou a ele pela cor da pele**”. (SD2, VEJA, 11/06/2008, p.97-98.).

4.1.9. Obama não é Lula (FD 9)

Apesar de aparecer somente em uma das reportagens estudadas – a última edição, de 12 de novembro – decidimos também trabalhar com essa formação discursiva. Isso porque, quando compara Lula e Obama, o discursivo de Veja se aproxima do contexto brasileiro.

Entretanto, para Veja, apesar das comparações entre os dois, feitas ao longo da ascensão do político norte-americano, não há como encontrar semelhanças entre as duas trajetórias.

Muito se disse sobre **a semelhança entre a ascensão de Lula**, o primeiro presidente de origem humilde do Brasil, **e a de Obama**, primeiro negro eleito presidente dos Estados Unidos. **As diferenças são intransponíveis.** (SD 1, VEJA, 12/11/2008, p.79.).

A comparação **só seria possível** se Lula tivesse nascido na Ilha de Marajó, filho de um angolano com uma sexóloga de Cuiabá, tivesse morado em Bangcoc, na Tailândia, e fosse formado em direito na Universidade de São Paulo (USP). **Lula, com sua origem pobre, pertence à maioria étnica brasileira. Obama, como negro, é da minoria nos Estados Unidos.** O eleitorado negro americano, mesmo com maciço comparecimento às urnas agora, subiu para apenas 13% do total. (SD 2, VEJA, 12/11/2008, p.79.).

Lula **venceu a eleição presidencial na quarta tentativa. Obama, na primeira.** Lula, **ao ser eleito, era o político mais conhecido do Brasil**, e conhecia o Brasil de norte a sul. Obama, não. [...] **Obama nunca andara pelos recantos dos Estados Unidos**, em cuja parte continental pôs os pés pela primeira vez quando tinha 11 anos. (SD 3, VEJA, 12/11/2008, p.79.).

Em Veja, as reportagens sobre Obama fazem pouca relação com o Brasil. Apesar de não entrar em nenhuma formação discursiva, por não trazer sentidos sobre Obama, consideramos importante citar que no exemplar do mês de junho, a publicação traz um comparativo entre Obama e McCain com relação às políticas que pretendem adotar na América Latina, inclusive no Brasil. Esse é o momento em que a revista tenta esclarecer ao leitor qual a implicação da vitória de um ou outro candidato para os brasileiros. Esse quadro e a comparação entre o presidente eleito e Lula, na época presidente brasileiro, são as raras vezes que Veja se aproxima do universo do leitor.

4.2. A produção de sentidos sobre Obama na revista *Época*

Durante a análise realizada na revista *Época*, identificamos sete formações discursivas (FDs), que serão numeradas de acordo com a predominância de cada uma. Esses núcleos de sentido foram nomeados como:

FD 1 – Uma vida de superação: 30 SDs;

FD 2 – Um marco histórico: 23 SDs;

FD 3 – Apesar das inseguranças do futuro, a melhor alternativa: 22 SDs;

FD 4 – A celebridade: 19 SDs;

FD 5 – Um fenômeno, muito mais que um político: 19 SDs;

FD 6 – O novo Kennedy: 04 SDs;

FD 7 – Obama é Lula?: 03 SDs.

Todos os sentidos localizados foram agrupados em formações discursivas, mesmo aqueles menos frequentes. Ao todo, foram identificadas 112 sequências. Assim como na análise que fizemos na revista *Veja*, também em *Época* essas SDs podem pertencer a mais de uma formação discursiva. E do mesmo modo que na análise da revista *Veja*, vamos expor apenas ilustrações de sequências discursivas para cada FD no texto que segue. As demais estão em uma tabela no Apêndice B, no final da pesquisa. As marcas discursivas que apontam os sentidos trabalhados estão marcadas em negrito.

4.2.1. Uma vida de superação (FD1)

A revista *Época* representa Obama como alguém que teve que enfrentar e superar dificuldades para conseguir se tornar um fenômeno político. Obama é, segundo o discurso da publicação, o construtor do próprio caminho, que lutou para alcançar os seus objetivos. Ao longo da adolescência, pela falta de referências familiares, sofreu crises de identidade e a sua primeira luta foi para saber quem era. Na fase adulta, a superação veio em sua carreira política. Em duas das três reportagens analisadas, *Época* enfatiza esse sentido ao utilizar a expressão “Sim, ele pode” no título das matérias.

A revista narra os conflitos de identidade racial vividos na adolescência, citando a autobiografia de Obama e faz uma comparação com a postura do político durante a campanha. Ao fazer esse paralelo, reforça ainda mais essa superação.

Dividido entre ser um negro que não compartilhava a cultura e a herança dos demais negros americanos e um garoto de classe média branca, o Obama descrito no livro é **um adolescente revoltado e raivoso**, que se entrega a uma vida de festas e de drogas. Tudo muito **diferente da imagem tranquila que transmite hoje**. Obama **impressiona, aliás, pelo quão confortável consigo mesmo ele parece**. (SD 19, *ÉPOCA*, 18/02/2008, p.80).

Fotografias sobre a trajetória da vida pessoal de Obama são veiculadas pela revista. O sentido de superação é reiterado nas legendas que as acompanham (Figura 12).



Figura 12 - ÉPOCA, 18/02/08, p.78-79.

Quando menino, Obama viveu quatro anos na Indonésia com sua mãe e seu padrasto (ao lado). O pai queniano (foto central) foi uma figura distante com cuja memória Obama teve que se reconciliar. (SD9, legenda da foto da família, ÉPOCA, 18/02/2008, p.78).

DOIS MUNDOS – o adolescente Obama viveu um período difícil em que tentava resolver sua crise de identidade entre um garoto americano de classe média vivendo com seus avós brancos e um descendente de africanos (SD10, legenda centralizada entre as fotos com a avó e da juventude, ÉPOCA, 18/02/2008, p.78.).

Além disso, Época narra a crítica de Obama a seu avô e a seu pai, que não fincaram raízes em nenhum lugar e o deixaram sem um exemplo a seguir. Por isso, Obama precisou, conforme a revista, escolher e construir a própria identidade, buscar raízes.

A inocência que vê na história de seu avô e de seu pai. Uma inocência que, segundo ele, não é o oposto da culpa, mas o oposto da sabedoria. “Os homens da minha vida não foram estáveis e bem-sucedidos. Eles cometeram um monte de erros”, disse Obama à revista *Vanity Fair*. Erros que o senador atribuiu hoje a essa inocência contrária à sabedoria. (SD 15, ÉPOCA, 18/02/2008, p.79).

Foi no início da juventude que Obama empreendeu a viagem contrária a de seu avô. E acabou encontrando, ou fabricando, uma identidade, já que seu avô, seu pai e sua mãe fugiram daquelas que poderia ter herdado. (SD 21, ÉPOCA, 18/02/2008, p.80).

Obama deixou o Havá e foi para Costa Oeste dos EUA. Começou a faculdade na Califórnia e depois mudou-se para Nova York, onde se formou em política. Nos dois anos que passou em Nova York estudando, **Obama percebeu que queria deixar a**

sua marca no mundo. Não era ainda, ao menos não claramente, uma ambição política. Mas **ele não queria passar a vida meio sem rumo. A morte de seu pai em um acidente de carro lhe deu, diz, “um sentido de urgência na vida”.** (SD 22, ÉPOCA, 18/02/2008, p.80.).

A construção desse sentido é reforçada quando Época fala das críticas – principalmente, a respeito de sua cor e de sua origem – que Obama precisou superar durante a campanha, na caminhada rumo à Casa Branca.

O senador parece sempre ser o candidato “dos outros”. Para parte dos negros, ele não é negro. Afinal, filho de um imigrante africano, não é descendente de quem sofreu a escravidão ou os anos de segregação racial no país. Para os brancos, sua pele, herdada do pai, um queniano que viveu poucos anos nos EUA como estudante basta para que ele seja considerado negro. Para uma parcela da comunidade judaica, que lançou campanha contra ele pela internet, Barack Hussein Obama (seu nome completo) é um árabe. Para parte dos árabes, ele é filho de um muçulmano que se converteu ao cristianismo trairando a religião do pai. **Quem é, afinal, Barack Obama? Parte do jogo dele na política se baseia em convencer as pessoas de que ele não é o que elas pensam.** (SD 6, ÉPOCA, data, p.78).

Militantes negros vêm acusando Obama de estar virando branco ao longo da campanha pela candidatura democrata. Na verdade, é quase o contrário. Barack Obama **virou negro** quando decidiu se mudar para Chicago. [...] Em Chicago, Obama começou a frequentar e a trabalhar com a comunidade negra pobre do lado Sul da cidade. Lá, na firma de advocacia de Minow, conheceu sua mulher, Michelle Robinson. Graças a ela, de uma família negra profundamente religiosa, Obama abandonou o agnosticismo de sua família e se converteu ao cristianismo partilhado pela maioria dos negros americanos. **Aos poucos, adotou como suas as memórias dos negros do Sul de Chicago. Ao cabo de alguns anos, passou a se considerar, e parecer, um negro típico da cidade.** (SD 23, ÉPOCA, 18/02/2008, p.80-81).

Após o resultado das primárias e na mesma semana da eleição final, Época tenta demonstrar o que Obama venceu para se tornar o primeiro negro a ter chances reais de ser presidente dos EUA.

Para chegar à disputa presidencial, Obama bateu ninguém menos que Hillary Clinton, um mito entre as feministas americanas, mulher do poderoso ex-presidente Bill Clinton e senadora pelo Estado de Nova York. **Ter vencido Hillary é um feito e tanto** para um mulato, filho de um pai africano ausente, criado pela família da mãe – gente branca e dura, de classe média baixa – em lugares exóticos como Indonésia e Havaí. **Para chegar aonde chegou, numa sociedade competitiva como a americana, enfrentando duas campanhas das mais agressivas** – contra Hillary, nas primárias do Partido Democrata, e agora contra o candidato republicano, John McCain-, **Obama só poderia ser alguém excepcional.** (SD 27, ÉPOCA, 03/11/2008, p.86.).

A significação também está presente no título da matéria divulgada uma semana após Obama ser eleito. A legenda da fotografia (Figura 13), localizada no início da reportagem,

declara, a despeito das acusações de que não seria um bom americano, que a família de Obama é americana.



Figura 13 - ÉPOCA, 10/11/08, p.102-103.

UMA FAMÍLIA AMERICANA: Obama, suas filhas, Sasha e Malia, e a mulher, Michelle, acenam em Chicago na quarta-feira da vitória. (SD 29, legenda da foto, ÉPOCA, 10/11/2008, p.103).

4.2.2 Um marco histórico (FD 2)

O crescimento de Obama no cenário político e a posterior vitória ao cargo mais alto dos Estados Unidos são retratados por *Época* como importantes marcos históricos. Esse sentido é enfatizado, por exemplo, na foto de abertura e no título da reportagem lançada um dia antes da eleição final (Figura 14).



Figura 14 - ÉPOCA, 03/11/08, p.84-85.

Esse sentido também está presente na capa da edição que faz a cobertura jornalística da vitória de Obama (Figura 15).



Figura 15 - ÉPOCA, 10/11/08, capa.

A revista dá ênfase ao sentido quando faz menção a outras figuras históricas e eleições marcantes. Com essa aproximação, *Época* tenta dar a dimensão do que representa a aparição de Obama.

De tempos em tempos, a cada par de gerações, uma eleição americana catalisa as atenções planetárias e transforma cada um de nós em apaixonados eleitores a distância. Foi assim com Richard Nixon *versus* John Kennedy, no auge da guerra Fria. O jovem Kennedy falava duro com os comunistas e, ao mesmo tempo, acenava com planos sociais grandiosos. Venceu apertado em 1960. Foi assim com Ronald Reagan contra Jimmy Carter, em 1980. Reagan representava uma revolução conservadora. Carter, um idealista preocupado com direitos humanos, se agarra às melhores intenções (e aos piores resultados) do Partido Democrata. Reagan venceu com uma avalanche de votos e promoveu uma profunda mudança no país. **Agora, quase 30 anos depois do início da era Reagan, os americanos se preparam para uma escolha presidencial que pode entrar para a história como a mais importante dos últimos cem anos.** (SD 6, *ÉPOCA*, 03/11/2008, p.85.).

A eleição marcada para a próxima terça-feira, dia 4 de novembro, já se converteu em um marco antes mesmo de seu resultado vir a público. Ela ocorre em circunstâncias tão graves – a maior crise econômica desde 1929, com traços horrivelmente semelhantes aos da Grande Depressão – que faz lembrar a eleição em que Franklin Delano Roosevelt bateu o republicano Herbert Hoover, em 1932. A primeira das três vitórias consecutivas de Roosevelt influenciaria o capitalismo e a

sociedade americana pelos 50 anos seguintes. Marcaria aquele que Henry Luce, o criador da revista Time, chamaria de o século americano – o século XX. (SD 7, ÉPOCA, 03/11/2008, p.85.).

O paralelo entre o passado de segregação racial e o surgimento de um político negro é usado para retratar a revolução histórica vivida. E, conforme *Época*, Obama parece ser a personificação dessa mudança na história do país. A revista enfatiza isso ao se referir, constantemente ao candidato, como “o primeiro negro”. Na reportagem de fevereiro, publica uma retrospectiva dos primeiros negros que participaram da vida pública dos EUA:

A vitória de terça-feira **marcou um ponto sem retorno na evolução das relações sociais** – num evento mais profundo e duradouro que o convívio entre brancos e negros. (SD 18, ÉPOCA, 10/11/2008, p.107.).

Filho de um estudante queniano que teve um casamento curto com uma professora branca enquanto morava nos Estados Unidos, Barack **Obama é protagonista de um avanço histórico que provoca admiração no mundo inteiro**. (SD 21, ÉPOCA, 10/11/2008, p.112.).

Há quase quatro décadas, negros ainda eram linchados nos Estados Unidos. Organizações criminosas, como a Ku Klux Klan, que se dedicavam a assassinar pessoas de pele escura, eram toleradas pelas autoridades e até contavam com estímulo de lideranças consideradas respeitáveis em suas comunidades. Durante décadas, os negros também eram obrigados a sentar-se em lugares predeterminados nos ônibus e não podiam frequentar os mesmos restaurantes que os americanos de pele branca. (SD 22, ÉPOCA, 10/11/2008, p.112).

Uma história de pioneiros: políticos negros ainda são muito poucos nos EUA e seus sucessos começaram tarde. **Nunca houve um candidato negro à Presidência do país**. (SD 2, ÉPOCA, 18/02/2008, p.80-81.).

4.2.3 Apesar das inseguranças do futuro, a melhor alternativa (FD 3)

Época faz análise do ambiente político no qual Obama venceu as eleições. Ademais, elenca diversos desafios que deverão ser enfrentados pelo futuro presidente. A revista nos passa um tom de incerteza com relação ao que será do governo do senador negro, devido à grave crise que assola o país. Entretanto, as dúvidas elencadas pela revista não são quanto às qualidades de Obama em governar, mas quanto às possibilidades deixadas por um governo anterior que afundou os EUA.

[...] **o lugar e o futuro de Obama na história de seu país não dependem exclusivamente de sua vontade nem de sua capacidade de mobilizar a população americana com uma retórica original e eficiente.** Ao trocar o figurino de candidato pelo de presidente, substituindo os símbolos eleitorais por realizações concretas, **Obama vai enfrentar o mesmo pesadelo que derrubou as últimas esperanças de seu adversário**, o republicano John McCain – o colapso de uma

economia que enfrenta sua pior crise em três gerações. (SD 9, ÉPOCA, 10/11/2008, p.107.).

O candidato democrata fez planos para governar um país que, há 22 meses, quando a campanha teve início, dava a impressão de funcionar num ritmo razoável. O crescimento era moderado, mas real, o desemprego era estável, o crédito mantinha-se farto como nunca. **Obama vai tomar posse num ambiente de recessão, desemprego em forte alta** (200 mil postos de trabalho foram suprimidos em outubro) e crédito tão escasso que, depois de sumir do sistema financeiro, pode sumir do próprio cartão de crédito. (SD 10, ÉPOCA, 10/11/2008, p.107.).

O atual desastre americano envolve um espetáculo inédito pelos volumes envolvidos, pelo potencial destrutivo, pela amplitude internacional e pela alta carga de irracionalidade. **Não há confiança, não há segurança, e também não há governo.** Cada avanço se faz com extrema dificuldade e em passos muito vagarosos. (SD18, ÉPOCA, 10/11/2008, p.109.).

“A situação política de Obama é muito favorável: ele teve uma votação clara a seu favor e sua mensagem de mudança foi anunciada desde o primeiro dia”, afirma o historiador Ivan Eland. “Mas a economia pode causar surpresas, muitas delas difíceis de superar. Esse pode ser o grande problema”. O professor Eland lembra que, às vezes, **a economia é uma fatalidade que prega peças nos presidentes.** (SD 16, ÉPOCA, 10/11/2008, p.108.).

No decorrer das três reportagens, Época mostra trechos de discursos do candidato, fala de entrevistados e faz comentários sobre as qualidades de Obama reforçando o sentido de que, apesar dos desafios e da insegurança, Obama é a melhor alternativa para os EUA.

E ele **não acredita que seja um sonhador em política.** Seu lema de campanha, **“Sim, nós podemos”**, é otimista, não ingênuo, acredita. **Alude à possibilidade de fazer política de um jeito diferente, mas não utópico.** E rebate as críticas de Hillary de que seria um simples visionário, enquanto ela é uma executiva que saberia como tornar realidade as esperanças. (SD 1, ÉPOCA, 18/02/2008, p.81).

“Eu sei que não passei muito tempo aprendendo como as coisas funcionam em Washington, mas **o que eu aprendi nesses poucos anos é que o jeito como as coisas são feitas em Washington tem de mudar”**, disse Obama ao anunciar que ia se candidatar à Presidência. (SD 2, ÉPOCA, 18/02/2008, p.81.).

Dias atrás, durante uma palestra na Fundação Armando Álvares Penteado, em São Paulo, o historiador britânico Paul Kennedy, professor da Universidade de Yale [...] mencionou o soft power. Os Estados Unidos, disse Kennedy continuam a maior potência do mundo – terrivelmente influentes no universo das ideias e da tecnologia -, mas dependem, cada vez mais de outros países para manter a ordem global. [...] Abriu-se um período de transição que requer inteligência, cultura e cuidados redobrados. **“Obama parece mais interessado e mais preparado para cooperar”**, diz Kennedy. **“Como Roosevelt, ele não ignora o mundo e nem quer dizer ao mundo o que fazer”**. (SD 4, ÉPOCA, 03/11/2008, p.89.).

Além de manifestar a natural esperança humana com o novo e o cansaço com oito anos de Bush, **a festa em torno de Obama parece ter apoio na realidade.** Ao longo de 22 meses de campanha, **ele demonstrou ter qualidades essenciais a um bom presidente:** serenidade, capacidade de tomar decisões e instintos corretos. A escolha do vice é um exemplo. Enquanto McCain agarrou-se a um par de pernas bonitas – a inexperiente e irrelevante Sarah Palin, governadora do Alasca -, Obama **judiciosamente escolheu** o veterano senador Joe Biden, capaz não só de contribuir

para o governo, como de assumi-lo em caso de necessidade. (SD 5, ÉPOCA,03/11/2008, p.90).

A revista fala ainda sobre a qualidade de Obama de estar atento à crise. O futuro é nebuloso, mas logo após a vitória, Obama, de acordo com a publicação, começa a trabalhar para reverter o quadro. E o que pode garantir o bom governo é a legitimidade que conquistou nas urnas.

Capaz de comandar uma campanha na qual nem o mais empedernido dos adversários foi capaz de apontar um grande erro, **Barack Obama acompanhava os bastidores da crise antes mesmo da contagem dos votos.** (SD 19, ÉPOCA,10/11/2008, p.109.).

Na primeira nomeação de peso de seu governo, Obama apontou Rahm Emmanuel, deputado de seu estado, Illinois, para um posto que equivale ao de chefe da Casa Civil do governo americano. Antigo homem de confiança de Clinton, Emmanuel tem fama de “não fazer prisioneiros”, expressão que designa operadores sem compaixão com os vencidos. [...] **Mas aliados de Obama consideram que a escolha é uma prova do empenho do presidente eleito em defender o próprio governo. “Eu ficaria preocupado se ele começasse a indicar auxiliares medíocres, incapazes de tomar iniciativa, só de abaixar a cabeça”**, afirma o pesquisador John Judis, do Brookings Institute, um dos autores do elogiadíssimo livro *A construção da Maioria Democrata*. (SD 2, ÉPOCA, 10/11/2008, p.112.).

Judis está convencido de que, com a votação que recebeu, **“Obama tem um mandato popular para realizar mudanças e reorganizar o país** de outra maneira, e precisará de uma boa equipe para chegar a isso”. (SD 22, ÉPOCA,10/11/2008, p.112.).

A ideia é que Obama iniciou em sua campanha **a construção de uma maioria política capaz de ser a força mais influente da política americana pelas próximas décadas** – formada não só por eleitores negros, que lhe deram 96% dos votos, mas também pelas mulheres (56%), pelos hispânicos (66%), pela juventude (65%). [...] **“Ele tem condições de mudar o eixo da política americana”**, diz Judi. (SD 23, ÉPOCA,10/11/2008, p.112.).

4.2.4. Celebridade (FD 4)

Nas três edições de Época, a revista traz nuances que evidenciam um tratamento de celebridade a Obama. Essa impressão é dada quando a revista tenta humanizar e aproximar o candidato do eleitor, conforme ilustram as Figuras 16 e 17.



Figura 16 - ÉPOCA, 18/02/08, p.76-77.

À VONTADE - O senador Barack Obama ajeita a gravata antes de entrar em cena no programa de TV de Oprah Winfrey. Ele conquistou o apoio da apresentadora e terminou o programa sem paletó nem gravata. (SD 1, legenda da foto de Obama se arrumando, ÉPOCA, 18/02/08, p.76.).



Figura 17 - ÉPOCA, 10/11/08, p.106.

A GOTA D'ÁGUA: No último comício da campanha, **Obama** deixa cair uma **lágrima** ao falar de sua avó, morta de câncer um dia antes (SD 3, legenda da foto de Obama chorando, ÉPOCA, 10/11/08, p.106.).

Quando descreve a mãe de Obama, ÉPOCA reitera o sentido de celebridade ao chamar o candidato de famoso.

Ann Dunham era branca, mas adorava os discursos de Martin Luther King e a música de Mahalia Jackson. **Segundo seu filho famoso**, Ann achava o ator negro Harry Belafonje o homem mais bonito do mundo. (SD 2, ÉPOCA, 18/02/2008, p.79.).

No meio de uma matéria jornalística que traz a dimensão da vitória de Obama e os desafios que terá de enfrentar como presidente, duas páginas são reservadas a retratar o eleito de corpo inteiro (Figura 18). Nesse momento, a revista muda a linguagem, falando de forma mais coloquial, sobre os gostos de Obama. É como se o candidato não tivesse sido eleito presidente, mas estivesse sendo o protagonista de um famoso filme de Hollywood. Essa parte destoa do contexto da reportagem, assemelhando-se a uma revista de celebridades e entretenimento.



Figura 18 - ÉPOCA, 10/11/08, p.110-111.

Ipod: **No ipod de Obama rola música dos anos 70** – Steve Wonder, Elton John e Rolling Stones -, muito jazz e dois caras **famosos que apoiaram sua candidatura**: Bob Dylan e Bruce Springsteen. (SD6, Época, 10/11/2008, p.110).

Ternos: O estilista Tom Ford não gosta dos ternos de dois botões de Obama. É uma injustiça. **Eles são feitos sob medida pela Hart Schaffner Marx**, marca mais tradicional dos Estados Unidos. **Cada um deles custa US\$ 1.500 e usa uma mistura de lã e caxemira que ajudam no caimento perfeito, tipo slim fit. Pregas e barra italiana, claro.** (SD7, Época, 10/11/2008, p.110).

Boa forma: **Obama é o presidente mais em forma de que se tem notícia.** Sua massa corporal de 19,2 **provoca inveja** até em mulheres jovens. Num país em que 66% da população está acima do peso, foi obrigado a se explicar: **“Sou magrelo, mas durão”.** (SD14, Época, 10/11/2008, p.111)

4.2.5. Um fenômeno, muito mais que um político (FD 5)

Nas páginas de Época, Obama não é descrito como um político comum, ele é um líder. Não é um candidato à presidência, é a estrela das eleições. O discurso da revista deixa transparecer uma espécie de aura mágica que envolve o político. Em relatos trazidos pela publicação, o senador é visto como um fenômeno capaz de atrair uma massa de eleitores. Na primeira reportagem, a chamada de capa já enfatiza o sentido (Figura 19).



Figura 19 - ÉPOCA, 18/02/08, capa.

Essa primeira reportagem, publicada em fevereiro, afirma que o político tem unificado diferentes pessoas com as propostas de mudança defendidas ao longo da campanha. Mesmo

durante as primárias, meses antes da definição de quem seria candidato à presidência, Época o considera um novo líder.

Se conseguir a indicação democrata, Obama terá um adversário duro em John McCain, já considerado o vencedor da disputa pela candidatura do Partido Republicano. **Mas Obama já é o maior vencedor destas eleições.** Muito mais que um candidato, a sucessão de George W. Bush **viu nascer não só um dos mais bem-sucedidos políticos negros dos EUA, mas também um novo líder nacional.** (SD 3, ÉPOCA,18/02/2008 , p.77.).

Mas num país com a credibilidade internacional abalada pela Guerra do Iraque, enfrentando uma grave crise econômica e politicamente travado pela animosidade entre republicanos e democratas, **o senador negro Barack Obama está entusiasmando um número impressionante de eleitores de ambos os partidos, de todas as raças e de todas as classes ao propor um novo país,** diferente, unificado e cheio de esperanças para todos os seus habitantes. (SD 2, ÉPOCA,18/02/2008 , p.77.).

Essa significação é também expressa através da fala de entrevistados:

Não há grande diferença entre Obama e Hillary quanto à ideologia. Nem quanto aos pontos específicos da plataforma política. Robert Reich, que foi ministro de Bill Clinton em seu primeiro mandato e hoje apoia a candidatura de Obama, **usa a palavra “magia” para justificar sua preferência pelo senador.** “Quanto mais perto dele se chega, mais se percebe que **sua magia está antes no efeito que exerce sobre os outros do que em qualquer proposta política específica**”, diz. (SD 6, ÉPOCA, 18/02/2008, p.79.).

Em 20 de janeiro de 2009, Barack Obama entrará na Casa Branca para governar o país mais poderoso do planeta, que possui a maior economia e alimenta a cultura mais influente. **“Obama é a liderança que os Estados Unidos precisam”**, diz Daryl Clay, contador numa igreja evangélica de Washington. Nos últimos dez meses, ele dedicou suas horas livres à máquina de 5 milhões de voluntários que ajudaram a carregar a candidatura de Barack Obama até a vitória – e, na terça-feira à noite, levou a mulher para se manifestar em frente à Casa Branca. (SD 8, ÉPOCA, 10/11/2008, p.107.).

Época relata ainda o entusiasmo com a figura de Obama dentro do país:

Em 32 dos 51 Estados americanos o eleitor pode votar antes da data da eleição. Neste ano, **dado o entusiasmo que a disputa provoca, 12 milhões dos 213 milhões de eleitores cadastrados já votaram – maciçamente em Obama.** (SD 12, ÉPOCA, 03/11/2008, p.88.).

Contudo, além de atrair eleitores, a revista afirma que o carisma do candidato o fez conquistar simpatizantes em todo o mundo. O discurso de esperança proferido por Obama, conforme Época, tornou-o o presidente do mundo, mesmo antes de se tornar o presidente dos Estados Unidos.

Outro indicador **do carisma de Obama foi colhido fora dos Estados Unidos.** O Instituto Gallup entrevistou milhares de pessoas em 76 países, entre maio e outubro

deste ano. Descobriu que 24% preferem o democrata como presidente – e apenas 7% escolheriam McCain. **O mundo, claramente, prefere Obama. “Os europeus estão hipnotizados por ele”**, diz Jean-Pierre Lehmann, professor da escola suíça de negócios IDM. **“Se for eleito, ele poderá se tornar mais popular que Kennedy”**. (SD 13, ÉPOCA, 03/11/2008, p.88.).

O mundo prefere Obama, mas cabe apenas ao eleitorado americano elegê-lo. (SD 17, ÉPOCA, 03/11/2008, p.90.).

Importante ressaltar que Época enfatiza o interesse internacional pela eleição nos EUA como justificável, pois é uma mudança que tem influência em outras nações. Desse modo, consegue aproximar o leitor brasileiro do assunto abordado.

Acompanhar e torcer pela eleição americana **não é um exercício fútil de internacionalismo**. Trata-se de **legítimo interesse próprio**. Os eventos nos mercados financeiros desde o último dia 15 de setembro deixaram claro que **aquilo que acontece nos Estados Unidos diz respeito não só aos americanos, mas a todos nós**. (SD 14, ÉPOCA, 03/11/2008, p.88.).

O resultado da eleição do dia 4 pode afetar o plantador de cana em Ribeirão Preto, no interior de São Paulo, e **o terrorista mulçumano** oculto nas montanhas do Afeganistão. O primeiro pode sentir a imposição ou a retirada de sobretaxas sobre o etanol brasileiro, enquanto o segundo vai morrer ou triunfar dependendo das políticas adotadas pelo novo presidente contra os talebans. (SD 15, ÉPOCA, 03/11/2008, p.88.).

Conforme a revista, o apoio dado a Obama não é justificado por propostas políticas, mas sim focado na sua personalidade. A revista Época corrobora o sentido de que Obama é um fenômeno, muito mais que um político comum, ao reforçar o poder que ele tem de unir em torno de sua candidatura até mesmo os que possuem posições ideológicas diferentes.

Está claro, a esta altura, que, **mesmo antes da vitória, Obama está em processo de canonização**. O jornal *New York Times* endossou sua candidatura em termos quase hagiográficos. **A revista inglesa The Economist contrariou seus instintos ideológicos e também apoiou o candidato democrata**, embora ele não seja tão afinado com o discurso liberal da publicação. (SD 16, ÉPOCA, 03/11/2008, p.89.).

Época, em seu discurso, reserva espaço também para uma opinião menos festiva com relação ao personalismo observado na disputa eleitoral à presidência estadunidense.

Os seguidores mais fiéis de Obama têm sido chamados de **Obâmatos, os autônomos de Obama, ou obamaníacos**. **“Essa campanha não é sobre mim”**, disse Obama ao lançar sua candidatura em Chicago. **“Eu sou apenas um veículo imperfeito para os seus sonhos e esperanças”**. Até agora, no entanto, **são o carisma e a personalidade do senador negro que o transformaram na maior estrela das eleições de 2008**. Não importa que vença. (SD 10, ÉPOCA, 18/02/2008, p.81.).

Paul Krugman, por exemplo. O economista e colunista do New York Times diz não se lembrar de uma campanha democrata tão disputada e tão áspera. “A maior parte do veneno tem vindo dos partidários de Obama”. **Não sou o primeiro a observar que a campanha de Obama parece de maneira perigosa com um culto à personalidade.** Tivemos isso no governo Bush. “E não queremos isso de novo”, escreveu. (SD 11, ÉPOCA, 18/02/2008, p.81.).

4.2.6. O novo Kennedy (FD 6)

Época faz comparações constantes entre Barack Obama e o ex-presidente John Kennedy. Como o último, o candidato é visto como fenómeno político, alguém capaz de mobilizar o país. A característica de liderança e o carisma são o que, segundo a publicação, aproximam os dois políticos.

Para muita gente, não se via algo como a “**Obamania**” desde os tempos de **John Kennedy, um dos mais carismáticos** presidentes dos EUA, assassinado em 1963. (SD 1, ÉPOCA, 18/02/2008, p.77.).

A aproximação entre Obama e Kennedy também é feita pelas fontes citadas na revista. A admiração que acompanha o mito da política norte-americana parece também estar presente ao se falar em Obama.

“**Eu adorava John Kennedy e vi a versão dele para o século XXI ao assistir a Obama interagindo com o público**”, disse Newton Minow. Minow, um importante advogado de Chicago, trabalhou na campanha de John Kennedy. E deu a Obama, no fim dos anos 80, um emprego em uma firma de advocacia. Minow acompanhou toda a carreira política de Obama como um conselheiro. [...] Minow, de início, achou que Obama não deveria ser candidato à Presidência. **Até vê-lo em campanha. E ver Kennedy nele. “Ele é impressionante e acho que o fundamental é que o país quer um novo tipo de político”, diz Minow.** (SD 2, ÉPOCA, 18/02/2008, p.77.).

O presidente assassinado representava, nos anos de 1960, a juventude e o carisma. Foi eleito aos 43 anos. Em seu discurso, Época relata o que significa a eleição do primeiro negro em um país que sofreu a discriminação racial. Antes mesmo da vitória, o veículo já considera que a ascensão de Obama tem importância ainda maior do que a de um dos grandes mitos políticos da história estadunidense:

O personagem central da eleição atual é Barack Hussein Obama, de 47 anos, o primeiro negro com chance de se tornar presidente num país que até 1963 praticava a discriminação legal. Sua ascensão é um exemplo espetacular da capacidade de auto-regeneração americana. **Ela constitui uma revolução política e social, maior do que foi, em sua época, a vitória do católico Kennedy, presidente aos 43 anos.** (SD 3, ÉPOCA, 18/02/2008, p.85.).

4.2.7. Obama é Lula? (FD 7)

Além de comparar Obama à Kennedy, Época o relaciona a Lula, presidente brasileiro no ano da eleição estadunidense. Entre as reportagens que constituem o nosso corpus, essa comparação aparece somente em uma delas – a de 3 de novembro – lançada um dia antes de a população norte-americana votar. A revista atenta para as características e origens dos dois. Cada um, em seus respectivos países, foi protagonista de uma revolução social.

A história de Obama se assemelha, de alguma forma, à do presidente Lula, um nordestino, sindicalista e sem diploma – uma combinação biográfica que, em outros tempos, não lhe permitira chegar nem perto do Palácio do Planalto. (SD 1, ÉPOCA, 03/11/2008, p.86.).

Interessante observar que Época afirma, pela primeira vez, que a esperança despertada por Obama é injustificada, assim como, para a revista, foi a de Lula.

Como Obama, Lula superou preconceitos. Sua vitória tornou mais arejada a vida pública brasileira. **Como Lula, Obama promete usar a renda e o poder do Estado para corrigir injustiças sociais. Como Lula, Obama desperta esperanças enormes e, provavelmente, injustificadas**. Se tiver sorte e debelar a crise econômica ao longo de seu mandato, **Obama poderá ser comparado a Roosevelt – como Lula já foi comparado a Getúlio Vargas, o grande herói** das massas trabalhadoras brasileiras. (SD 2, ÉPOCA,03/11/2008, p.86.).

Além das semelhanças, a publicação atenta para as grandes diferenças existentes entre as duas biografias. A revista deixa transparecer, quando elenca esses pontos, que Obama é mais inteligente, mais culto e, portanto, mais apto para ocupar o cargo de presidência de uma nação:

Há também grandes diferenças ente Obama e Lula. **Obama pertence a uma minoria cultural, faz parte da mais refinada elite americana**. Formou-se em Direito com distinção em Harvard, uma das melhores universidades do mundo. Casou-se com uma advogada empresarial bem-sucedida, Michelle. Viveu com ela e com as duas filhas numa luxuosa casa de Chicago. **Embora jovem, já venceu duas eleições legislativas, escreveu dois (bons) livros autobiográfico e conquistou fama de excelente orador. É um homem culto, hábil, muito acima da média em inteligência**. (SD 3, ÉPOCA,03/11/2008, p.86.).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização da análise do corpus da pesquisa, feita através das teorias apresentadas ao longo do trabalho, podemos perceber que tanto *Veja* como *Época* retratam Barack Obama de forma positiva.

A revista *Veja*, com exemplares publicados em janeiro, junho e novembro, foca a cobertura da eleição norte-americana na figura de Barack Obama. Os sentidos das três reportagens analisadas foram agrupados em nove formações discursivas, que se articulam e constroem a imagem favorável do político, conforme os sentidos nucleares que seguem: FD 1 – Inovação e esperança frente à política tradicional; FD 2 – A estrela; FD 3 – O conciliador; FD 4 – A resposta das lutas do movimento dos direitos civis; FD 5 – Vencedor de obstáculos; FD 6 – O novo Kennedy? ; FD 7 – Ph.D em diversidade; FD 8 – O candidato do mundo; e FD 9 – Obama não é Lula.

A primeira FD, a que abrange mais sequências discursivas, dá destaque a mudança que representaria – e depois que representou – a vitória de Obama. Os textos são recheados de marcas discursivas que nos remetem a idéias de mudança, esperança e sonho. Tudo isso parece estar personificado em Barack Obama. Essa ideia de mudança está presente, também, quando a publicação refere-se às políticas dos Clinton e do republicano George Bush de forma pejorativa. Os discursos desses políticos são tratados como ultrapassados e tradicionais frente à mensagem inovadora de Obama. Ele, sim, de acordo com as marcas discursivas identificadas, pode transformar os rumos da nação estadunidense e até mesmo do mundo. Obama é visto como “o filho do nosso tempo”. Ao refutar ideias que *Veja* diz serem defendidas por Hillary, deixa transparecer uma visão ideológica contrária à esquerda.

A segunda FD mostra marcas discursivas que retratam Obama como uma estrela. Hábitos, gostos e habilidades pessoais do candidato são listados pela revista. No entanto, percebemos escassez de discussões acerca da carreira política ou do trabalho que desenvolveu

como senador. Destaca-se o jeito calmo, a facilidade de oratória, o domínio da língua. Ao dar ênfase à personalidade e aos aspectos particulares da vida de Obama, Veja parece estar fazendo reportagem sobre uma celebridade.

Em “o conciliador” (FD 3), há significações que constroem o sentido de que o político apresentado possui a capacidade de unir diferentes ideologias e raças à candidatura. As opiniões defendidas por Obama são consideradas equilibradas, portanto, longe de extremos ideológicos. Ele é um político negro, mas quer ser considerado candidato de todos. É contra a guerra do Iraque, porém, não se posiciona contra todas as guerras. E, assim, com essa postura, Obama é retratado pela revista como um político que desperta apoio em distintos lugares e em diversas culturas, o que poderá, conforme Veja, ser o diferencial na hora de implementar as mudanças necessárias no país.

A quarta FD ressalta a importância da figura de Barack Hussein Obama para um país que sofreu, ao longo de décadas, a segregação racial. Um negro presidente é a resposta, é a consolidação dos sonhos daqueles que lutaram pelos direitos civis. Esse sentido é percebido através da recordação do passado hostil que separava brancos e negros nos EUA. Além disso, a revista fala sobre a trajetória negra e até mesmo, sutilmente, compara Obama à Martin Luther King.

Na FD 5, Obama é “O vencedor de obstáculos”. Em sua trajetória à ascensão política, o protagonista enfrentou inúmeras dificuldades. Veja nos leva a pensar, a partir do seu discurso, que a disciplina e competência de Obama deram a ele a vitória improvável. A construção dessa significação é possível de ser percebida quando a revista narra a saga de Obama na campanha contra Hillary e depois contra McCain. Um negro, sem apoio financeiro e desconhecido que se tornou o primeiro candidato negro com chances reais de ser presidente dos EUA. Um político que conseguiu superar as acusações de que era muçulmano, que venceu a questão racial e se tornou presidente da república.

A sexta FD traz à tona as comparações feitas, durante a campanha, entre John Kennedy e Barack Obama. Aqui, a revista deixa clara uma crítica a Obama. De acordo com Veja, o político se aproveita da ligação com a família Kennedy com fins eleitoreiros. Veja prefere não trabalhar com essa aproximação entre o ex-presidente morto e Obama. Para o veículo, o último representa uma nova era, descolada da década de 1960.

Em “Ph.D. em diversidade” (FD 7), a origem e a diversidade cultural são tidas como excepcionais. O filho de um negro africano com uma branca norte-americana, que passou parte da infância na Indonésia – maior país muçulmano do mundo – trará, segundo a revista, uma visão internacional favorável a respeito dos Estados Unidos. O conhecimento de

destoantes culturas e realidades é uma qualidade singular encontrada no político, a despeito dos preconceitos e críticas enfrentados por esse mesmo motivo.

Na formação discursiva oito, há marcas textuais que expressam a preferência por Obama em todo o mundo. Veja apresenta exemplo de demonstração de apoio ao candidato democrata, por exemplo, na França, na Alemanha, no Equador. A última formação discursiva fala sobre Obama e Lula e Veja aproxima o leitor ao contexto brasileiro. Porém, a publicação faz questão de reforçar que as diferenças entre os políticos são gritantes e essa comparação não é possível de ser feita.

Em *Época*, também há marcas discursivas que evidenciam a preferência da publicação por Obama. As edições analisadas foram publicadas em fevereiro – durante as primárias, em novembro – um dia antes e uma semana após a eleição. Na primeira edição, a revista se atém mais aos detalhes da vida de Obama. Nas duas últimas reportagens, a abordagem de *Época* é mais analítica. A revista faz uma contextualização do governo George W. Bush e comenta as perspectivas e desafios que Obama irá enfrentar.

Ao longo dos textos, foram identificadas sete formações discursivas, com os seguintes sentidos nucleares: FD 1 – Uma vida de superação; FD 2 – Um marco histórico; FD 3 – Apesar das inseguranças do futuro, a melhor alternativa; FD 4 – A celebridade; FD 5 – Um fenômeno, muito mais que um político; FD 6 – O novo Kennedy; FD 7 – Obama é Lula?

A primeira formação discursiva é construída a partir da ênfase da revista na história de vida de Obama. São descritos os problemas de crise de identidade na adolescência, causados pela falta de referências. A revista mostra como Obama superou essas dificuldades e se transformou em um homem calmo e equilibrado. Mostra, também, que Obama é o próprio construtor do seu caminho, que decidiu se tornar um autêntico negro e ter as raízes nessa comunidade. Raízes que precisou firmar, já que seus familiares não tinham.

Na formação discursiva dois, o foco é o significado histórico da subida de um negro até o cargo mais alto do país. Conforme *Época*, Obama significa uma revolução política e social. Ele inaugura uma nova era. Não só a figura dele, mas a eleição que o tornou presidente é considerada a mais importante dos últimos cem anos. A revista faz referências a outros acontecimentos históricos, a outras eleições memoráveis para fazer um paralelo com o surgimento do político. Há o destaque para o pioneirismo que Obama representa, uma vez que ainda são poucos os políticos negros existentes nos Estados Unidos.

A terceira formação discursiva é composta por trechos que descrevem o contexto de crise que traz um sentimento de incerteza e de desconfiança quanto ao futuro dos EUA. Mas a revista não duvida das qualidades de Obama, e sim das possibilidades de se consertar um

cenário caótico deixado por um governo que causou um rombo nos cofres públicos e tomou decisões equivocadas quando estava na liderança. Quando *Época* fala sobre esses desafios, também ressalta a vontade política de Obama em resolver a crise e a sua pró-atividade antes mesmo de começar o mandato. Além disso, são enfatizadas as características como capacidade de liderança e legitimidade política. Mesmo sem saber o que esperar do que vem pela frente, a revista acredita que Obama é a melhor alternativa para combater os problemas dos EUA.

Em “celebridade” (FD 4), chama a atenção o caráter de revista de entretenimento que *Época* adota, principalmente, na última reportagem. São publicadas duas páginas só de fotos, como se fosse um álbum de um famoso do meio artístico. Ademais, *Época* tenta aproximar Obama do leitor, humanizando o político, retratando-o de forma descontraída ou, até mesmo, chorando. Na FD5, o sentido de que Obama é um fenômeno se constrói em relatos da revista sobre o carisma, o entusiasmo e as emoções que ele provoca nos eleitores e, também, no mundo inteiro. Ele não é apenas um político, é descrito como um novo líder, um transformador. *Época* dá espaço para uma fonte que critica o modo como a campanha de Obama, focada em sua personalidade, pode ser prejudicial. No entanto, afirma que o carisma e a personalidade do político são o que o transformaram em vencedor, mesmo antes do resultado das urnas.

Nas duas últimas formações discursivas (FD 6 e FD 7), são trazidas as comparações com Kennedy e com Lula. Na FD 6, fontes próximas aos dois políticos fazem um paralelo e deixam transparecer que Obama é um novo Kennedy. Entretanto, mais do que isso, a revista enfatiza que a vitória de Obama representa uma revolução maior do que representou a do ex-presidente, um mito da política norte-americana. O carisma, a juventude e o espírito de liderança são as características que os aproximam. Na última FD, a comparação com Lula mostra semelhanças, mas também grandes diferenças. As propostas de mais justiça social e as trajetórias são semelhantes. Porém, a revista faz questão de distinguir o grau de intelectualidade dos dois. Nesse momento, ainda que não explicitamente, afirma que Obama é o mais preparado para assumir um cargo de presidência.

A análise de discurso do corpus nos permite perceber, portanto, que as duas revistas de maior circulação nacional produzem sentidos que retratam Obama de maneira positiva. O discurso das publicações é construído e permeado por diversas marcas discursivas que nos levam a entender Obama como a personificação da esperança e da mudança. Para *Veja* e *Época*, ele é o candidato indicado para comandar a nação mais influente do mundo, e esse comando atinge também nosso país. As publicações consideram Obama a melhor alternativa

para os Estados Unidos e para o mundo em relação à pré-candidata Hillary Clinton, e, depois, em relação ao candidato republicano John McCain. Ambas têm uma visão negativa do governo Bush, enfatizando a necessidade de mudança e afirmando ser o candidato do Partido Democrata o mais capacitado para realizá-las.

Quando os dois veículos retratam Obama de forma positiva e reforçam, constantemente, esses sentidos, através da narrativa, estão escolhendo um ponto-de-vista. Por meio da análise do discurso podemos perceber as marcas do contexto de produção dessas reportagens, e considerar que ao longo da elaboração, foram feitas escolhas editoriais e, também, pessoais dos jornalistas. O jornalismo, como apresentado anteriormente, não pode ser visto como mera reprodução de acontecimentos. Ao refletirmos essa prática jornalística sob o viés das teorias construcionistas, constatamos que os discursos apresentados por *Veja* e por *Época* são apenas dois dos diversos recortes possíveis da realidade.

Apesar de constituírem apenas recortes da realidade, os sentidos produzidos por *Veja* e *Época* são importantes na construção desse real. O jornalismo reconstrói o acontecimento dentro da estrutura e da narrativa que o define, deslocando-o do contexto original. Fenômenos complexos como o contexto político são transformados em narrativas jornalísticas construídas por códigos culturais compartilhados e nos ajudam a compreender e dar sentido ao mundo que nos cerca. No entanto, ao mesmo tempo, o processo de construção não é claro para o leitor. Assim, os sentidos repassados são naturalizados e acabam, na maior parte das vezes, reforçando o *status quo*.

Além disso, as duas revistas, por se tratarem de um tipo diferenciado de jornalismo, produzem mais do que relatos sucintos do dia-a-dia. São veículos que apresentam reportagens maiores e mais analíticas, onde há espaço não apenas para um relato rotinizado de uma série de fatos, mas um estilo narrativo de contar uma história. Para isso, lançam mão de uma tentativa de humanizar o protagonista, que nesse caso é Barack Obama. As reportagens, ao se aproximarem da narrativa mítica da jornada do herói, produzem o sentido de que Obama é esse herói, que, ao longo da campanha eleitoral, foi vencendo preconceitos e quebrando paradigmas para, enfim, alcançar o objetivo final: ser presidente dos Estados Unidos.

REFERÊNCIAS

- ANER, **Associação Nacional dos Editores de Revista**. Disponível em: <http://www.aner.org.br/Conteudo/1/artigo42424-1.asp>. Acesso em: 15/04/2011.
- BENETTI, Marcia. A ironia como estratégia discursiva da revista Veja. In: **Líbero**: revista acadêmica de pós-graduação. São Paulo Vol. 10, n. 20 (dez. 2007), p. 37-46
- BENETTI, Márcia. Análise do Discurso: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Claudia; e BENETTI, Márcia. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- BENETTI, Marcia. O jornalismo como gênero discursivo. **Galáxia**. N.14. São Paulo: PUC-SP, 2008.
- BENETTI, Márcia; HAGEN, Sean. Jornalismo e a imagem de si: o discurso institucional das revistas semanais. In: **XVIII Encontro da Compós – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Jornalismo**, PUC-MG, 2009.
- BIRD, S. Elizabeth; DARDENNE, Robert W. Mito, registo e ‘estórias’: explorando as qualidades narrativas das notícias. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 7ª Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.
- BREED, Warren. Controle social na redação. Uma análise funcional. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Vega, 1993.
- CARTA CAPITAL, site oficial da revista. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sobre-cc>. Acesso em: 27/04/2011.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- ÉPOCA, site oficial da revista. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/1,,EMI5583-15247,00.html>. Acesso em: 27/04/2011.

FOLHA DE SÃO PAULO, jornal. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ambiente/ult10007u336192.shtml>. Acesso em: 10/07/2011.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente:** como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais. Aracaju: UFS, 2005.

G 1, Portal de notícias. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL239363-5602,00-ENTENDA+COMO+E+A+ELEICAO+NOS+EUA.html> Acesso em: 02/04/2011.

HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: o mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e 'estórias'**. Lisboa: Vega, 1993.

JUNIOR, Vilson Vieira. **Do monopólio à democratização:** caminhos e lutas por uma outra comunicação no Brasil. UFES: Vitória, 2007. Trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo. Disponível em: http://www.direitoacomunicacao.org.br/index2.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=233&Itemid=99999999. Acesso em: 13/06/2011.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso.** 3ª Edição. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

MARTINEZ, Mônica. **Jornada do herói:** a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Annablume, 2008.

MOREIRA, Fabiane Barbosa. **Os valores-notícia no jornalismo impresso:** análise das características substantivas das notícias nos jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo. Porto Alegre: UFRGS, 2006. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Narrativas: representação, instituição ou experimentação da realidade? In: **VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJor.** USP, novembro de 2009.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. **Jornalismo em revistas no Brasil:** um estudo das construções discursivas em veja e manchete. São Paulo: Annablume, 2002.

OBAMA, Barack. **A origem dos meus sonhos.** São Paulo: Editora Gente, 2008.

OBAMA, Barack H. Entrevista. In: REMNICK, David. **A ponte:** vida e ascensão de Barack Obama. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

O GLOBO, jornal. Disponível em: http://oglobo.globo.com/mundo/eleicoesamericanas/mat/2008/06/05/conheca_republicano_john_mccain-546676308.asp. Acesso em: 10/07/2011.

REMICK, David. **A ponte:** vida e ascensão de Barack Obama. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SMITH, Jerome. Entrevista. In: REMICK, David. **A ponte:** vida e ascensão de Barack Obama. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SOLOSKI, John. O jornalismo e o profissionalismo: alguns constrangimentos no trabalho jornalístico. In: TRAQUINA, Nelson (org). **Jornalismo:** questões, teorias e estórias. Lisboa: Vega, 1993.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo:** porque as notícias são como são. V. 1. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAQUINA, Nelson, As notícias. In: TRAQUINA, Nelson (org). **Jornalismo:** questões, teorias e estórias. Lisboa: Vega, 1993.

THE WHITE HOUSE, site oficial da Casa Branca. Disponível em: <http://www.whitehouse.gov/>. Acesso em: 10/07/2011.

THE NEW YORKER, revista. Disponível em: http://www.newyorker.com/magazine/bios/david_remnick/search?contributorName=david%20remnick. Acesso em: 06/06/2011.

UNGER, Roberto. Entrevista. In: REMICK, David. **A ponte:** vida e ascensão de Barack Obama. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

UOL, Portal de notícias. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/ultnot/especial/2008/eleicao/2008/eleicao/04/02/0204201101.html>. Acesso em: 02/04/2011.

UOL EDUCAÇÃO. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/biografias/malcolm-x.jhtm>. Acesso em: 11/07/2011.

VEJA.COM, revista Veja online. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/quem/george-w-bush-primeiro-mandato-segundo-mandato-guerras-tese-economica-terrorismo.shtml>. Acesso em: 02/04/2011.

VEJA, site oficial da revista. Disponível em: <http://www.publiabril.com.br/marcas/veja/revista/informacoes-gerais>. Acesso em: 16/04/2011.

VEJA, arquivo online. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/historia/morte-martin-luther-king/pesadelo-americano-assassinato-tiro-memphis.shtml>. Acesso em: 10/07/2011.

VIZEU, Alfredo. Telejornalismo: o conhecimento do cotidiano. In: **XIV Encontro Compós,** 2005. Disponível em: www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/doc2005/alfredovizeu2005.doc. Acesso em: 20/04/2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Descrição das Formações Discursivas identificadas nos textos da revista Veja			
Formação Discursiva (FD)	Sequência Discursiva (SD)	Número da SD	Texto
FD1	Por que ele é a grande esperança nas eleições americanas.	SD1	Texto 1. Veja 16/01/2008 edição 2043, capa
FD1	TERREMOTO OBAMA	SD2	Texto 1 Veja 16/01/2008 edição 2043, p.56-57
FD1	Obama: o senador de Illinois personifica os desejos de mudança dos Estados Unidos.	SD3	Texto 1 Veja 16/01/2008 edição 2043, p.57 (legenda da foto de abertura).
FD1	Porque o jovem senador democrata personifica a esperança de mudanças pós-Bush.	SD4	Texto 1 Veja 16/01/2008 edição 2043, p.56.
FD1	Se computadas apenas a quantidade de votos que cada candidato recebeu, a apuração das primárias das eleições presidenciais americanas resulta em empate técnico entre os principais pré-candidatos democratas. [...] O que emerge dessa disputa de perspectivas ainda nebulosas, que ainda precisa ser repetida em 48 estados, é uma novidade como raras vezes se vê na política em qualquer país: a candidatura de Obama.	SD 5	Texto 1 Veja 16/01/2008 edição 2043, p.56.
FD1	Seja quem for, apenas por não ser Bush, o próximo presidente será visto com mais simpatia. Se for o jovem senador Obama o escolhido , os Estados Unidos terão uma janela ainda mais ampla para arejar o ambiente intoxicado deixado por Bush e seus senhores de guerra.	SD6	Texto 1 Veja 16/01/2008 edição 2043, p.56-57.
FD1	Mesmo que perca a nomeação do Partido Democrata para competir com o indicado do Partido Republicano, Barack terá reescrito os termos da campanha de 2008. Ele é um político raro , daqueles que o tempo só melhora, dando-lhe justamente o que agora lhe falta, a experiência e a gravidade.	SD7	Texto 1 Veja 16/01/2008 edição 2043, p.57.
FD1	“Quando se examina seu conteúdo, a verdade é que as mensagens da esquerda e as da direita são as mesmas, apenas com o sinal trocado”, escreveu Obama em seu livro <i>A Audácia da Esperança</i> [...]. Nada mais 2008 do que esse discurso. Nada mais contrastante com o discurso 1968 de Hillary Clinton, ainda impregnado de incenso, feminismo, vitimização das minorias e fobia do mundo empresarial. Barack Obama superou as fronteiras raciais e as do confronto anos 70 homem-mulher. (*)	SD8	Texto 1 Veja 16/01/2008 edição 2043, p.57.
FD1	O que seu sucesso parcial revela é a existência de uma nova realidade social separada por um abismo da política tradicional. Talvez o toque de Obama resida na compreensão de que as bases do eleitorado americano estão sendo sacudidas por um terremoto que os sismógrafos da política tradicional não registraram.	SD9	Texto 1 Veja 16/01/2008 edição 2043, p.58.
FD1	Hillary festeja a vitória nas primárias de New Hampshire:	SD10	Texto 1 Veja

	uma política tradicional.		16/01/2008 edição 2043, p.58.(legenda da foto à direita)
FD1	Os eleitores estão fartos da politicagem e do sectarismo de George W. Bush e Clinton (ambos, Hillary e seu marido, Bill) . Não suportam mais que os Estados Unidos sejam odiados no exterior e estão convencidos de que, para onde se olhe, o país não está sendo conduzido no rumo correto.(*)	SD11	Texto 1 Veja 16/01/2008 edição 2043, p.58.
FD1	É natural que Obama encarne a figura transformadora que os novos tempos exigem. Não apenas por suas ideias, mas por sua biografia . Senador em primeiro mandato, ele é um recém-chegado a Washington. Seus detratores dizem que isso significa inexperiência. Seus partidários dizem que é bom, pois não teve tempo de incorporar os piores vícios da política.(*)	SD12	Texto 1 Veja 16/01/2008 edição 2043, p.59.
FD1	[...] aos 46 anos, ele transmite a imagem de juventude e dinamismo . Sua principal oponente está com 60 anos.(*)	SD13	Texto 1 Veja 16/01/2008 edição 2043, p.59.
FD1	John McCain, em New Hampshire: republicanos sofrem o legado de Bush .	SD14	Texto 1 Veja 16/01/2008 edição 2043, p.59 (legenda foto central)
FD1	Nos discursos sempre empolgantes, promete mudança e conciliação .(*)	SD15	Texto 1 Veja 16/01/2008 edição 2043, p.60.
FD1	De fato, de acordo com uma pesquisa, um em cada cinco americanos não tem ideia de quem seja Obama . Isso não é ruim para ele. “O principal trunfo de Obama é que não há muitos registros da sua vida pública, o que dá aos seus adversários poucos argumentos para críticas ”, disse a Veja o cientista político americano Brian Darling, da Heritage Foundation, em Washington.	SD16	Texto 1 Veja 16/01/2008 edição 2043, p.60.
FD1	Já Hillary, carrega um currículo pesado , quem inclui a humilhação de ser traída pelo marido na Casa Branca. “Ela (Hillary) gostaria de ser associada, hoje, apenas às qualidades boas de seu marido como presidente, mas está irremediavelmente ligada aos escândalos do passado ”, diz Zogby, do Instituto de pesquisa Utica.	SD17	Texto 1 Veja 16/01/2008 edição 2043, p.60.
FD1	Mote da campanha: Chegou a hora da mudança .	SD18	Texto 1 Veja 16/01/2008 edição 2043, p.60 (quadro comparativo entre os candidatos).
FD1	Ponto forte: Sua mensagem de transformação e sua biografia inspiram democratas e atraem jovens eleitores .	SD19	Texto 1 Veja 16/01/2008 edição 2043, p.60 (quadro comparativo entre os candidatos)

FD1	Ponto fraco: Num momento em que o eleitorado busca mudanças é dureza convencê-lo a votar na continuidade da dinastia Clinton.	SD20	Texto 1 Veja 16/01/2008 edição 2043, p.60 (quadro comparativo entre os candidatos)
FD1	Entre os republicanos, a disputa pela candidatura a presidente foi pulverizada em quatro pré-candidatos fortes, todos fazendo malabarismos para se distanciar dos fracassos de seu colega de partido, o presidente George W. Bush.	SD21	Texto 1 Veja 16/01/2008 edição 2043, p.61.
FD1	A escolha do primeiro do primeiro negro para concorrer à presidência dos Estados unidos por um dos dois grandes partidos quebra um tabu de séculos e manda ao mundo uma mensagem de tolerância . Em cinco meses se saberá se o país lhe dará a chave para Casa Branca. (*)	SD22	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.93.
FD1	Na quarta-feira passada, 4 de junho de 2008, Barack Hussein Obama, 47 anos em agosto, acordou para viver seu primeiríssimo dia como o primeiríssimo negro da história dos Estados Unidos a virar candidato à Casa Branca por um partido grande e, portanto, com chance de ser eleito presidente do país. (*)	SD23	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.94-95.
FD1	Gritos, aplausos, assovios, espocar de champanhe: Obama acabava de sagra-se o primeiro negro a concorrer à Casa Branca com chance real de ser eleito . Extraordinário? Sem dúvida. Mas, diante da grandeza do feito, extraordinário é pouco. (*)	SD24	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.95.
FD1	A vitória de Obama, por tudo isso tem a moldura dos feitos que abrem uma nova era. Mesmo que estivesse se desenhado há meses, sua conquista causou espanto, emoção, admiração, perplexidade.	SD25	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.96.
FD1	“Nunca pensei que viveria para ver isso”, disse um farmacêutico aposentado, Arthur Dees, 80 anos. Seu depoimento, publicado no jornal Los Angeles Times, dá a dimensão simbólica da mudança . É impressionante que um mesmo cidadão, como Arthur Dees, possa viver a trajetória que vai da proibição de um negro sentar-se à mesa do salão oval da Casa Branca . E comandar o país que, apesar dos abalos atuais, é a maior potência da história. (*)	SD26	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.96-97.
FD1	Há um ano, derrotar Hillary não era mais que uma quimera. Com inteligência afiada, ambição desmedida e mentirosa compulsiva, Hillary tem experiência e jogo de cintura. Senadora há oito anos, foi primeira-dama por outros oito. Junto com o marido, Bill, ela (ou era) dona da máquina de captar dinheiro mais invejada de Washington e tem (ou tinha) ascendência no Partido Democrata, atulhado de Clintonistas. (*)	SD27	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.98.
FD1	- “Nesta noite, marcamos o fim de uma jornada histórica com o começo de outra - uma jornada que trará dias melhores para o país ”, disse Obama na noite de terça-feira, quando se apresentou a uma empolgada massa de eleitores como candidato democrata.	SD28	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.98.
FD1	Com uma retórica incandescente, com sua fala gingada como um sermão de pastor, com uma linguagem que fala de hinos que cicatrizam a nação, ele não fazia uma campanha. Fazia	SD29	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064,

	um movimento. Não era um candidato. Era um transformador. Obama não tinha propostas. Tinha sonhos. Criou assim a obamamania. (*)		p.99.
FD1	Mudança e esperança – eis o binômio de seu discurso para um eleitorado farto de Bush, da guerra, da crise econômica.	SD30	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.101.
FD1	Barack Hussein Obama tomará posse como 44º presidente dos Estados Unidos, o primeiro negro a ocupar o cargo mais poderoso do mundo.	SD31	Texto 3 Veja 12/11/2008 edição 2086, p.77.
FD1	Sua biografia não chama atenção pelo que tem de ultrapassado ou deslocado, mas pelo que tem de contemporâneo. Impensável um Obama eleito presidente dos EUA há duas décadas – ou há uma. Obama tem uma trajetória só possível agora , no mundo globalizado e politicamente correto, que superou colonialismo, as guerras mundiais, a Guerra Fria e o Muro de Berlim. É filho do nosso tempo.	SD32	Texto 3 Veja 12/11/2008 edição 2086, p.78-77.
FD1	Desde 1976, quando apostaram em Jimmy Carter, governador da Geórgia, os democratas não lançavam nome tão desconhecido quanto Obama , senador há menos de quatro anos.	SD33	Texto 3 Veja 12/11/2008 edição 2086, p.79.
FD2	É natural que Obama encarne a figura transformadora que os novos tempos exigem. Não apenas por suas ideias, mas por sua biografia. Senador em primeiro mandato, ele é um recém-chegado a Washington. Seus detratores dizem que isso significa inexperiência. Seus partidários dizem que é bom, pois não teve tempo de incorporar os piores vícios da política.	SD1	Texto 1 Veja 16/01/2008 edição 2043, p.59.
FD2	[...] aos 46 anos, ele transmite a imagem de juventude e dinamismo. Sua principal oponente está com 60 anos. (*)	SD2	Texto 1 Veja 16/01/2008 edição 2043, p.59.
FD2	Os dotes de orador com voz de barítono, o jeito calmo e a habilidade de explicar temas enfadonhos com simplicidade são a mais poderosa ferramenta de Obama para angariar votos.	SD3	Texto 1 Veja 16/01/2008 edição 2043, p.60.
FD2	Quando era uma garota de 16 anos, Stanley Ann Dunhan passava uns dias em Chicago, sem a vigilância dos pais e resolveu assistir ao primeiro filme estrangeiro de sua vida. Era 1959. <i>Orfeu negro</i> , do francês Marcel Camus, baseado na peça <i>Orfeu da Conceição</i> , de Vinícius de Moraes, acabara de ser lançado. Os atores eram negros, o enredo se desenrolava durante o Carnaval no Rio, a trilha sonora era a gema da bossa nova – e Stanley Ann Dunhann saiu do cinema flutuando. Fora a coisa mais linda que já vira, contaria anos mais tarde.	SD4	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.94.
FD2	No começo da década de 80, ela visitava seu filho em Nova York e soube que Orfeu Negro estava em cartaz. Convidou-o para assistir. [...] Iluminado pelo clarão azul da tela, o rosto de Ann exibiu um olhar fascinado. Seu filho então compreendeu tudo. Compreendeu que, no fim dos anos 50, sua mãe, uma menina branca do Kansas, no conservador e recatado meio-oeste americano, amara tudo aquilo, amara aqueles negros exóticos em um país tropical.	SD5	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.94.

FD2	Logo depois dessa experiência inesquecível , Stanley mudou-se com os pais para uma terra exótica, o Havaí. E, aos 18 anos, ela, “branca como leite”, o encontraria “negro como breu”, numa aula de russo. Ela ficou grávida, casou-se – nessa ordem -, teve filho e três anos mais tarde já estava separada. Seu filho, ali no cinema, agora compreendia que a trajetória da mãe talvez tenha se dado ao embalo dos sonhos daquela outra vida que o Kansas lhe negava. “Uma vida quente, sensual, exótica, diferente”, escreveu o filho em sua autobiografia. O filho, claro, é Barack Hussein Obama. Sua existência, portanto, talvez deva um fiapo de crédito à sonoridade dos versos que caíram ao ouvido de sua mãe naquele cinema em Chicago, ela ainda na flor de seus 16 anos.	SD6	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.94.
FD2	(Michelle Obama) Exige que ele, mesmo no sufoco de uma agenda extenuante, vá ao espetáculo de balé das crianças e compareça às reuniões de pais e mestres da escola.	SD7	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.97. (quadro sobre Michelle Obama)
FD2	Disse que Obama ronca, cheira mal de manhã, não põe a manteiga na geladeira e deixa as meias sujas espalhadas pela casa. Foi um rebu. Uns a acusaram de diminuir o marido. Outros a elogiaram por humaniza-lo, num ponto da campanha em que Obama ainda estava a um passo da santificação.	SD8	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.97. (quadro sobre Michelle Obama)
FD2	Um negro parido do sonho da jovem Ann, mulher de personalidade tão fascinante, misto de ingênua e libertária, quanto a de seu filho.	SD9	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.98.
FD2	Poetinha da sucessão: Cena de Orfeu Negro, de 1959, a que a mãe de Obama assistiu, aos 16 anos, em Chicago: será que haveria Obama sem Vinícius?	SD10	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.100.(legenda foto canto superior esquerdo)
FD2	Com uma retórica incandescente, com sua fala gingada como um sermão de pastor, com uma linguagem que fala de hinos que cicatrizam a nação, ele não fazia uma campanha. Fazia um movimento. Não era um candidato. Era um transformador. Obama não tinha propostas. Tinha sonhos. Criou assim a obamamania.(*)	SD11	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.99.
FD2	Casado com Michelle, mulher de pulso firme e humor ferino, Obama tem duas filhas pequenas, Malia e Sasha, e sua casa fica em Chicago. Esteve por lá muito pouco no ano passado, engolfado por uma campanha exaustiva. Tem apetites moderados. Prefere uma xícara de chá orgânico a um copo de uísque. Troca um punhado de batatas fritas por um prato de frutas. Prefere salmão à carne vermelha. Para transportar-se mentalmente para fora da campanha, gosta de ler ficção – John Le Carré, de Philip Roth.	SD12	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.100.
FD2	Na semana passada, disse que faria uma raríssima trégua na campanha e passaria o fim de semana em Chicago, com a família. Mandou dizer que faria um passeio de bicicleta com as filhas e sairia para uma noite romântica com a mulher.	SD13	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.101.

FD2	Fica a sugestão para que mostre a Michelle os versos de Vinícius que sua mãe ouviu em forma de canção meio século atrás na mesma cidade de Chicago [...]	SD14	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.101.
FD2	A vitória de Obama também é excepcional pelo que ele é – pelo que carrega na memória, no sangue, na carne.[...](*)	SD15	Texto 3 Veja 12/11/2008 edição 2086, p.78.
FD2	Obama lê dois jornais por dia, vive checando as notícias no seu BlackBerry e, nos últimos dias da campanha, estava lendo A História Secreta da Cia – Afeganistão e Bin Laden. Ele escreve bem. São de próprio punho suas duas precoces autobiografias.	SD16	Texto 3 Veja 12/11/2008 edição 2086, p.79-80.
FD2	A boa voz, a dicção perfeita fazem dele uma deliciosa exceção agora que os ☺ ou ☺ e os “he he he” e “naum” começam a picotar a escrita e a fala até dos profissionais que vivem da comunicação oral, como é o caso dos políticos.[...]	SD17	Texto 3 Veja 12/11/2008 edição 2086, p.80.
FD2	Obama é mais noturno do que matinal.	SD18	Texto 3 Veja 12/11/2008 edição 2086, p.80.
FD3	“Quando se examina seu conteúdo, a verdade é que as mensagens da esquerda e as da direita são as mesmas, apenas com o sinal trocado”, escreveu Obama em seu livro <i>A Audácia da Esperança</i> [...]. Nada mais 2008 do que esse discurso. Nada mais contrastante com o discurso 1968 de Hillary Clinton, ainda impregnado de incenso, feminismo, vitimização das minorias e fobia do mundo empresarial. Barack Obama superou as fronteiras raciais e as do confronto anos 70 homem-mulher.(*)	SD1	Texto 1 Veja 16/01/2008 edição 2043, p.57.
FD3	Ele é um negro que não concorre por ser negro. É um democrata que não teme ir à guerra , “que pode ao mesmo tempo ser justa e ser um inferno.” Seu impacto pode ser medido nas urnas das duas primeiras disputas e pelo entusiasmo que faz crescer seu contingente de partidários muito além das hostes do Partido Democrata.	SD2	Texto 1 Veja 16/01/2008 edição 2043, p.57-58.
FD3	Os eleitores estão fartos da politicagem e do sectarismo de George W. Bush e Clinton (ambos, Hillary e seu marido, Bill). Não suportam mais que os Estados Unidos sejam odiados no exterior e estão convencidos de que, para onde se olhe, o país não está sendo conduzido no rumo correto. (*)	SD3	Texto 1 Veja 16/01/2008 edição 2043, p.58.
FD3	Com a notória exceção da eleição de Bush, em 2004, os americanos historicamente rejeitam os extremos ideológicos , o que é bom para Obama e seu discurso conciliador ”, disse a VEJA John Zogby, diretor da empresa de pesquisas de opinião Zogby International, em Utica, no Estado de Nova York.	SD4	Texto 1 Veja 16/01/2008 edição 2043, p.59.
FD3	O candidato nega-se a usar a cor da pele como imã para atrair eleitores. Quando fala em desigualdade, ênfatisa a necessidade de incluir referências aos direitos das mulheres e dos trabalhadores. Ele recusa o papel de candidato dos negros e aquilo que chama de vitimização racial.	SD5	Texto 1 Veja 16/01/2008 edição 2043, p.59.
FD3	[...]o cientista político Shelby Steele, do Hoover Institution,[...] divide os ativistas negros em dois grupos principais. No primeiro estão aqueles que chama de “barganhadores” . Estes fizeram uma espécie de pacto com	SD6	Texto 1 Veja 16/01/2008 edição 2043, p.60.

	<p>os brancos americanos: comprometem-se a não esfregar a história de racismo do passado se os brancos não usarem a cor contra eles. É um arranjo excelente na era do politicamente correto e permite que a vida siga em termos mais amenos. [...] “Outro grupo mais tradicional, é o dos desafiadores” [...]. Todos são racistas até que se prove o contrário. Essa prova precisa ser fornecida em forma de favorecimento aos negros em todo o tipo de instituição. [...] Obama, diz Steele, está definitivamente entre os “barganhadores””.</p>		
FD3	<p>Nos discursos sempre empolgantes, promete mudança e conciliação.*</p>	SD7	<p>Texto 1 Veja 16/01/2008 edição 2043, p.60.</p>
FD3	<p>Apesar de Obama ter se oposto à invasão desde o primeiro momento e alimentar a impressão de que é um candidato pacifista, a realidade está longe disso. Mesmo numa eventual retirada, ele manteria no Iraque uma força militar poderosa o suficiente para enfrentar o terrorismo no país. Sua posição em relação ao Paquistão também não é das mais passivas. “Se tivermos dados de inteligência confiáveis sobre alvos terroristas valiosos e o presidente Musharraf não quiser agir, nós o faremos”, disse Obama.</p>	SD8	<p>Texto 1 Veja 16/01/2008 edição 2043, p.61.</p>
FD3	<p>[...] a escolha de um presidente negro, e um negro que passou parte da infância num país muçulmano, soa como uma mensagem de tolerância. Tanto que foi recebida com aplausos pela direita e pela esquerda na França. Com elogio dos verdes e dos conservadores cristãos na Alemanha.[...](*)</p>	SD9	<p>Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.97.</p>
FD3	<p>Obama jamais se apresentou como um candidato negro, sectarismo que ajudou o ativista Jesse Jackson a perder a indicação democrata em 1984 e 1988.</p>	SD10	<p>Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.99.</p>
FD3	<p>Tem algo no tom do seu discurso, na entonação sermonária, de um Luther King, mas não quer ser um líder negro. Quer ser um líder americano.</p>	SD11	<p>Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.101.</p>
FD3	<p>Estreia sóbria: Obama, em Chicago, diante de 250 000 pessoas, logo após o anúncio de sua vitória: discurso sereno e elogios aos adversários.</p>	SD12	<p>Texto 3 Veja 12/11/2008 edição 2086, p.77 (legenda foto de abertura).</p>
FD3	<p>Em 21 meses de campanha, o presidente eleito dos Estados Unidos, Barack Obama, foi testado e provocado por seus oponentes – e também adulado e protegido pela imprensa. Aos ataques e à bajulação, reagiu com dignidade. Mostrou talento incomum e ideais nobres. [...]</p>	SD13	<p>Texto 3 Veja 12/11/2008 edição 2086, p.77.</p>
FD3	<p>Obama tão múltiplo na sua origem e no seu destino, poderia receber, em tom de quase intimidade, cumprimentos de gente tão desigual quanto o presidente da Indonésia, Susilo Bambang Yudhoyono (que lembra a “especial afeição” dos indonésios pelo eleito), o presidente do Quênia, Mwai Kibaki (que decretou feriado nacional para comemorar), e o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (para quem Obama também provou que “a esperança é mais forte que o</p>	SD14	<p>Texto 3 Veja 12/11/2008 edição 2086, p.79.</p>

	medo”). De Jacarta a Brasília, de Washington a Nairóbi, todo mundo busca uma identidade com Obama.(*)		
FD3	É um debatedor que não nocauteia o oponente . Ganha por pontos, sem sangue. (...) É observador, ouve com atenção .	SD15	Texto 3 Veja 12/11/2008 edição 2086, p.80.
FD3	O eleito reconheceu que a vitória foi do povo americano: “Posso não ter conquistado o seu voto, mas eu ouço a sua voz, eu preciso da sua ajuda. Eu serei o seu presidente também ”, disse.	SD16	Texto 3 Veja 12/11/2008 edição 2086, p.80.
FD3	O ex-presidente Richard Nixon dizia que nas primárias se faz o discurso à esquerda (no caso dos democratas) ou à direita (no caso dos republicanos) para satisfazer as bases. Na campanha, faz-se discurso de centro (nos dois casos) para ganhar a eleição. Obama seguiu à risca . Nas primárias, arengava às massas com discursos de uma hora cheios de retórica triunfalista . Depois falava trinta minutos, e seu discurso foi gradualmente perdendo em floreios e ganhando uns centímetros de consistência .	SD17	Texto 3 Veja 12/11/2008 edição 2086, p.81-82.
FD4	Obama entra para História	SD1	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.93.
FD4	A escolha do primeiro negro para concorrer à presidência dos EUA por um dos dois grandes partidos quebra um tabu de séculos e manda ao mundo uma mensagem de tolerância. Em cinco meses se saberá se o país lhe dará a chave da casa branca.(*)	SD2	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.93.
FD4	Na quarta-feira passada, 4 de junho de 2008, Barack Hussein Obama, 47 anos em agosto, acordou para viver seu primeiríssimo dia como o primeiríssimo negro da história dos Estados Unidos a virar candidato à Casa Branca por um partido grande e, portanto, com chance de ser eleito presidente do país.(*)	SD3	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.94-95.
FD4	[...] Gritos, aplausos, assovios, espocar de champanhe: Obama acabava de sagra-se o primeiro negro a concorrer à Casa Branca com chance real de ser eleito . Extraordinário? Sem dúvida. Mas, diante da grandeza do feito, extraordinário é pouco .(*)	SD4	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.95.
FD4	Obama é o primeiro negro a chegar a essa posição depois de 389 anos de desembarque da leva inaugural de escravos africanos na América inglesa . É o primeiro a chegar lá quando os Estados Unidos vão celebrar no mês que vem 232 anos de vida independente – e democrática. É o primeiro decorridos 143 anos da Guerra Civil Americana, na qual 20 000 negros morreram como combatentes das forças da União.	SD5	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.95-96.
FD4	Mais: Antes de obterem a posição de proeminência política da semana passada, os negros americanos passaram 250 anos sob escravidão e outros 100 sob o regime de segregação racial , durante o qual eram proibidos de morar no mesmo bairro que os brancos, usar o mesmo banheiro público, ir à mesma escola.	SD6	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.96.
FD4	No início da década de 60, quando Ann se encantou com o jovem Barack Hussein Obama , então com 23 anos e recém-chegado do Quênia, os casamentos inter-raciais eram	SD7	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064,

	proibidos em pelo menos dezesseis estados. Em agosto de 1961, quando ela deu à luz o menino a quem chamaria pelo mesmo nome do pai queniano, a discriminação racial em empregos e lugares públicos não era apenas tolerada. Tinha amparo legal.		p.96.
FD4	No Harlem, o bairro negro de Nova York, sua escolha foi recebida com eletricidade nas ruas. Atlanta, cidade que serviu de berço ao movimento que ceifou as leis racistas nos anos 60, ficou entre empolgada e incrédula. “Poucos acreditaram, mas enfim o dia chegou” , espantou-se Christine King Farris, única irmã viva do lendário líder negro Martin Luther King, assassinado em 1968.	SD8	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.96.
FD4	A trajetória negra: Acima, King em Chicago, em 1966, e Obama em West Virgínia, em maio passado; ao lado, Jesse Jackson, ativista que tentou ser o candidato democrata à Casa Branca em 1984 e 1988, mas nunca deu certo; e o ex-pastor de Obama, Jeremiah Wright, cujos sermões incendiários abriram um rombo no casco do democrata: são imagens que vão do tempo da segregação racial ao discurso pós-racial.	SD9	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.96 (legenda fotos centrais).
FD4	“Nunca pensei que viveria para ver isso” , disse um farmacêutico aposentado, Arthur Dees, 80 anos. [...] É impressionante que um mesmo cidadão, como Arthur Dees, possa viver a trajetória que vai da proibição de um negro sentar-se à mesa de um restaurante à – quem sabe- eleição de um negro para sentar-se à mesa do salão oval da Casa Branca. E comandar o país que, apesar dos abalos atuais, é a maior potência da história.(*)	SD10	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.96-97.
FD4	Até o começo do século passado, um negro jamais se sentara à mesa de jantar da Casa Branca. Em 1901, o presidente Theodore Roosevelt convidou para a ceia o ex-escravo e então professor Booker T. Washington. Provocou uma onda de protestos de racistas indignados. Agora, o anfitrião pode vir a ser um negro – na verdade, metade branco e metade negro, mas, para os padrões americanos, inteiramente negro.	SD11	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.98.
FD4	No dia 4 de abril passado, no 40° aniversário do assassinato de Luther King , um homem inspirado cuja luta resultou na fundação da moderna democracia americana, Obama fez questão de lembrar a data. Mas deixou claro que a luta de Luther King era por justiça social e econômica – não por justiça racial. Luther King interpretava que a questão racial na sociedade americana de sua época dizia respeito a quase tudo, mas, sozinha, não queria dizer nada.	SD12	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.101.
FD4	“Se existe alguém que ainda duvide que os Estados Unidos sejam o lugar onde todas as coisas são possíveis , que ainda questione a força de nossa democracia, a resposta está aqui está noite” Barack Obama 4 de novembro de 2008.	SD13	Texto 3 Veja 12/11/2008 edição 2086, capa.
FD4	Obama, a resposta	SD14	Texto 3 Veja 12/11/2008 edição 2086, p.76-77.
FD4	Há 143 anos, ele seria propriedade de um senhor de escravos. Há 54 anos, suas filhas, Malia e Sasha, 10 e 7 anos, não poderia se matricular em uma escola frequentava por brancos. Há 47 anos, quando Obama nasceu, negros não	SD15	Texto 3 Veja 12/11/2008 edição 2086, p.77-78.

	podiam votar e nem ser votados. Daqui a dois meses, no dia 20 de janeiro, a família Obama vai se mudar para o centro de Washington, onde passará a morar na Avenida Pensilvânia, número 1600 – o endereço da Casa Branca.		
FD4	A eleição de Obama, que ganhou com 53% dos votos populares, contra 46% do seu adversário, John McCain, é excepcional pela energia que deflagrou, pelo entusiasmo que despertou [...]. E, claro pela cor, pela cor de sua pele, a de uma minoria negra em um país governado por brancos, que nunca se sentiu confortável com a presença dos descendentes de escravos trazidos à força para o trabalho braçal da lavoura no sul do país.	SD16	Texto 3 Veja 12/11/2008 edição 2086, p.78.
FD5	Obama já ganhou uma parada duríssima. Com 57 primárias em cinco meses, a campanha consistiu em um desfile de recordes: foi a mais longa, a mais cara, a mais disputada e a mais participativa. Quase 40 milhões de americanos democratas votaram.	SD 1	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.98.
FD5	Há um ano, derrotar Hillary não era mais que uma quimera. Com inteligência afiada, ambição desmedida e mentirosa compulsiva, Hillary tem experiência e jogo de cintura. Senadora há oito anos, foi primeira-dama por outros oito. Junto com o marido, Bill, ela (ou era) dona da máquina de captar dinheiro mais invejada de Washington e tem (ou tinha) ascendência no Partido Democrata, atulhado de Clintonistas.(*)	SD2	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.98.
FD5	A primeira jornada foi vencer os Clinton, e a segunda não será vencer McCain, mas tentar superar a barreira da raça.[...] Durante as eleições primárias, em levantamentos que indagaram aos eleitores se raça era um dado a ser ponderado na hora de votar, as respostas afirmativas nunca passavam de 30%. O dado é um bálsamo para os obamistas. Mas é preciso considerar que as pesquisas sobre questões raciais são como pesquisas sobre sexo – muitos mentem. Na hora do voto, na solidão da cabine eleitoral, os preconceitos raciais podem aflorar.	SD 3	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.98-99.
FD5	Obama até agora tem sido exemplarmente vitorioso. Ganhou a indicação democrata, mas ganhar as eleições é outra coisa. Nas pesquisas mais recentes, está à frente de McCain, mas nunca mais do que 6 pontos. O eleitorado americano é mais branco e mais conservadores do que o eleitorado democrata. Por enquanto, Obama só tem a comemorar.	SD4	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.101.
FD5	Sua vitória, se agora parece natural, foi um exercício de tenacidade. Há 21 meses, Obama começou sem dinheiro e sem apoio expressivo, e sua missão era derrotar as duas máquinas mais poderosas e eficientes da política americana – a dos Clinton, celebrizada no Partido Democrata por sua influência partidária e sua habilidade para levantar dinheiro, e a da direita mais conservadora do Partido Republicano, invejada pela sua descomunal capacidade de vencer.	SD5	Texto 3 Veja 12/11/2008 edição 2086, p.81.
FD5	No início, ninguém acreditava em Obama. Nem o eleitorado negro. No início do ano passado, uma pesquisa do jornal <i>The Washington Post</i> e da rede de televisão ABC mostrou que Hillary Clinton, a ex-primeira-dama que disputou a indicação presidencial democrata, tinha nada menos que 40 pontos percentuais de vantagem sobre Obama no eleitorado negro.	SD6	Texto 3 Veja 12/11/2008 edição 2086, p.81.

FD5	Nem ele fazia ideia da dureza de uma disputa presidencial . [...] Obama aprendeu rápido e venceu as duas máquinas a bordo de superlativos . Sua campanha bateu o recorde em arrecadação – mais de 700 milhões de dólares –, mobilizou como raramente se viu a juventude americana e fez um uso efficientíssimo da internet.	SD7	Texto 3 Veja 12/11/2008 edição 2086, p.81.
FD5	Em quase dois anos de campanha, Obama mostrou-se um candidato disciplinado .	SD8	Texto 3 Veja 12/11/2008 edição 2086, p.81.
FD5	Mesmo assim, com competência, disciplina e sorte, Obama não deu uma lavada. Venceu bem, não mais que isso . E não foi porque é negro. A fatia do eleitorado branco que votou em Obama é do mesmo tamanho da que votou em outros democratas antes.	SD9	Texto 3 Veja 12/11/2008 edição 2086, p.82.
FD5	Terá pela frente um desafio hercúleo : um país com duas guerras, uma grave crise financeira e uma reputação internacional em frangalhos. [...] Obama não perdeu tempo. Nos dias subsequentes à vitória, já começou a formar sua equipe [...] o deputado Rahm Emanuel, 48 anos, já nomeado chefe de gabinete, cujo estilo agressivo foi definido certa vez por Paul Begala, estrategista democrata, como uma “mistura de hemorroida com dor de dente”. É um indício de que Obama pretende pegar pesado .	SD10	Texto 3 Veja 12/11/2008 edição 2086, p.82.
FD6	Obama e o que ele significa exigem alguma metáfora para ser explicados . [...] A cada quatro anos, os democratas tentam transformar alguém em um novo Kennedy. Bill Clinton foi um deles. Talvez o fato mais notável nessas comparações esteja em outra dimensão, o tempo. Obama tinha 2 anos quando Kennedy foi assassinado , em 1963 [...]. Isso faz dele o primeiro candidato presidencial cuja trajetória não foi diretamente ordenada pela morte do presidente .	SD1	Texto 1 Veja 16/01/2008 edição 2043, p.58.
FD6	Talvez, melhor que buscar as semelhanças entre os dois, seja recordar as palavras do discurso em que Kennedy aceitou a nomeação como candidato do Partido Democrata à Presidência dos Estados Unidos, em 15 de julho de 1960. Nele, o candidato observava que a qualidade da alternância não está em identificar apenas um presidente capaz de seguir os passos do seu antecessor . Muitas vezes, a virtude está exatamente na abertura da possibilidade de vir alguém e fazer tudo diferente . Disse Kennedy: “Depois de oito anos de ininterrupta sonolência, a nação precisa de uma liderança democrata forte e criativa na Casa Branca”. Depois de oito anos de Bush, de quem os Estados Unidos precisam?	SD2	Texto 1 Veja 16/01/2008 edição 2043, p.58.
FD6	Barack Obama rejeita comparações com o presidente dos anos 60. Seu argumento é que é hora de ambos os partidos esquecerem os anos 60 e reconhecerem que um novo século exige um tipo diferente de debate .	SD3	Texto 1 Veja 16/01/2008 edição 2043, p.59.
FD6	O fato de ter saído muito bem nas primárias de Iowa e New Hampshire, estados com 2% de eleitores negros, mostra que, também nesse aspecto, os Estados Unidos são um país que John Kennedy não reconheceria .	SD4	Texto 1 Veja 16/01/2008 edição 2043, p.59.
FD6	Projetado nacionalmente, tem sido comparado com John Kennedy por seu talento retórico e seu carisma poderoso , além de estar muito ligado à família.	SD5	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064,

			p.100.
FD6	Nos Estados Unidos, a política parece estar sempre à procura de suprir o vácuo deixado por Joh Kennedy , assassinado em 1963 aos 46 anos. [...] O senador Barack Hussein Obama tinha só 2 anos quando uma bala estourou a cabeça de JFK em Dallas. Hoje, ele embarca celeremente em toda a canoa capaz de associá-lo à mística dos Kennedy . Primeiro, aproveitou o embalo das comparações com o presidente assassinado – pela semelhança de ambos na retórica, no carisma e na juventude . Depois faturou alto em janeiro passado ao receber o apoio do senador Ted Kennedy , submetido dias atrás a uma cirurgia para duelar com um recém-descoberto câncer no cérebro. [...]	SD6	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.100.(Quadro sobre os Kennedy)
FD6	Em campanha, Obama comporta-se como se carregasse o estandarte político dos Kennedy . Já se disse também que a energia de sua campanha, com a enorme mobilização que provocou entre jovens, evoca o clima de eleição de JFK em 1960 . Obama lembra sempre que nasceu em 1961, quando Kennedy cumpria o seu primeiro ano na Casa Branca, insinuando muito de leve que a identidade de datas esconderia algum significado superior à mera coincidência cronológica .	SD7	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.100.(Quadro sobre os Kennedy)
FD6	Desde que recebeu o apoio de Ted Kennedy, Obama se empenha em capturar a imagem de herdeiro político da família – o que certamente dá voto.	SD8	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.100. (Quadro sobre os Kennedy)
FD6	Como estandarte – Obama recebendo o apoio dos Kennedy em janeiro passado. O candidato apresenta-se como herdeiro político da família .	SD 9	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.101.(legenda da foto)
FD7	Ele é um cidadão globalizado : filho de um africano, neto de mulçumanos, passou parte da infância na Indonésia, foi criado pela família de sua mãe, brancos do Meio-Oeste (isso significa, no folclore local, ser americano da gema). Tem uma irmã meio indonésia, parentes com ascendência chinesa e, por parte do pai, uma enorme parentela vivendo na África. Só se pode imaginar o impacto positivo que um presidente com tal currículo teria sobre a imagem internacional dos Estados Unidos .	SD 1	Texto 1 Veja 16/01/2008 edição 2043, p.60.
FD7	Sua trajetória extraordinária é simultaneamente dividendo e prejuízo perante os americanos. Fascina a uns, assusta a outros . Obama morou na Indonésia por três anos durante a infância, o que lhe deu contato com a diversidade, mas também serviu de plataforma de lançamento para os boatos de que é mulçumano. É tratado como negro, mas é muito mais caudatário de sua mãe branca e de seus avós brancos do que de seu pai negro, a quem encontrou poucas vezes. Isso tudo lhe dá uma experiência multirracial única, mas também leva parte da militância negra a achar que Obama não é um preto autêntico . Nem sequer partilha do passado comum da escravidão. [...] Tudo isso dá um frescor de novidade, mas também um arrepio de estranhamento .	SD2	Texto2 Veja 16/01/2008 edição 2064, p.100.
FD7	Na galeria dos presidentes americanos, há dois Adams, dois	SD3	Texto 3 Veja

	Franklins, três Georges, quatro Willians, cinco James e dezenas de outros sobrenomes anglo-saxões de quatro costados, como Jackson ou Grant. Com a eleição da última semana, a lista passará a incluir um exotismo inimaginável até há pouco: um sujeito com um nome africano (Barack), um sobrenome árabe (Hussein) e outro bastante popular em uma tribo queniana (Obama) .		12/11/2008 edição 2086, p.77.
FD7	A vitória de Obama também é excepcional pelo que ele é – pelo que carrega na memória, no sangue, na carne . Obama descende da África, nasceu na América, morou na Ásia. Seu pai, que estudou economia nos EUA, era um negro da tribo dos luos, do Quênia, ferrenhos rivais dos quicuios. Sua mãe, antropóloga fascinada pelos camponeses da Ilha de Java, era uma branca do interior do Kansas. Sua meia-irmã, Maya Soetoro-Ng, nasceu em Jacarta, na Indonésia, casou-se com um chinês nascido no Canadá e mora no Havaí. Obama é fruto desse caldeirão multicultural. (*)	SD4	Texto 3 Veja 12/11/2008 edição 2086, p.78.
FD7	Ele recita de memória, sem sotaques, as primeiras linhas do <i>Corão</i> dos muçulmanos. Acha a prece dos islâmicos um dos sons mais belos que se podem ouvir ao cair da tarde. Nasceu em Honolulu. Morou em Jacarta. Estudou em Harvard. É um “Ph.D. em diversidade”, como diz o professor Hélio Santos no artigo da página 88.	SD5	Texto 3 Veja 12/11/2008 edição 2086, p.78.
FD8	[...] a escolha de um negro, e um negro que passou parte da infância num país islâmico , soa como uma mensagem de tolerância. Tanto que foi recebida com aplausos pela direita e pela esquerda na França. Com elogios dos verdes e dos conservadores cristãos na Alemanha. Sem nenhuma surpresa, no entanto, foi recebida com apreensão no conflagrado Oriente Médio e com festa descontraída em Nyangoma Kogelo, o miserável vilarejo do Quênia, onde mora Mama Sarah, a madrasta do pai de Obama. (*)	SD1	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.97.
FD8	Sua candidatura, antes da vitória, já produzira interesse pelos recantos do planeta . “Quando estives nas montanhas do Equador, encontrei uma índia analfabeta que torcia por Obama ”, disse a Veja o cientista político Rodolfo de La Garza, da Universidade de Colúmbia. “Fiquei perplexo. Ela estava informada e se vinculou a ele pela cor da pele”.	SD2	Texto 2 Veja 11/06/2008 edição 2064, p.97-98.
FD8	A eleição de Obama, que ganhou 53% dos votos populares, contra 46% de seu adversário, John McCain, é excepcional pela energia que deflagrou, pelo entusiasmo que despertou nos Estados Unidos , de Nova York a Los Angeles, de Chicago a Miami, pela vibração no mundo todo .	SD3	Texto 3 Veja 12/11/2008 edição 2086, p.78.
FD8	Obama, tão múltiplo na sua origem e no seu destino , poderia receber, em tom de quase intimidade, cumprimentos de gente tão desigual quanto o presidente da Indonésia, Susilo Bambang Yudhoyono (que lembra a “especial afeição” dos indonésios pelo eleito), o presidente do Quênia, Mwai Kibaki (que decretou feriado nacional para comemorar), e o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (para quem Obama também provou que “a esperança é mais forte que o medo”). De Jacarta a Brasília, de Washington a Nairóbi, todo mundo busca uma identidade com Obama .	SD4	Texto 3 Veja 12/11/2008 edição 2086, p.79.
FD9	Muito se disse sobre a semelhança entre a ascensão de Lula, o primeiro presidente de origem humilde do Brasil, e a de Obama , primeiro negro eleito presidente dos Estados	SD1	Texto 3 Veja 12/11/2008 edição 2086,

	Unidos. As diferenças são intransponíveis.		p.79.
FD9	A comparação só seria possível se Lula tivesse nascido na Ilha de Marajó, filho de um angolano com uma sexóloga de Cuiabá, tivesse morado em Bangcoc, na Tailândia, e fosse formado em direito na Universidade de São Paulo (USP). Lula, com sua origem pobre, pertence à maioria étnica brasileira. Obama, como negro, é da minoria nos Estados Unidos. O eleitorado negro americano, mesmo com maciço comparecimento às urnas agora, subiu para apenas 13% do total.	SD2	Texto 3 Veja 12/11/2008 edição 2086, p.79.
FD9	Lula venceu a eleição presidencial na quarta tentativa. Obama, na primeira. Lula, ao ser eleito, era o político mais conhecido do Brasil , e conhecia o Brasil de norte a sul. Obama, não. [...] Obama nunca andara pelos recantos dos Estados Unidos, em cuja parte continental pôs os pés pela primeira vez quando tinha 11 anos.	SD3	Texto 3 Veja 12/11/2008 edição 2086, p.79.
<p>Legenda: (*) Se refere às Sequências Discursivas que estão presentes em mais de uma Formação Discursiva. FD1 – Inovação e esperança frente à política tradicional: 33 SDs FD2 – A estrela: 18 SDs FD3 – O conciliador: 17 SDs FD4- A resposta das lutas do movimento dos direitos civis: 16 SDs FD5 – Vencedor de obstáculos: 10 SDs FD6 – O novo Kennedy? : 09 SDs FD7 – Ph.D em diversidade: 05 SDs FD8 – O candidato do mundo: 04 SDs FD9 – Obama não é Lula: 03 SDs</p>			

APÊNDICE B - Descrição das Formações Discursivas identificadas nos textos da revista Época			
Formação Discursiva (FD)	Sequência Discursiva (SD)	Número da SD	Texto
FD1	Sim, ele pode.	SD1	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.77.
FD1	Como Barack Obama se tornou o primeiro negro com chances reais de ser o presidente dos EUA. (*)	SD2	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.77.
FD1	Se conseguir a indicação democrata, Obama terá um adversário duro em John McCain, já considerado o vencedor da disputa pela candidatura do Partido Republicano. Mas Obama já é o maior vencedor destas eleições. Muito mais que um candidato, a sucessão de George w. Bush viu nascer não só um dos mais bem-sucedidos políticos negros dos EUA, mas também um novo líder nacional. (*)	SD3	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.77.
FD1	Mas quem é Obama , que se apresenta exatamente como esse novo tipo de político? Branco ou negro? Americano ou estrangeiro? Mulçumano, ateu ou cristão? O próprio Obama tem se esforçado para responder a essas questões ao longo da vida.	SD4	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.77-78.
FD1	A diversidade que ele próprio encarna , por trazê-la em seu destino, pode ser seu grande trunfo numa eleição presidencial. Ou seu grande problema. É claro que a possibilidade de ter um candidato negro entusiasma grande parte dos militantes do Partido Democrata – assim como assusta parcela considerável do eleitorado americano.	SD5	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.78.
FD1	O senador parece sempre ser o candidato “dos outros” . Para parte dos negros, ele não é negro. Afinal, filho de um imigrante africano, não é descendente de quem sofreu a escravidão ou os anos de segregação racial no país. Para os brancos , sua pele, herdada do pai, um queniano que viveu poucos anos nos EUA como estudante basta para que ele seja considerado negro. Para uma parcela da comunidade judaica , que lançou campanha contra ele pela internet, Barack Hussein Obama (seu nome completo) é um árabe. Para parte dos árabes , ele é filho de um muçulmano que se converteu ao cristianismo traíndo a religião do pai.	SD6	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.78.
FD1	Quem é, afinal, Barack Obama? Parte do jogo dele na política se baseia em convencer as pessoas de que ele não é o que elas pensam.	SD7	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.78.
FD1	Quando chegou ao senado estadual de Illinois, em 1997, seu primeiro cargo eletivo, Obama foi recebido friamente. Imaginou que os representantes dos fazendeiros do sul do Estado e o establishment político de Chicago o viam como uma espécie de bicho-grilo superescolarizado ligado a causas ambientais. A final, ele devia seus votos à comunidade negra pobre do sul de Chicago, onde trabalhava na defesa de direitos civis desde os anos 80. Para quebrar o gelo, Obama combinou com Terry Link, outro senador estreante, organizar um jogo de pôquer regular. (...) “Quando ficou claro que eu podia sentar e tomar uma cerveja, assistir a um jogo, jogar golfe ou pôquer, eu provavelmente confundi algumas de suas expectativas” , comentou Obama numa entrevista no ano passado.	SD8	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.78-79.
FD1	Famílias – Quando menino, Obama viveu quatro anos na	SD9	Texto 1. Época

	Indonésia com a sua mãe e seu padastro (ao lado). O pai queniano (foto central) foi uma figura distante com cuja memória Obama teve de se reconciliar.		18/02/2008 Nº 509, p.78(legenda).
FD1	DOIS MUNDOS – O adolescente Obama viveu um período difícil em que tentava resolver sua crise de identidade entre um garoto americano de classe média vivendo com seus avós brancos e um descendente de africanos.	SD10	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.78 (legenda)
FD1	Em busca da identidade	SD11	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.78 (título de uma cronologia da história de Obama)
FD1	NEGRITUDE – O casamento com Michelle Robinson (ao lado) e o trabalho na comunidade pobre do sul de Chicago (abaixo), para onde migraram os negros do sul dos EUA, deram a Obama a identidade que ele sempre buscou.	SD12	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.79 (legenda da foto de casamento)
FD1	O senador é, como ele próprio diz, um especialista em confundir expectativas. Tem uma carreira baseada num comportamento coerente mantido há décadas. Convenceu boa parte dos eleitores de que tem cartas muito boas nas mãos. E não parece estar blefando em sua luta para se tornar o primeiro presidente negro dos Estados Unidos.	SD13	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.79.
FD1	Por enquanto, sua briga é com Hillary Clinton , a senadora por Nova York e mulher do ex-presidente Bill Clinton que parecia imbatível no início da campanha.	SD14	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.79.
FD1	A inocência que vê na história de seu avô e de seu pai. Uma inocência que, segundo ele, não é o oposto da culpa, mas o oposto da sabedoria. “Os homens da minha vida não foram estáveis e bem-sucedidos. Eles cometeram um monte de erros” , disse Obama à revista <i>Vanity Fair</i> . Erros que o senador atribui hoje a essa inocência contrária à sabedoria.	SD15	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.79.
FD1	Seu avô materno, Stanley Dunham, deixou o Estado do Kansas, onde nasceu, por achar que o lugar não oferecia horizontes suficientes. Viajou cada vez mais para o oeste até acabar no Havaí, frustrado com uma vida de vendedor de móveis e apólices de seguro que poderia ter tido no Kansas. Barack Obama Sr., o pai de do senador, deixou sua tribo no Quênia por acreditar que a modernização da África implicava um abandono das tradições locais. Foi para os EUA estudar e voltou a seu país para participar do governo. Morreu nos anos de 1980 num acidente de carro, frustrado com a política queniana, longe de sua família de origem e dos oito filhos que teve com quatro mulheres abandonadas sucessivamente.	SD16	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.79.
FD1	O casal se divorciou quando Obama tinha 2 anos e o senador só viu o pai mais uma vez, aos 10 anos. Ann casou-se com um indonésio e Obama viveu com o casal por quatro anos no maior país muçulmano do mundo. Depois, voltou para os EUA e cresceu com os avós maternos em Honolulu [...] É a convivência com o padrasto indonésio, Lolo Soetoro, que está sendo usada na campanha como principal influência muçulmana sobre Obama. O senador acha graça. [...] Longe de ser um radical muçulmano, Soetoro adorava jogar tênis no Country Club de Jacarta, ouvir música americana e beber Johnny Walker Black.	SD17	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.79-80.

FD1	Em seu primeiro livro, Dreams from my father (sonhos vindos de Meu pai), Obama trata dos anos difíceis que teve na adolescência e no começo da vida adulta para resolver seus problemas de identidade.	SD18	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.80.
FD1	Dividido entre se um negro que não compartilhava a cultura e a herança dos demais negros americanos e um garoto de classe média branca, o Obama descrito no livro é um adolescente revoltado e raivoso, que se entrega a uma vida de festas e de drogas. Tudo muito diferente da imagem tranquila que transmite hoje.	SD19	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.80.
FD1	Comentaristas políticos dos EUA chegaram a dizer que ele parece um ator interpretando um político em campanha: ninguém conseguiria ser tão natural, se mover de maneira tão suave e confiante, falar com tanta calma no tom apropriado a não ser que estivesse atuando.	SD20	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.80.
FD1	Foi no início da juventude que Obama empreendeu a viagem contrária a de seu avô. E acabou encontrando, ou fabricando, uma identidade, já que seu avô, seu pai e sua mãe fugiram daquelas que poderia ter herdado.	SD21	Texto1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.80.
FD1	Obama deixou o Havá e foi para Costa Oeste dos EUA. Começou a faculdade na Califórnia e depois mudou-se para Nova York, onde se formou em política. Nos dois anos que passou em Nova York estudando, Obama percebeu que queria deixar a sua marca no mundo. Não era ainda, ao menos não claramente, uma ambição política. Mas ele não queria passar a vida meio sem rumo. A morte de seu pai em um acidente de carro lhe deu, diz, “um sentido de urgência na vida”.	SD22	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.80.
FD1	Militantes negros vêm acusando Obama de estar virando branco ao longo da campanha pela candidatura democrata. Na verdade, é quase o contrário. Barack Obama virou negro quando decidiu se mudar para Chicago. [...] Em Chicago, Obama começou a frequentar e a trabalhar com a comunidade negra pobre do lado Sul da cidade. Lá, na firma de advocacia de Minow, conheceu sua mulher, Michelle Robinson. Graças a ela, de uma família negra profundamente religiosa, Obama abandonou o agnosticismo de sua família e se converteu ao cristianismo partilhado pela maioria dos negros americanos. Aos poucos, adotou como suas as memórias dos negros do Sul de Chicago. Ao cabo de alguns anos, passou a se considerar, e parecer, um negro típico da cidade.	SD23	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.80-81.
FD1	ALIANÇA – Obama com a mulher, Michelle, durante a campanha. Foi com ela que o senador encontrou raízes.	SD24	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.81 (legenda de foto com Michelle e Obama)
FD1	Obama não acredita na inocência que levou seus pais e seu avô a viajar para o Oeste ou para o Oriente. Não se pode apenas se livrar das raízes e da história e inventar uma vida pra si próprio, disse o senador em várias ocasiões.	SD25	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.81.

FD1	Inspiração é a palavra que vem à mente mais facilmente quando se fala de Obama. Mas parte dos democratas acredita que Obama só tem isso pra oferecer , e não será suficiente para enfrentar “a máquina de ataque republicana”. É assim que os partidários de Hillary Clinton chama o que vai acontecer uma vez escolhidos definitivamente os candidatos e iniciada a campanha para presidente propriamente dita. Para eles, Obama será aniquilado.	SD26	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.81.
FD1	Para chegar à disputa presidencial, Obama bateu ninguém menos que Hillary Clinton, um mito entre as feministas americanas, mulher do poderoso ex-presidente Bill Clinton e senadora pelo Estado de Nova York. Ter vencido Hillary é um feito e tanto para um mulato, filho de um pai africano ausente, criado pela família da mãe – gente branca e dura, de classe média baixa – em lugares exóticos como Indonésia e Havaí. Para chegar aonde chegou , numa sociedade competitiva como a americana, enfrentando duas campanhas das mais agressivas – contra Hillary, nas primárias do Partido Democrata, e agora contra o candidato republicano, John McCain-, Obama só poderia ser alguém excepcional.	SD27	Texto 2. Época 03/11/2008 Nº 546, p.86.
FD1	Sim, ele pode	SD28	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.103.
FD1	Uma família americana	SD29	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.103. (legenda da foto)
FD1	Entre o primeiro discurso de campanha, quando a maioria dos analistas imaginava que só pretendia ser convidado para vice da chapa de Hillary Clinton , e o pronunciamento vigoroso em Chicago, seu berço político, onde 130 mil pessoas foram celebrar a vitória espetacular , na terça-feira à noite, Obama percorreu o país pregando a necessidade de mudanças profundas – na economia, na distribuição de renda, na proteção social e em especial na saúde pública.	SD30	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.107-108.
FD2	Como Barack Obama se tornou o primeiro negro com chances reais de ser o presidente dos EUA. (*)	SD 1	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.77.
FD2	Uma história de pioneiros: políticos negros ainda são muito poucos nos EUA e seus sucessos começaram tarde. Nunca houve um candidato negro à Presidência do país.	SD2	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.80-81 (título de quadro com foto dos pioneiros).
FD2	O que o primeiro negro a um passo da Casa Branca representa para a economia global, para o futuro do planeta – e para a sua vida.	SD3	Texto 2. Época 03/11/2008 Nº 546, capa.
FD2	A história quer Obama	SD4	Texto 2. Época 03/11/2008 Nº 546, p.85.
FD2	O candidato do Partido Democrata é o favorito nas eleições mais importantes dos últimos cem anos.	SD5	Texto 2. Época 03/11/2008 Nº 546, p.85.
FD2	De tempos em tempos, a cada par de gerações, uma eleição americana catalisa as atenções planetárias e transforma cada um de nós em apaixonados eleitores a distância. Foi assim	SD6	Texto 2. Época 03/11/2008 Nº 546, p.85.

	com Richard Nixon <i>versus</i> John Kennedy, no auge da guerra Fria. O jovem Kennedy falava duro com os comunistas e, ao mesmo tempo, acenava com planos sociais grandiosos. Venceu apertado em 1960. Foi assim com Ronald Reagan contra Jimmy Carter, em 1980. Reagan representava uma revolução conservadora. Carter, um idealista preocupado com direitos humanos, se agarra às melhores intenções (e aos piores resultados) do Partido Democrata. Reagan venceu com uma avalanche de votos e promoveu uma profunda mudança no país. Agora, quase 30 anos depois do início da era Reagan, os americanos se preparam para uma escolha presidencial que pode entrar para a história como a mais importante dos últimos cem anos.		
FD2	A eleição marcada para a próxima terça-feira, dia 4 de novembro, já se converteu em um marco antes mesmo de seu resultado vir a público. Ela ocorre em circunstâncias tão graves – a maior crise econômica desde 1929, com traços horrivelmente semelhantes aos da Grande Depressão – que faz lembrar a eleição em que Franklin Delano Roosevelt bateu o republicano Herbert Hoover, em 1932. A primeira das três vitórias consecutivas de Roosevelt influenciaria o capitalismo e a sociedade americana pelos 50 anos seguintes. Marcaria aquele que Henry Luce, o criador da revista Time, chamaria de o século americano – o século XX.	SD7	Texto 2. Época 03/11/2008 Nº 546, p.85.
FD2	O personagem central da eleição atual é Barack Hussein Obama, de 47 anos, o primeiro negro com chance de se tornar presidente num país que até 1963 praticava a discriminação legal. Sua ascensão é um exemplo espetacular da capacidade de auto-regeneração americana. Ela constitui uma revolução política e social , maior do que foi, em sua época, a vitória do católico Kennedy, presidente aos 43 anos. (*)	SD8	Texto 2. Época 03/11/2008 Nº 546, p.85.
FD2	A essa altura, parece seguro especular que não só a disputa entre Obama e McCain será histórica, como suas consequências poderão ser notáveis.	SD9	Texto 2. Época 03/11/2008 Nº 546, p.86.
FD2	Se as pesquisas tiveram razão, a primeira grande eleição americana do século XXI será vencida por Obama , o senador de Illinois. Ele lidera as sondagens de opinião por uma margem discreta – de 5% a 7% das intenções de voto. Se confirmada, tal margem deverá lhe conferir uma vitória esmagadora nas urnas (superior aos 53% de votos obtidos por Reagan) e uma votação histórica no colégio eleitoral , onde ele necessita de 270 delegados – e parece já ter mais de 300.	SD10	Texto 2. Época 03/11/2008 Nº 546, p.87-88.
FD2	A era Obama	SD11	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, capa.
FD2	A vitória histórica , os sonhos de uma nação, a esperança global – e o cenário crítico que desafia o futuro presidente dos Estados Unidos. (*)	SD12	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, capa.
FD2	Barack Obama triunfou de forma espetacular nas urnas, fez História e agora tem pela frente o maior desafio de um presidente americano em 80 anos. (*)	SD13	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.103.
FD2	SONHO AMERICANO: protegido por um vidro, Obama fala à multidão em Chicago, na hora da vitória: “Quem duvida de que aqui tudo é possível”?	SD14	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.105 (legenda da foto)

FD2	Em abril de 1968, ocorreu uma grande manifestação de protesto em Washington, a capital americana. Inconformados com o assassinato de Martin Luther King Jr., milhares de jovens negros que viviam nos bairros pobres invadiram a região central , queimaram lojas, destruíram vidraças e, num ambiente de violência, medo e descontrole, enfrentaram a polícia, perseguiram e agrediram cidadãos comuns. Doze pessoas morreram, mil ficaram feridas, 6 mil foram presas. [...] Quarenta anos depois, na noite de terça-feira passada, milhares de jovens – negros, brancos, hispânicos – ocuparam as ruas da capital dos Estados Unidos. [...] Ninguém foi preso, ninguém foi ferido. Foi uma noite tão alegre, ordeira e pacífica que não se ouviu um barulho de vidro quebrado. [...] Não era um protesto, era uma celebração, que se repetiu pelas principais cidades americanas na semana passada.	SD15	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.107.
FD2	Na noite de terça-feira, o senador Barack Hussein Obama, que tinha 7 anos de idade quando Martin Luther King Jr. foi assassinado , recebeu 52% dos votos e tornou-se o primeiro presidente negro da história dos Estados Unidos. Conseguiu 43% dos votos dos eleitores brancos – porcentagem idêntica ao melhor desempenho do ex-presidente Bill Clinton nessa faixa específica do eleitorado e ligeiramente superior à de todos os demais candidatos do Partido Democrata, fora Jimmy Carter.	SD16	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.107.
FD2	Obama ainda conquistou eleitores em Estados que sempre foram fortalezas republicanas , como a Virgínia, sede da República Confederada, aquela aliança de oligarcas escravistas que fez uma guerra civil para defender o cativo, no século XIX..	SD 17	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.107.
FD2	A vitória de terça-feira marcou um ponto sem retorno na evolução das relações sociais - num evento mais profundo e duradouro que o convívio entre brancos e negros.	SD18	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.107.
FD2	Triunfo histórico - Em sentido horário: um casal se beija em Nova York; eleitores negros comemoram em Chicago; Oprah e Jesse Jackson festejam; soldados no Afeganistão acompanham o resultado das eleições; simpatizantes de Obama fazem festa multirracial em Las Vegas. A celebração se estendeu por todo país – e pelo mundo.	SD19	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.109(legenda das fotos).
FD2	Filho de um estudante queniano que teve um casamento curto com uma professora branca enquanto morava nos estados Unidos, Barack Obama é protagonista de um avanço histórico que provoca admiração no mundo inteiro.	SD20	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.112.
FD2	Há quase quatro décadas, negros ainda eram linchados nos Estados Unidos. Organizações criminosas, como a Ku Klux Klan, que se dedicavam a assassinar pessoas de pele escura, eram toleradas pelas autoridades e até contavam com estímulo de lideranças consideradas respeitáveis em suas comunidades. Durante décadas, os negros também eram obrigados a sentar-se em lugares predeterminados nos ônibus e não podiam frequentar os mesmos restaurantes que os americanos de pele branca.	SD21	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.112.
FD2	O general Colin Powell, que no fim da carreira seria secretário de Estado de George W. Bush, relata um episódio ilustrativo em sua juventude. Recém-formado na academia militar, foi designado para assumir um posto numa cidade distante. Atravessou os Estados Unidos de automóvel, em companhia da	SD22	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.112.

	mulher. Durante a viagem, o casal tinha que fazer suas necessidades no mato – pois não era autorizado a frequentar os banheiros disponíveis os postos de serviços.		
FD2	Quando o primeiro estudante negro conseguiu entrar numa faculdade no Estado do Mississippi , precisou chamar oficiais do FBI, a polícia federal americana, para garantir o direito de assistir às aulas – os colegas não permitiam que ele entrasse na classe.	SD23	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.112.
FD3	E ele não acredita que seja um sonhador em política. Seu lema de campanha, “Sim, nós podemos”, é otimista, não ingênuo, acredita. Alude à possibilidade de fazer política de um jeito diferente, mas não utópico. E rebate as críticas de Hillary de que seria um simples visionário, enquanto ela é uma executiva que saberia como tornar realidade as esperanças.	SD1	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.81.
FD3	“Eu sei que não passei muito tempo aprendendo como as coisas funcionam em Washington, mas o que eu aprendi nesses poucos anos é que o jeito como as coisas são feitas em Washington tem de mudar ”, disse Obama ao anunciar que ia se candidatar à Presidência.	SD2	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.81.
FD3	“o que se discute nesse momento é o tamanho do mandato de Obama”, afirma Samuel Wells, pesquisador do Wilson Center, de Washington. “Quanto maior for a sua margem de vitória, maior será sua legitimidade e maior sua capacidade de implementar mudanças”.	SD3	Texto 2. Época 03/11/2008 Nº 546, p.88.
FD3	Dias atrás, durante uma palestra na Fundação Armando Álvares Penteado, em São Paulo, o historiador britânico Paul Kennedy, professor da Universidade de Yale [...] mencionou o soft power. OS Estados Unidos, disse Kennedy continuam a maior potência do mundo – terrivelmente influentes no universo das ideias e da tecnologia -, mas dependem, cada vez mais de outros países para manter a ordem global. [...] Abriu-se um período de transição que requer inteligência, cultura e cuidados redobrados. “Obama parece mais interessado e mais preparado para cooperar”, diz Kennedy. “Como Roosevelt, ele não ignora o mundo e nem quer dizer ao mundo o que fazer”.	SD4	Texto 2. Época 03/11/2008 Nº 546, p.89.
FD3	Além de manifestar a natural esperança humana com o novo e o cansaço com oito anos de Bush, a festa em torno de Obama parece ter apoio na realidade. Ao longo de 22 meses de campanha, ele demonstrou ter qualidades essenciais a um bom presidente: serenidade, capacidade de tomar decisões e instintos corretos. A escolha do vice é um exemplo. Enquanto McCain agarrou-se a um par de pernas bonitas – a inexperiente e irrelevante Sarah Palin, governadora do Alasca -, Obama judiciosamente escolheu o veterano senador Joe Biden, capaz não só de contribuir para o governo, como de assumi-lo em caso de necessidade.	SD5	Texto 2. Época 03/11/2008 Nº 546, p.90.
FD3	Isso significa que Obama faria uma grande presidência? Não necessariamente. “Ele pode ter pela frente um par de anos terríveis, que prejudicariam sua reeleição”, afirma José Alfredo Graça Lima, experiente diplomata brasileiro a cargo do consulado de Nova York. Não é difícil imaginar anos assim. A crise econômica já fez o PIB americano encolher 0,3% no último trimestre. Trata-se, oficialmente, de uma recessão. Ela vai durar pelo menos um ano inteiro, consumirá verbas preciosas – o déficit americano já está em U\$S 1 trilhão por ano – e exigirá atenção e muita energia. Pode destruir uma	SD6	Texto 2. Época 03/11/2008 Nº 546, p.90.

	carreira política ou construir um mito.		
FD3	Obama prometeu sair do Iraque “o mais rápido possível” para concentrar esforços no combate aos talebans afegãos. A implementação dessa decisão pode tornar-se difícil. Kennedy, a quem Obama frequentemente é comparado, foi morto, em 1963, sem conseguir controlar o Pentágono (que tocava a Guerra do Vietnã por conta própria) e os serviços secretos do país (que combatiam Fidel Castro numa guerra de sombras. Não há por que imaginar que Obama terá vida mais fácil com esses famosos poderes paralelos.	SD7	Texto 2. Época 03/11/2008 Nº 546, p.90.
FD3	A vitória histórica, os sonhos de uma nação, a esperança global – e o cenário crítico que desafia o futuro presidente dos Estados Unidos. (*)	SD8	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, capa.
FD3	Barack Obama triunfou de forma espetacular nas urnas, fez História e agora tem pela frente o maior desafio de um presidente americano em 80 anos. (*)	SD9	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.103.
FD3	[...] o lugar e o futuro de Obama na história de seu país não dependem exclusivamente de sua vontade nem de sua capacidade de mobilizar a população americana com uma retórica original e eficiente. Ao trocar o figurino de candidato pelo de presidente, substituindo os símbolos eleitorais por realizações concretas, Obama vai enfrentar o mesmo pesadelo que derrubou as últimas esperanças de seu adversário, o republicano John McCain – o colapso de uma economia que enfrenta sua pior crise em três gerações.	SD10	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.107.
FD3	O candidato democrata fez planos para governar um país que, há 22 meses, quando a campanha teve início, dava a impressão de funcionar num ritmo razoável. O crescimento era moderado, mas real, o desemprego era estável, o crédito mantinha-se farto como nunca. Obama vai tomar posse num ambiente de recessão, desemprego em forte alta (200 mil postos de trabalho foram suprimidos em outubro) e crédito tão escasso que, depois de sumir do sistema financeiro, pode sumir do próprio cartão de crédito.	SD11	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.107.
FD3	O que pode acontecer agora? Ninguém sabe. “A economia já está muito ruim, mas deve piorar até posse” , afirma Thea Lee, diretora do Departamento de Economia da Central sindical AFL-CIO, uma das usinas de votos e recursos na milionária campanha de Obama. Sempre é possível imaginar que, com ajustes aqui e ali, pelo menos algumas das promessas poderão ser cumpridas.	SD12	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.108.
FD3	Na primeira entrevista coletiva como presidente eleito, na tarde da sexta-feira, Obama mostrou-se seguro e determinado. “Um novo presidente pode ter enorme impacto” , disse ele referindo-se aos seus planos para combater a crise.	SD13	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.108.
FD3	“A situação política de Obama é muito favorável: ele teve uma votação clara a seu favor e sua mensagem de mudança foi anunciada desde o primeiro dia” , afirma o historiador Ivan Eland. “Mas a economia pode causar surpresas, muitas delas difíceis de superar. Esse pode ser o grande problema”. O professor Eland lembra que, às vezes, a economia é uma fatalidade que prega peças nos presidentes.	SD 14	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.108.
FD3	Embora o país vá precisar de recursos para enfrentar a pior catástrofe econômica em 80 anos, George W. Bush deixa um cofre vazio e dívidas gigantescas como herança. O déficit	SD15	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.108-109.

	chegou a US\$ 2,5 trilhões. Nenhum analista sério fala em retomada do crescimento em prazos curtos e, sem ânimo nos negócios, ninguém consegue enxergar um pouco de luz no fim do túnel.		
FD3	O atual desastre americano envolve um espetáculo inédito pelos volumes volvidos, pelo potencial destrutivo, pela amplitude internacional e pela alta carga de irracionalidade . Não há confiança, não há segurança, e também não há governo . Cada avanço se faz com extrema dificuldade e em passos muito vagarosos.	SD16	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.109.
FD3	Capaz de comandar uma campanha na qual nem o mais empedernido dos adversários foi capaz de apontar um grande erro, Barack Obama acompanhava os bastidores da crise antes mesmo da contagem dos votos .	SD17	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.109.
FD3	Destacou um dos melhores quadros do Partido Democrata , Lawrence Summers, economista que chegou a secretário do tesouro no governo de Bill Clinton, para funcionar como seu emissário nas conversas com o titular da pasta, Hank Paulson, com quem tem mantido encontros reservados e frequentes nos últimos dias . [...]	SD18	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.109.
FD3	Na primeira nomeação de peso de seu governo, Obama apontou Rahm Emmanuel, deputado de seu estado, Illinois, para um posto que equivale ao de chefe da Casa Civil do governo americano. Antigo homem de confiança de Clinton, Emmanuel tem fama de “não fazer prisioneiros”, expressão que designa operadores sem compaixão com os vencidos. [...] Mas aliados de Obama consideram que a escolha é uma prova do empenho do presidente eleito em defender o próprio governo. “Eu ficaria preocupado se ele começasse a indicar auxiliares medíocres, incapazes de tomar iniciativa, só de abaixar a cabeça” , afirma o pesquisador John Judis, do Brookings Institute, um dos autores do elogiadíssimo livro <i>A construção da Maioria Democrata</i> . (SD 11, T6)	SD19	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.112.
FD3	Judis está convencido de que, com a votação que recebeu, “Obama tem um mandato popular para realizar mudanças e reorganizar o país de outra maneira, e precisará de uma boa equipe para chegar a isso” .	SD20	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.112
FD3	A ideia é que Obama iniciou em sua campanha a construção de uma maioria política capaz de ser a força mais influente da política americana pelas próximas décadas – formada não só por eleitores negros, que lhe deram 96% dos votos, mas também pelas mulheres (56%), pelos hispânicos (66%), pela juventude (65%). [...] “Ele tem condições de mudar o eixo da política americana” , diz Judi.	SD21	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.112.
FD3	Barack Obama venceu a eleição como personagem da afirmação dessa vontade, num país encantado por suas ideias de mudança. A partir de agora, terá de contar com as próprias forças e também como um pouco de sorte – que nunca lhe faltou até aqui – para restabelecer a força do sonho americano .	SD22	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.112.
FD4	À vontade - O senador Barack Obama ajeita a gravata antes de entrar em cena no programa de TV de Oprah Winfrey . Ele conquistou o apoio da apresentadora e terminou o programa sem paletó nem gravata .	SD1	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.76 (legenda da foto).
FD4	Ann Dunham era branca, mas adorava os discursos de Martin Luther King e a música de Mahalia Jackson. Segundo seu filho	SD2	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº

	famoso , Ann achava o ator negro Harry Belafonye o homem mais bonito do mundo.[...]		509, p.79.
FD4	A gota d'água: No último comício da campanha, Obama deixa cair uma lágrima ao falar de sua avó , morta de câncer um dia antes.	SD3	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.106 (legenda da foto).
FD4	De corpo inteiro – o que come, o que ouve, quanto malha e onde se veste Barack Obama.	SD4	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.110.
FD4	Cabelo: Obama aparar o cabelo (com máquina 3) a cada 15 dias, sempre com o barbeiro Zarrif, em Chicago. Na campanha, usou os serviços da estilista de Oprah Winfrey, que não gostou das manchas brancas no cabelo do amigo.	SD5	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.110.
FD4	Ipod: No ipod de Obama rola música dos anos 70 – Steve Wonder, Elton John e Rolling Stones -, muito jazz e dois caras famosos que apoiaram sua candidatura: Bob Dylan e Bruce Springsteen.	SD6	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.110.
FD4	Ternos: O estilista Tom Ford não gosta dos ternos de dois botões de Obama. É uma injustiça. Eles são feitos sob medida pela Hart Schaffner Marx , marca mais tradicional dos Estados Unidos. Cada um deles custa US\$ 1.500 e usa uma mistura de lã e caxemira que ajudam no caimento perfeito, tipo slim fit. Pregas e barra italiana, claro.	SD7	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.110.
FD4	Origens: o biotopo mestiço do presidente resulta da união entre a mãe americana e anglo-saxã , Anne Dunhan, e o pai queniano , Barack Hussein Obama Senior. Como a mãe se casou outra vez, e o pai algumas outras vezes, e ambos viajaram muito, Obama tem seis meios-irmãos africanos e uma meia-irmã indonésia, Maya Soetero-Ng.	SD8	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.110.
FD4	Família: Obama é casado desde 1992 com a advogada Michelle Robinson e tem duas filhas , Malia Ann e Natasha, ou Sasha. As meninas pediram um cachorro para levar à Casa Branca. O pai assentiu.	SD9	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.110.
FD4	Parentes: “Quando minha família se reúne para o Natal ou Ações de Graças, é como as Nações Unidas em miniatura ”, diz Obama. “Tenho parentes que se parecem com (o comediante) Bernie Mac e outros que se parecem com Margaret Thatcher.	SD 10	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.110.
FD4	Renda: Com uma renda anual de US\$ 1, 4 milhão, Obama pode pagar por roupas caras e por muito mais. Ele e a família moram numa casa espaçosa na cidade de Chicago.	SD11	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.110.
FD4	Dieta: No prato dele entra de tudo, de franco frito a brócolis ao vapor. A refeição oficial da campanha foi cheeseburger – com queijo cheddar, por favor.	SD12	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.110.
FD4	Sapatos: De marca desconhecida , eles apareceram quase furados numa foto de fim de campanha. Obama mandou fazer meia-sola.	SD13	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.111.
FD4	Boa forma: Obama é o presidente mais em forma de que se tem notícia. Sua massa corporal de 19,2 provoca inveja até em mulheres jovens. Num país em que 66% da população está acima do peso, foi obrigado a se explicar: “Sou magrelo, mas durão”	SD14	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.111.
FD4	Exercício: A receita da boa forma de Obama: 45 minutos de exercício por dia, seis dias por semana. “Num dia, puxo ferro; no outro, faço exercícios aeróbicos”, disse. Em ocasiões especiais, como a tarde da eleição, o novo presidente cultiva um ritual supersticioso: desafia os amigos para um bom jogo	SD15	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.111.

	de basquete.		
FD4	Vício: Sim, mesmo ele não consegue largar inteiramente o cigarro. “Houve momentos na campanha em que vacilei, fumei e tive de começar a parar de novo”, diz Obama. Sua média era de “uns três” cigarros por dia. No colégio, admite ter sofrido “falhas morais”: diz que fumou maconha, cheirou cocaína e encheu a cara. Uhuuuuuu...	SD16	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.111.
FD4	Biblioteca: O site salon (esqueceu Bill Clinton e) cravou que Obama será o presidente mais letrado das últimas gerações. Entre seus autores preferidos há um clássico (herman Melville, de Mob dick), dois escritores judeus (Philiph Roth e Edgar Doctorow) e uma escritora negra, a prêmio nobel Toni Morisson.	SD17	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.111.
FD4	Leitura: Na campanha, Obama foi fotografado com o livro The post-american World (O mundo pós americano), do jornalista Fareed Zakaria, editor da revista Newsweek e colunista de Época. Pode ser útil nos próximos anos.	SD18	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.111.
FD4	Em forma: Dois dias depois de ser eleito, Obama deixa uma academia de ginástica em Chicago. Ele costuma se exercitar 45 minutos por dia.	SD19	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.112 (legenda foto).
FD5	O fenômeno Obama: por que o senador negro se tornou a estrela das eleições americanas.	SD1	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, capa.
FD5	Mas num país com a credibilidade internacional abalada pela Guerra do Iraque, enfrentando uma grave crise econômica e politicamente travado pela animosidade entre republicanos e democratas, o senador negro Barack Obama está entusiasmando um número impressionante de eleitores de ambos os partidos, de todas as raças e de todas as classes ao propor um novo país, diferente, unificado e cheio de esperanças para todos os seus habitantes.	SD2	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.77.
FD5	Se conseguir a indicação democrata, Obama terá um adversário duro em John McCain, já considerado o vencedor da disputa pela candidatura do Partido Republicano. Mas Obama já é o maior vencedor destas eleições. Muito mais que um candidato, a sucessão de George w. Bush viu nascer não só um dos mais bem-sucedidos políticos negros dos EUA, mas também um novo líder nacional. (*)	SD3	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.77.
FD5	Para muita gente, não se via algo como a “Obamania” desde os tempos de John Kennedy, um dos mais carismáticos presidentes dos EUA, assassinado em 1963.(*)	SD4	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.77.
FD5	“Eu adorava John Kennedy e vi a versão dele para o século XXI ao assistir a Obama interagindo com o público”, disse Newton Minow. Minow, um importante advogado de Chicago, trabalhou na campanha de John Kennedy. E deu a Obama, no fim dos anos 80, um emprego em uma firma de advocacia. Minow acompanhou toda a carreira política de Obama como um conselheiro. [...] Minow, de início, achou que Obama não deveria ser candidato à Presidência. Até vê-lo em campanha. E ver Kennedy nele. “Ele é impressionante e acho que o fundamental é que o país quer um novo tipo de político”, diz Minow.(*)	SD5	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.77.
FD5	Não há grande diferença entre Obama e Hillary quanto à ideologia. Nem quanto aos pontos específicos da plataforma política. Robert Reich, que foi ministro de Bill Clinton em seu	SD6	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.79.

	primeiro mandato e hoje apoia a candidatura de Obama, usa a palavra “magia” para justificar sua preferência pelo senador. “Quanto mais perto dele se chega, mais se percebe que sua magia está antes no efeito que exerce sobre os outros do que em qualquer proposta política específica”, diz.		
FD5	Os que ainda estão indecisos dentro do Partido Democrata acham que essa é uma disputa entre a experiência, representada por Hillary, e a mudança, encarnada por Obama. Ou entre a eficiência e o sonho. [...]	SD7	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.79.
FD5	No debate que antecedeu as primárias de Nevada, em janeiro, o senador afirmou acreditar que o cargo de presidente tem pouco a ver com administrar com eficiência. “Ele envolve ter uma visão de aonde o país quer chegar ”, disse. “E então ser capaz de mobilizar e inspirar o povo americano para se juntar a essa agenda de mudança.”	SD8	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.81.
FD5	Paul Krugman, por exemplo. O economista e colunista do New York Times diz não se lembrar de uma campanha democrata tão disputa e tão áspera. “A maior parte do veneno tem vindo dos partidários de Obama”. “Não sou o primeiro a observar que a campanha de Obama parece de maneira perigosa com um culto à personalidade. Tivemos isso no governo Bush. E não queremos isso de novo”, escreveu.	SD 9	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.81.
FD5	Os seguidores mais fiéis de Obama têm sido chamados de Obâmatos, os autônomos de Obama, ou obamaníacos. “Essa campanha não é sobre mim”, disse Obama ao lançar sua candidatura em Chicago. “Eu sou apenas um veículo imperfeito para os seus sonhos e esperanças”. Até agora, no entanto, são o carisma e a personalidade do senador negro que o transformaram na maior estrela das eleições de 2008. Não importa que vença.	SD 10	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.81.
FD5	Por que o mundo quer Obama	SD11	Texto 2. Época 03/11/2008 Nº 546, capa.
FD5	Em 32 dos 51 Estados americanos o eleitor pode votar antes da data da eleição. Neste ano, dado o entusiasmo que a disputa provoca, 12 milhões dos 213 milhões de eleitores cadastrados já votaram – maciçamente em Obama.	SD12	Texto 2. Época 03/11/2008 Nº 546, p.88.
FD5	Outro indicador do carisma de Obama foi colhido fora dos estados Unidos. O Instituto Gallup entrevistou milhares de pessoas em 76 países, entre maio e outubro deste ano. Descobriu que 24% preferem o democrata como presidente – e apenas 7% escolheriam McCain. O mundo, claramente, prefere Obama. “Os europeus estão hipnotizados por ele”, diz Jean-Pierre Lehmann, professor da escola suíça de negócios IDM. “Se for eleito, ele poderá se tornar mais popular que Kennedy”. (*)	SD13	Texto 2. Época 03/11/2008 Nº 546, p.88.
FD5	Acompanhar e torcer pela eleição americana não é um exercício fútil de internacionalismo. Trata-se de legítimo interesse próprio. Os eventos nos mercados financeiros desde o último dia 15 de setembro deixaram claro que aquilo que acontece nos Estados Unidos diz respeito não só aos americanos, mas a todos nós.	SD14	Texto 2. Época 03/11/2008 Nº 546, p.88.
FD5	O resultado da eleição do dia 4 pode afetar o plantador de cana em Ribeirão Preto, no interior de São Paulo, e o terrorista mulçumano oculto nas montanhas do Afeganistão. O primeiro pode sentir a imposição ou a retirada de sobretaxas	SD15	Texto 2. Época 03/11/2008 Nº 546, p.88.

	sobre o etanol brasileiro, enquanto o segundo vai morrer ou triunfar dependendo das políticas adotadas pelo novo presidente contra os talebans.		
FD5	Está claro, a esta altura, que, mesmo antes da vitória, Obama está em processo de canonização. O Jornal <i>New York Times</i> endossou sua candidatura em termos quase hagiográficos. A revista inglesa The Economist contrariou seus instintos ideológicos e também apoiou o candidato democrata , embora ele não seja tão afinado com o discurso liberal da publicação.	SD16	Texto 2. Época 03/11/2008 Nº 546, p.89.
FD5	O mundo prefere Obama , mas cabe apenas ao eleitorado americano elegê-lo.	SD17	Texto 2. Época 03/11/2008 Nº 546, p.90.
FD5	Sob inspiração de Obama , o Partido Democrata ganhou um novo governo estadual, consolidou a maioria no Senado – por 56 votos a 44, sem contar os três Estados com apurações mais demoradas – e reforçou a vantagem da Casa de Representantes, que agora é de 257 deputados contra 178.	SD18	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.107.
FD5	Em 20 de janeiro de 2009, Barack Obama entrará na Casa Branca para governar o país mais poderoso do planeta, que possui a maior economia e alimenta a cultura mais influente. “Obama é a liderança que os Estados Unidos precisam”, diz Daryl Clay, contador numa igreja evangélica de Washington. Nos últimos dez meses, ele dedicou suas horas livres à máquina de 5 milhões de voluntários que ajudaram a carregar a candidatura de Barack Obama até a vitória –e, na terça-feira à noite, levou a mulher para se manifestar em frente à Casa Branca	SD19	Texto 3. Época 10/11/2008 Nº 547, p.107.
FD6	Para muita gente, não se via algo como a “Obamania” desde os tempos de John Kennedy, um dos mais carismáticos presidentes dos EUA , assassinado em 1963.(*)	SD1	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.77.
FD6	“Eu adorava John Kennedy e vi a versão dele para o século XXI ao assistir a Obama interagindo com o público”, disse Newton Minow. Minow, um importante advogado de Chicago, trabalhou na campanha de John Kennedy. E deu a Obama, no fim dos anos 80, um emprego em uma firma de advocacia. Minow acompanhou toda a carreira política de Obama como um conselheiro. [...] Minow, de início, achou que Obama não deveria ser candidato à Presidência. Até vê-lo em campanha. E ver Kennedy nele. “Ele é impressionante e acho que o fundamental é que o país quer um novo tipo de político”, diz Minow.(*)	SD2	Texto 1. Época 18/02/2008 Nº 509, p.77.
FD6	O personagem central da eleição atual é Barack Hussein Obama, de 47 anos, o primeiro negro com chance de se tornar presidente num país que até 1963 praticava a discriminação legal. Sua ascensão é um exemplo espetacular da capacidade de auto-regeneração americana. Ela constitui uma revolução política e social, maior do que foi, em sua época, a vitória do católico Kennedy, presidente aos 43 anos.(*)	SD3	Texto 2. Época 03/11/2008 Nº 546, p.85.
FD6	Outro indicador do carisma de Obama foi colhido fora dos estados Unidos. O Instituto Gallup entrevistou milhares de pessoas em 76 países, entre maio e outubro deste ano. Descobriu que 24% preferem o democrata como presidente – e apenas 7% escolheriam McCain. O mundo, claramente, prefere Obama. “Os europeus estão hipnotizados por ele”, diz Jean-Pierre Lehmann, professor da escola suíça de negócios IDM. “Se for eleito, ele poderá se tornar mais popular que	SD4	Texto 2. Época 03/11/2008 Nº 546, p.88.

	Kennedy”.(*)		
FD7	A história de Obama se assemelha, de alguma forma, à do presidente Lula, um nordestino , sindicalista e sem diploma – uma combinação biográfica que, em outros tempos, não lhe permitira chegar nem perto do Palácio do Planalto.	SD1	Texto 2. Época 03/11/2008 Nº 546, p.86.
FD7	Como Obama, Lula superou preconceitos . Sua vitória tornou mais arejada a vida pública brasileira. Como Lula, Obama promete usar a renda e o poder do Estado para corrigir injustiças sociais. Como Lula, Obama desperta esperanças enormes e, provavelmente, injustificadas . Se tiver sorte e debelar a crise econômica ao longo de seu mandato, Obama poderá ser comparado a Roosevelt – como Lula já foi comparado a Getúlio Vargas , o grande herói das massas trabalhadoras brasileiras.	SD2	Texto 2. Época 03/11/2008 Nº 546, p.86.
FD7	Há também grandes diferenças ente Obama e Lula . Obama pertence a uma minoria cultural, faz parte da mais refinada elite americana. Formou-se em Direito com distinção em Harvard, uma das melhores universidades do mundo. Casou-se com uma advogada empresarial bem-sucedida, Michelle. Viveu com ela e com as duas filhas numa luxuosa casa de Chicago. Embora jovem, já venceu duas eleições legislativas, escreveu dois (bons) livros autobiográfico e conquistou fama de excelente orador. É um homem culto, hábil, muito acima da média em inteligência .	SD3	Texto 2. Época 03/11/2008 Nº 546, p.86.
<p>Legenda: (*) Se refere às Sequências Discursivas que estão presentes em mais de uma Formação Discursiva. FD1 – Uma vida de superação: 30 SDs (número total de SDs de cada uma) FD2 – Um marco histórico: 23 SDs FD3 – Apesar das inseguranças do futuro, a melhor alternativa: 22 SDs FD4 – A celebridade: 19 SDs FD5 – Um fenômeno, muito mais que um político: 19 SDs FD6 – O novo Kennedy: 04 SDs FD7 – Obama é Lula? : 03 SDs</p>			